

Suely Aires Pontes

**De Sistema Psíquico a Tropeço da Fala:
variações do conceito de inconsciente na psicanálise**

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Osmyr Faria Gabbi Júnior.

BANCA

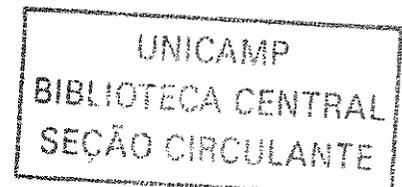
Prof. Dr. Osmyr Faria Gabbi Júnior – orientador

Prof. Dr. Oswaldo Giacoia Júnior

Prof. Dr. Richard Theisen Simanke

Prof. Dr. Luiz Benedicto Orlandi (suplente)

Universidade Estadual de Campinas
Dezembro de 2003



Suely Aires Pontes

**De Sistema Psíquico a Tropeço da Fala:
variações do conceito de inconsciente na psicanálise**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Filosofia do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas sob a orientação do Prof.
Dr. Osmyr Faria Gabbi Jr.

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida e
aprovada pela Comissão Julgadora
em 11 / 12 / 2002

BANCA



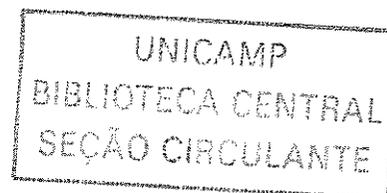
Prof. Dr. Osmyr Faria Gabbi Jr.

Prof. Dr. Oswaldo Giacoia

Prof. Dr. Richard Theisen Simanke

Prof. Dr. Luiz Benedicto Orlandi (suplente)

DEZEMBRO/2003



Resumo

Neste trabalho nos propomos comparar as diferenças de uso e de construção do conceito de inconsciente na psicanálise freudiana e lacaniana à luz das críticas formuladas por Politzer, em especial em relação aos pressupostos de anterioridade do significado e do mito do teatro interno. De forma tangencial, discutiremos as implicações clínicas do conceito de inconsciente.

Palavras-chave: inconsciente, psicanálise, filosofia, Freud, Lacan, Politzer.

Abstract

This research is aimed to compare the differences in the use and in the formulation of the concept of unconscious based on the Freudian and Lacanian psychoanalysis brought to light by Politzer critics, concerning the assumption of the anteriority of the meaning and the myth of the inner theater. Furthermore, we will discuss the clinical implications of the concept of unconscious.

Key-words: unconscious, psychoanalysis, philosophy, Freud, Lacan, Politzer.

Agradecimentos

A **Pedro**, pelo apoio e amor diários, quando as pequenas coisas fazem diferença.

Aos meus pais, Aires e Salette, pelo amor e confiança.

Aos meus irmãos, pelo companheirismo de uma vida.

À CAASAH, nas pessoas de Celeste e Naiara, pelo apoio prestado nas mais diversas situações.

Aos Profs. Oswaldo Giacoia e Richard Simanke pela leitura atenta e contribuições valiosas no exame de qualificação.

Ao Grupo de Estudos de Filosofia da Psicanálise, pela amizade, aprendizado e troca.

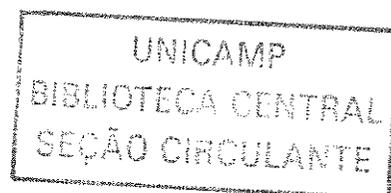
Ao Grupo de Estudos sobre Wittgenstein, em especial ao Prof. Arley Moreno.

Ao Grupo de Estudos de Psicanálise e Linguagem, em especial à Profa. Nina Virgínia de Araújo Leite.

Às Grandes amigas Claudinha e Victória, pela paciência de ler rascunhos.

Aos novos amigos de Campinas que me ajudaram a repensar a amizade e a filosofia. Aos velhos amigos de Salvador, pela presença e carinho constantes.

Um agradecimento **especial** ao Prof. Osmyr, pelas aulas simultaneamente instigantes e esclarecedoras. Pela possibilidade de uma nova forma de pensar a psicanálise.



RETICÊNCIAS

**Desconfio muito que esses três pontinhos misteriosos
foram a maior conquista do pensamento ocidental...**

(Mário Quintana)

Sumário

	Pág.
Introdução	01
Capítulo I	
A 'Descoberta' Freudiana	13
1. Construção do Conceito de Inconsciente	20
1.1. 1895: primeiras descobertas	20
1.2. 1900: desejos inconscientes	22
1.3. 1915: teoria sistêmica	27
1.4. 1920: a segunda tópica	35
2. Implicações Clínicas do Conceito de Inconsciente	39
3. Algumas Considerações	43
Capítulo II	
Politzer e a Psicologia Concreta	49
1. A Definição de Fato Psicológico	53
1.1. O Drama como Fato Psicológico Concreto	57
2. O Mito do Teatro Interno	60
2.1. A Introspecção como Método de Investigação da Vida Interior	64
3. O Significado como Preexistente ao Relato	67
3.1. Conteúdo Manifesto e Conteúdo Latente	70
4. O Inconsciente	74
5. Considerações sobre a Crítica Politzeriana à Psicanálise	79
Capítulo III	
O Inconsciente Estruturado como Linguagem: a 'solução' lacaniana	83
1. Antes de 1953: a busca de novos conceitos	84
2. O Encontro com Lévi-Strauss	88
3. Inconsciente e Linguagem: uma articulação necessária	96
3.1. O Inconsciente é Estruturado como Linguagem	108
4. Estruturas Topológicas	114
5. Implicações Clínicas da Teoria Lacaniana	117
6. Algumas Considerações	122
Conclusão	125
Bibliografia	131

Introdução

O inconsciente é freqüentemente considerado como o conceito *princeps* da psicanálise, não apenas por seu valor diferencial em relação a outras teorias do psiquismo, mas também devido à importância dada por Freud ao mesmo na construção da teoria. No entanto, há grandes divergências quanto à significação e extensão daquilo que se entende por inconsciente. Neste trabalho, nos propomos comparar as diferenças de uso e de construção do conceito de inconsciente na psicanálise freudiana e lacaniana à luz de um direcionamento particular: o uso de expressões e propriedades relativas a objetos físicos para se referir a objetos mentais, gerador de efeitos danosos para a teoria psicanalítica. Um dos maiores efeitos dessa impropriedade gramatical é a suposição do inconsciente como uma instância psíquica ‘descoberta’ por meio da técnica psicanalítica e a conseqüente elisão da dimensão hipotética do termo.

No Capítulo 1, abordaremos de forma detalhada o percurso freudiano de construção da noção de inconsciente desde suas primeiras conceituações em *Estudos sobre Histeria* quando, antes de sua aceção como sistema psíquico, o inconsciente era utilizado apenas em sentido adjetivo ou adverbial. O uso substantivo do conceito - que aparece de forma muito rara nesse momento (1895) - surge como uma primeira modificação de linguagem feita por Freud que visa a constituição de uma terminologia própria à psicanálise. Esse afastamento da linguagem ordinária por meio da substantivação parece indicar a denotação de algo com existência real, induzindo a uma compreensão substancializada do inconsciente.

A substantivação do termo inconsciente ganha amplitude depois de 1900, em *A Interpretação dos Sonhos*, quando a suposição da existência de impulsos impregnados de desejo - fundamento necessário para uma equivalência entre o procedimento psicanalítico de interpretação dos sonhos e o método para solucionar sintomas histéricos - toma como apoio a noção de inconsciente, lugar psíquico onde esses impulsos ficam retidos enquanto não conseguem expressão. Esse argumento conduz simultaneamente a dois problemas: (1) a substancialização dos processos psíquicos e (2) a espacialização do inconsciente como interioridade. Ambos os problemas decorrem do uso freudiano de uma mesma linguagem para se referir a objetos físicos e objetos mentais, de modo que ela acaba por desconsiderar as diferenças categoriais em jogo.

Se o início da confusão entre empírico e conceitual se dá pela terminologia utilizada, sua ampliação se deve ao ideal de cientificidade de Freud¹. Ao tomar a física como ideal de ciência, Freud se preocupa em validar empiricamente as construções psicanalíticas e apresenta interpretações como se fossem explicações, reivindicando o caráter de descoberta científica à descrição realizada. Na perspectiva freudiana, a ciência surge como uma tradução ou afiguração de uma realidade efetiva, de modo que parece se tratar de um mesmo conteúdo apresentado em versões distintas². Por conseguinte, Freud pode supor a linguagem figurada da psicanálise - suas famosas analogias e metáforas - como formas mitológicas necessárias para descrever os processos psíquicos³, inabordáveis sem tais recursos. Cabe destacar que, por ser um fiel defensor da ciência como forma

¹A proposta de Freud é construir uma psicologia científica e naturalista. Segundo Gabbi Jr, "*uma psicologia natural tem as seguintes características: (a) toma a física como modelo, (b) supõe que não haja diferença essencial entre fatos físicos e fatos psicológicos e (c) explica os processos pela sua gênese*" in GABBI JR, O. Notas a Projeto para uma Psicologia. Rio de Janeiro: Imago, 2003, p. 19.

²Cf. KIMMERLE. G. Denegação e Retorno. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 2000, pags. 131 e segs.

³ Cf. FREUD, S. Por Que a Guerra? (1932a), ESB, vol. XXII, p. 254.

máxima e mais elaborada do pensamento humano, Freud busca inscrever a psicanálise no campo das ciências de sua época⁴, por um lado, construindo uma teoria de caráter explicativo e, por outro, evitando uma aproximação entre a psicanálise e a religião ou a filosofia.⁵

Em 1915 Freud busca justificar a criação do conceito de inconsciente e a validade da aplicação dessa noção para referir-se a uma instância psíquica possuidora de características próprias. Na obra '*O Inconsciente*' - sobre o qual nos deteremos de forma pormenorizada no Capítulo 1 - a hipótese conceitual freudiana é apresentada como necessária para o esclarecimento de um dado campo da experiência psicanalítica: as lacunas no relato dos pacientes quando estes se referem a seus sonhos ou sintomas. No entanto, ao longo do texto, estas lacunas do relato são simultaneamente apresentadas como dados colhidos na experiência analítica e como provas empíricas da existência do sistema inconsciente. Por conseguinte, a hipótese freudiana do inconsciente se torna irrefutável e ganha ares de 'descoberta' empírica. Nesta obra, quando propõe a construção de um aparelho mental composto por diversos sistemas psíquicos - que toma como modelo a neurologia e suas estruturas materiais - Freud traz para o seio da psicanálise a problemática relativa à substancialização e espacialização do inconsciente.

Poderíamos dizer, de forma resumida, que o problema que se coloca para qualquer revisão da metapsicologia de Freud é como dar um status explicativo à psicanálise - como ciência do inconsciente - sem produzir uma metapsicologia que tome o mundo físico como

⁴Se tomarmos a divisão do campo científico, característica da segunda metade do século XIX, entre ciências do espírito (Geisteswissenschaften) e ciências naturais (Naturwissenschaften), podemos perceber o posicionamento freudiano como uma opção pela segunda, já que este autor busca não apenas descrever, mas explicar o funcionamento da mente humana.

⁵ Como efeito de seu preconceito cientificista, Freud supõe que a filosofia e a religião constituem o campo das explicações falsas e/ou auto-ilusões.

modelo do mundo mental. Nesse momento, em nosso trabalho, nos parece útil o uso das idéias de Politzer, pois se a crítica à confusão conceitual freudiana já foi realizada por diversos autores, apenas Politzer nos permite, por meio da identificação dos postulados da psicologia clássica, detalhar os pressupostos freudianos que o induzem a uma confusão entre empírico e conceitual.

No Capítulo 2 apresentamos as idéias de Politzer e sua relação com a teoria freudiana. Este autor, que se dedicou a realizar uma crítica dos fundamentos da psicologia, parece-nos relevante não apenas pela pertinência de seu trabalho, mas também pela influência que exerceu sobre Lacan - autor sobre cuja obra nos deteremos no Capítulo 3. A proposta politzeriana consiste em questionar o estatuto científico e filosófico do objeto da psicologia e criticar a impessoalidade desta 'ciência', por meio da identificação dos pressupostos que mantêm a psicologia no campo das abstrações - não representativas do drama do agente particular. Apresentaremos a seguir, de forma resumida, estes pressupostos⁶ e sua relação com a teoria psicanalítica.

A crença de que *o psicológico é, em sua essência, algo elementar* constitui-se no **primeiro postulado** da psicologia clássica. Na concepção psicanalítica a compreensão do fato psicológico - sonho ou sintoma - dá-se por meio dos referenciais da vida particular de um agente concreto, de modo que podemos considerar que a psicanálise rompe com esse pressuposto ao abordar o psíquico como totalidade de vivências subjetivas.

O fato psicológico é um dado perceptivo é a **segunda assertiva** constituinte da psicologia clássica. A doutrina freudiana rompe com esse postulado ao afirmar que, para

⁶ Tomamos como referência o texto de Gabbi Jr, O. 'A Eterna Juventude da Psicologia: o caso da psicanálise' in POLITZER, G. Crítica dos Fundamentos da Psicologia e da Psicanálise. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

dar ao elemento psicológico seu lugar na totalidade, são necessárias mediações. O fato psicológico não é apreendido de forma imediata pela percepção, ele é interpretado pelo agente em sua análise⁷.

A **terceira tese** da psicologia clássica - *a vida interior é uma reprodução da vida exterior* - traz complicações para a doutrina freudiana, como já assinalamos anteriormente, por fazer uso de uma mesma gramática para se referir aos objetos do mundo externo e aos supostos objetos do mundo interno. A dualidade da psicanálise torna-se clara: enquanto, para Politzer, o método psicanalítico dispensa o mito da interioridade por centrar-se sobre os atos do agente e as interpretações do analista, a teoria freudiana reintroduz a noção de vida interior por meio do conceito de inconsciente, já que este é apresentado como um sistema psíquico, dotado de vida própria, determinando os atos do sujeito à revelia da consciência. Ou seja, o conceito de inconsciente traz para o cerne da psicanálise o mito do teatro interior que a prática freudiana havia expulsado.

O **quarto pressuposto** - *o psíquico resulta de processos* - é rompido pela técnica psicanalítica, embora se mantenha nas teorizações metapsicológicas. Enquanto no procedimento clínico freudiano, o psíquico é apresentado como consequência de atos de um agente concreto - história individual, acontecimentos traumáticos e organização familiar e edípica - na metapsicologia deparamo-nos com explicações que recorrem a conceitos tais como repressão, sublimação, etc - ou seja, conceitos que se referem a processos internos ao agente. O caráter inovador da psicanálise ancora-se na construção de um novo método de

⁷ No entanto, em vários momentos Freud apresenta a consciência - seguindo o modelo clássico - como percepção interna de objetos. Cf. BOUVERESSE, J. Wittgenstein Reads Freud: the myth of the unconscious. Princeton: Princeton Univ. Press, 1995 e JOHNSTON, P. Wittgenstein: rethinking the inner. London: Routledge, 1993.

abordagem, método este não introspectivo: a associação livre. Em sua técnica clínica, Freud não tem necessidade de recorrer a processos internos para abordar o fato psicológico, possibilitando que o agente tome o primeiro plano.

O **quinto pressuposto** da psicologia clássica - o *significado é anterior ao relato* - mantém-se na psicanálise pela noção de saber inconsciente. Os conteúdos latentes, grupos mnemônicos não disponíveis à consciência, constituem esse saber; ou seja, existem lembranças que estão ausentes do relato do agente, por estarem 'arquivadas' no inconsciente. A crença de que o conteúdo - inconsciente ou latente - preexiste ao relato, baseia-se na idéia de que há uma significação verdadeira a ser descoberta sob a narrativa. Politzer aponta que, tomado nessa perspectiva, o relato perde sua dimensão concreta, mantendo-se a serviço de uma abstração da teoria: o saber inconsciente.

Por meio desses pressupostos, Politzer pretende submeter a exame a estrutura teórica criada por Freud buscando averiguar os traços de psicologia concreta contidos na psicanálise. Em sua análise, considera que há uma grande distância entre a teoria presente na metapsicologia e a teoria embutida na prática clínica, pois enquanto a primeira parece receber maior influência da psicologia clássica, a segunda antecipa uma visão concreta do homem. Dentre os diversos conceitos presentes na metapsicologia freudiana é justamente o conceito de inconsciente que se mostra devedor da forma clássica de pensar o sujeito humano: forma que retira do agente sua condição singular e reenvia o comportamento humano ao campo das abstrações. Como consequência dessa análise, Politzer propõe excluir o inconsciente do cerne da teoria psicanalítica.

No Capítulo 3, expomos a concepção lacaniana de inconsciente que supomos devedora da crítica politzeriana. Apesar de não nos ser possível dizer que Lacan produziu

uma nova psicologia no sentido politzeriano - ou seja, uma psicologia concreta - acreditamos poder demonstrar que Lacan se afasta progressivamente dos postulados da psicologia clássica no que tange à conceituação de inconsciente. Cabe-nos deixar claro que a psicanálise lacaniana, tal qual a freudiana, não atenderia às expectativas de Politzer de construção de uma ciência do psicológico em primeira pessoa por recair em enganos próprios da psicologia clássica - o formalismo é um bom exemplo. Neste trabalho, nosso intuito é realizar um percurso histórico e conceitual da produção lacaniana em relação ao conceito de inconsciente, nos detendo no período de 1953 a 1966, quando a opção lacaniana pela articulação entre inconsciente e linguagem parece evitar a recorrência aos pressupostos da anterioridade do significado e do mito do teatro interior.

Nos textos anteriores a 1953 - ano de produção do Discurso de Roma⁸ - Lacan parece ter atendido à crítica politzeriana e excluído o inconsciente da psicanálise, pois não encontramos um uso efetivo desse conceito como fundamento teórico para explicar o comportamento humano. Na busca de orientar a psicanálise em direção ao concreto, Lacan apresenta noções tais como a de personalidade, complexo ou imago para abordar o psiquismo do homem, considerando que a ordem social seria a condição para a determinação da conduta do agente particular - estaríamos nos aproximando do campo de uma antropologia antiindividualista⁹.

⁸ LACAN, J. *Fonction et Champ de la Parole et du Langage en Psychanalyse in Écrits*. Paris: Ed. du Seuil, 1966. Este texto se constitui em marco da virada do pensamento lacaniano em direção ao simbólico, quando propõe uma aproximação entre inconsciente e linguagem.

⁹ Cf. SIMANKE, R. A Letra e o Sentido de um 'Retorno a Freud' de Lacan: a teoria como metáfora *in* SAFATLE, V. *Um Limite Tenso*. São Paulo: UNESP, 2003, p. 278.

O encontro com a antropologia de Lévi-Strauss no final da década de 40 permitiu a Lacan modificar o conceito de inconsciente¹⁰ - de modo a mantê-lo como pedra fundamental da teoria psicanalítica - sem se afastar do projeto politzeriano de construção de uma psicologia concreta. Ao pronunciar o Discurso de Roma, Lacan apresenta uma nova visão da psicanálise e da prática clínica - é necessário um critério objetivo para dar suporte ao analista em sua práxis. Este critério nada mais é do que a dimensão da fala tomada em sua materialidade, como elemento concreto que representa o homem particular situado historicamente. Não se trata, pois, de supor ou intuir resistências ou intenções, mas de lidar com as representações subjetivas que estão em jogo na fala dirigida a outro. A articulação entre inconsciente e linguagem, oferecida por Lévi-Strauss, permite a Lacan apresentar o inconsciente como ultrapassagem da intenção significativa do sujeito pela dimensão significante, ou seja, como sendo a parte do discurso que falta ao sujeito para manter a linearidade da narrativa consciente.

O recurso à linguagem possibilita uma saída do impasse freudiano de representação do inconsciente como instância interna ao sujeito devido à transindividualidade da fala; ou seja, por ser, como discurso, um produto historicamente individualizado produzido por um agente particular, e por ser simultaneamente uma produção simbólica que supõe a presença do outro. Na concepção lacaniana, o relato do paciente não restitui qualquer realidade subjetiva - como reprodução exteriorizada de um mundo interior, tal como parecia supor Freud - mas produz uma significação mítica, no próprio ato de expressão.

¹⁰ Ao articular ordem simbólica, linguagem e inconsciente, Lévi-Strauss renuncia a uma concepção de inconsciente como interioridade individual e inefável, apresentando-o como termo designador de uma função especificamente humana, a função simbólica que “*em todos os homens se exerce segundo as mesmas leis*”. A possibilidade de uma contribuição contínua entre individual/psíquico e social sugere a possibilidade de utilizar o inconsciente como termo mediador entre o eu e o outro, em seu desenrolar sócio-histórico.

subjetiva - como reprodução exteriorizada de um mundo interior, tal como parecia supor Freud - mas produz uma significação mítica, no próprio ato de expressão.

A articulação entre inconsciente e linguagem alcança seu ponto máximo em 1960, quando da enunciação do famoso aforismo lacaniano '*o inconsciente é estruturado como uma linguagem*'. Supomos que a produção de tal fórmula se deva à necessidade de esclarecimento do projeto lacaniano - extirpar os pressupostos clássicos do campo da psicanálise freudiana - a fim de evitar leituras equivocadas, tais como as realizadas por Laplanche e Leclaire no Congresso de Bonneval¹¹. No entanto, apenas em 1964 - *Le Seminaire 11: Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse* - Lacan vai responder ao artigo de seus ex-alunos e explicitar a diferenciação entre sua proposta e a concepção de inconsciente proferida por Freud. Para tanto abordará alguns pontos fundamentais da teoria freudiana do inconsciente já criticados por Politzer: a presença dos postulados da anterioridade do significado e do mito do teatro interior como reprodução da vida externa. Ao longo do seminário Lacan ironiza a referência espacializante do inconsciente como interioridade e a noção de intencionalidade inconsciente como um processo abstrato e independente do agente.

O recurso de Lacan à lingüística parece marcar a tentativa de dar à psicanálise um lugar entre as ciências humanas, desvinculando-a das pretensões de ciência natural em formação, tal como Freud¹² propunha. A busca continuada de uma formulação mais precisa para a psicanálise faz com que Lacan se aproxime progressivamente do campo da topologia, ramo da matemática que se propõe a estudar as relações invariantes de uma dada

¹¹ Cf. ROUDINESCO, E. História da Psicanálise na França: a batalha dos cem anos – vol. 2: 1925-1985. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 328 e segs.

¹² Cf. FREUD, S. A Questão de uma Weltanschauung (1932b), ESB, vol. XXII, p. 193.

estrutura geométrica flexível. Esse novo movimento do pensamento lacaniano não abandona o referencial estruturalista, apenas amplia seu campo de investigação de modo a denunciar a insuficiência da linguagem para abordagem do psiquismo humano. Em nosso trabalho, passaremos de forma rápida sobre este ponto, nos propondo apenas a levantar algumas questões na conclusão da dissertação. Durante todo o capítulo, mantemos como eixo de avaliação da conceituação lacaniana de inconsciente os postulados politzerianos, de modo a destacar a noção lacaniana de inconsciente como hipótese útil à compreensão do comportamento humano.

Algumas implicações clínicas do conceito de inconsciente - tal como formulado por Freud e Lacan respectivamente - serão debatidas ao final dos capítulos 1 e 3, pois nos parece interessante apontar a relação, tão subestimada, entre teoria e clínica, de modo a indicar impasses que surgem como consequência dos pressupostos teóricos em jogo em cada teoria. Cabe-nos também destacar a diferença, tanto teórica quanto clínica, entre a psicanálise freudiana e a psicanálise de orientação lacaniana, malgrado a tendência de certas interpretações em supor uma continuidade entre os autores como representativa dos avanços do campo psicanalítico.

De modo resumido, nosso trabalho se constitui de **Capítulo 1**: uma apresentação da noção de inconsciente em Freud - já apontando o uso de uma mesma gramática para se referir aos objetos psíquicos e aos objetos físicos, presente na argumentação freudiana. **Capítulo 2**: a crítica de Politzer à teoria freudiana - por meio da identificação dos pressupostos que subjazem à obra de Freud, como desdobramento e enriquecimento do reconhecimento da confusão entre empírico e conceitual. E **Capítulo 3**: a apresentação da

noção de inconsciente em Lacan tendo com eixo de avaliação os postulados da psicologia clássica identificados por Politzer. A **conclusão** pretende apontar alguns impasses da teoria lacaniana em relação aos pressupostos de Politzer, bem como levantar questões pertinentes para uma investigação posterior que tenha como tema a articulação do inconsciente com outros conceitos da teoria de Lacan.

Capítulo I

A ‘DESCOBERTA’¹ FREUDIANA

Nesse capítulo nos propomos apresentar a construção do conceito de inconsciente ao longo da obra freudiana, seguindo um eixo condutor particular: a extensão de expressões e propriedades relativas a objetos físicos para se referir a objetos mentais presente nos argumentos freudianos. Cabe destacar que não estamos aqui buscando verificar a exatidão ou justeza das construções freudianas, mas discutir a natureza de seus argumentos teóricos. Para realizar esse intento, optamos por uma apresentação histórica do conceito de inconsciente, permeada por considerações críticas.

Antes de iniciar este percurso, nos deteremos sobre uma questão que se coloca como fundamental para nosso propósito: a concepção freudiana de linguagem em sua relação com o pensamento e o mundo externo. Acreditamos poder defender que o modo como Freud constrói sua teoria aponta para uma tensão entre concepções distintas de linguagem, gerando ambigüidades em sua argumentação. A importância dessa questão se ancora na suposição de que o uso de uma mesma gramática para se referir a objetos físicos e mentais está diretamente relacionado com a concepção freudiana da denotação como função básica da linguagem.

Em momentos distintos de sua obra², Freud parece tomar como verdadeiras as seguintes proposições: (1) o pensamento se diferencia da linguagem; (2) a linguagem

¹ Ao longo do capítulo, faremos uso do termo ‘descoberta’ entre aspas, para indicar a possível confusão relativa à hipótese do inconsciente. Esta nova forma interpretativa de encarar o psiquismo é freqüentemente apresentada como descoberta empírica.

funciona como índice para o pensamento, tendo como função básica denotar as representações de modo a espelhar de forma apropriada a realidade externa - nessa perspectiva, o sujeito surge como agente isolado que constrói figurações de si e do mundo; e (3) a linguagem organiza o pensamento - as imagens de si e do mundo são constituídas pela mediação de uma outra pessoa. A contradição presente nas assertivas anteriores traz para o seio da psicanálise uma tensão que se manifestará de diversas maneiras, uma das quais sendo apresentada de forma exemplar na argumentação freudiana em torno do grito do bebê humano nas vivências de satisfação e de dor, quando se apresentam concepções opostas quanto à constituição do sujeito e da linguagem³.

Na vivência de satisfação, o grito funciona como uma válvula de escape para o aumento quantitativo produzido, por exemplo, pela fome, não se apresentando como uma palavra, mas como uma ação específica de eliminação. No entanto, este mesmo grito ganha a função secundária de atrair a atenção do agente prestativo, que atende às necessidades da criança e passa a atribuir à mesma uma intencionalidade. Progressivamente, a criança aprenderia a utilizar o grito para produzir efeitos sobre o outro, que por meio de suas reações formaria os primeiros performativos do bebê. Nessa perspectiva, a subjetividade seria constituída por elementos externos, mediante os quais o agente passaria a representar sua 'interioridade'.

² Estamos tomando como referência algumas passagens de Projeto para uma Psicologia Científica (1895), Estudos sobre Histeria (1893-1895), Interpretação dos Sonhos (1900) e A Significação Antitética das Palavras Primitivas (1910), ESB, vols. I, II, IV, V e XI.

³ Para maior aprofundamento, cf. GABBI JR. Alice e a Metapsicologia: a psicanálise como teoria do contra-senso. Campinas: UNICAMP, CLE, 1992. As alterações feitas a este texto, que ainda estão inéditas, ampliam e enriquecem consideravelmente o argumento apresentado em 1992. Para discutir a questão em torno das formas de concepção da subjetividade, cf. GABBI JR. Notas sobre Linguagem e Pensamento em Freud. Campinas: UNICAMP, CLE, 1999.

Na vivência dolorosa, o grito teria como função recordar o desprazer produzido em situações similares, de modo a denotar o objeto hostil e evitar a dor. O agente seria constituído de forma autônoma, sem necessidade da participação de um outro prestativo. Ou seja, a subjetividade é apresentada como autônoma, sendo anterior à constituição de uma exterioridade. Na vivência de dor, o grito, como palavra primeira, teria a função de denotar o pensamento.

Esta separação entre o grito como apelo e o grito como meio de eliminação - ancorada na distinção entre vivência de dor e vivência de satisfação tal como trabalhada em *'Projeto para uma Psicologia Científica'* (1895) e tendo como efeito concepções opostas de subjetividade⁴ - mantém-se nas construções posteriores da teoria freudiana, embora nas argumentações metapsicológicas, seja proeminente a apresentação da linguagem como tendo a função básica de denotar. A consequência direta desta concepção é a suposição de que, ao falar, o agente realiza uma descrição e designação de suas sensações e pensamentos - mundo interno - e dos objetos físicos - mundo externo.

Por sua vez, esta concepção está ancorada na crença freudiana de que as palavras tiveram um sentido literal quando de sua origem, como designação das representações produzidas pelas sensações corporais. Só posteriormente estas palavras passariam a ter um

⁴ “Estamos diante de dois modelos distintos. O primeiro, que podemos chamar de *quimismo mental*, está dado pela teoria da representação presente no modelo da linguagem e acredita que o pensamento é anterior à linguagem. O segundo, que nomearemos de *subjetividade compartilhada*, está sugerido por esta crença de que a linguagem seria responsável pelo pensar, portanto, anterior ao pensamento. (...) O modelo do *quimismo mental* toma como situação originária um agente isolado que, através de sensações e representações produzidas pelas primeiras, constrói longas cadeias associativas de representações: os pensamentos. Em um segundo momento, com a aquisição da linguagem, o agente torna-se capaz de compartilhar seus pensamentos com outros agentes.(...) Por outro lado, o modelo da *subjetividade compartilhada* presume a existência de três termos: o agente, um observador e o relato. O primeiro externa algo - e é fundamental entender que esse ato inicial de externar não é a comunicação de um estado interno - e o observador interpreta essa manifestação como expressão, por exemplo, de um estado afetivo, como se fosse a descrição de um estado interno. A partir dessa interpretação, a nomeação da pessoa prestativa, a exteriorização recebe um sentido descritivo, e não antes”. In GABBI JR. *Op Cit* (1999), p. 18-20.

sentido metafórico, desvinculando-se das sensações denotadas e sendo aplicadas a objetos externos. Para esclarecer tomemos a noção de ligação falsa, tal como apresentada em *'Estudos sobre Histeria'* (1895). Freud apresenta a 'ligação falsa' como uma explicação, construída pelo próprio paciente, que visa reduzir a estranheza presente nos sintomas histéricos, inserindo os mesmos numa seqüência narrativa que justifique o comportamento - trata-se de uma busca por ligações causais entre conteúdos conscientes⁵. Saltos na concatenação do relato indicariam, portanto, uma alteração na relação entre pensamento e palavra, de modo que **no sintoma** a palavra não denotaria de forma fiel a seqüência de pensamentos que funciona como motivadora do comportamento do neurótico. No entanto, ao encontrar a motivação inconsciente do comportamento e ao dar à mesma seu devido lugar na cadeia associativa do paciente, a estranheza dos proferimentos neuróticos desapareceria: a palavra tornaria a denotar de forma correta as representações motivadoras do comportamento. Tal concepção de linguagem aponta para uma anterioridade do interno em relação ao externo ou, pelo menos, faz supor que as representações produzidas pelas sensações corporais são designadas primeiramente e que o sujeito apenas se refere aos objetos externos em um segundo tempo, por meio de um processo metaforizador que vincularia palavras e objetos.

Mas, como dissemos anteriormente, esta não parece ser a única concepção de linguagem presente na teoria freudiana⁶. Paralelamente à função de denotar, a linguagem se

⁵ Posteriormente, neste mesmo capítulo, nos deteremos sobre esta noção em sua relação com o inconsciente.

⁶ Milner aponta como surpreendente o silêncio freudiano diante da lingüística científica de sua época, notadamente a gramática comparada. Seu interesse maior residia nas propriedades da linguagem, em detrimento do método, nas quais buscava esclarecimento sobre os processos inconscientes. Cf. MILNER, J-C. *Le Périphe Structurel*. Paris: Ed. du Seuil, 2002.

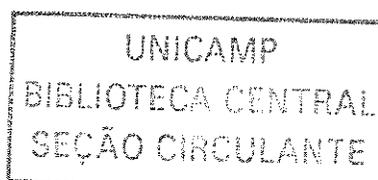
apresenta em determinados argumentos freudianos como conotativa e performativa⁷. No entanto, especificamente na construção da metapsicologia, se produz uma redução da importância dessas funções em prol da denotação, considerada como critério de validade para a construção de uma teoria científica do psiquismo humano, pois só por meio de uma denotação adequada se pode dar a conhecer as vivências subjetivas, de modo a poder comunicá-las: “(...) a linguagem serve não só para expressar os próprios pensamentos, mas essencialmente, para comunicá-los a outrem (...)”⁸

Sob este ângulo, parece justificado aos olhos de Freud o uso de uma mesma gramática para se referir a objetos físicos e psíquicos, já que a linguagem teria como função básica a denotação; ou seja, a palavra designaria tanto o objeto físico quanto o objeto psíquico, não havendo diferenças significativas entre a relação palavra/pensamento e a relação palavra/mundo, já que a palavra é índice de algo exterior a ela. No entanto, esta indistinção entre as descrições do físico e do psíquico traz como consequência para a construção da teoria uma confusão entre o empírico e o conceitual. É segundo esse ponto de vista que pretendemos abordar o inconsciente, como pedra fundamental da psicanálise freudiana, e apontar as implicações clínicas dessa concepção particular oferecida por Freud.

O conceito de inconsciente proposto por Freud germina no solo da neurologia e da psiquiatria do século XIX, campos nos quais se supunha uma supremacia da consciência e

⁷ O espaço privilegiado de uma concepção de linguagem não meramente denotativa é a prática clínica freudiana, pois o poder evocativo da palavra - em outras palavras, seu caráter conotativo - justifica a vinculação entre palavra e afeto, dando à primeira seu alcance particular na terapêutica proposta pela psicanálise. Na clínica não há como desvincular denotação e conotação. Já o aspecto performativo dos proferimentos do pacientes apóia-se na atitude do agente frente ao conteúdo veiculado por sua fala, o que implica na presença de um outro. Não há como falar em performativo se não há um outro presente, assim como não é possível abordar a questão da intenção do agente se consideramos apenas a denotação.

⁸ FREUD, S. *Op Cit* (1910), ESB, vol. XI, p. 143.



da razão. Nesse contexto o inconsciente tinha geralmente um caráter negativo⁹ - como oposto da consciência. Estas concepções, às quais poderíamos nomear de consciencialistas, traziam em seu bojo a crença de que não haveria distinção entre a realidade ou identidade de um pensamento ou sentimento e a consciência que o sujeito tem deles. A diferenciação da argumentação freudiana em relação a sua época está em (1) questionar a correlação direta entre psiquismo e consciência e (2) pretender dar um caráter positivo ao inconsciente.

Para tanto, Freud busca, em primeiro lugar, demonstrar que as lacunas nos relatos dos pacientes - dados observados em sua clínica¹⁰ - são correspondentes externos de uma descontinuidade dos processos conscientes. A suspensão da seqüência narrativa - por esquecimentos, dúvidas ou vergonhas sem razão aparente - é um índice da interrupção dos processos psíquicos acessíveis à consciência. Dessa forma, Freud pode apresentar a hipótese da existência de processos inconscientes, que justificariam o conteúdo faltante para a coerência discursiva¹¹.

Após apresentar a hipótese dos processos inconscientes, Freud propõe abordar estes fenômenos como formando uma outra categoria de fenômenos psíquicos. Tratar-se-ia, então, de fazer uma análise das duas classes de processos: conscientes e inconscientes, de modo a incluir o inconsciente na vida psíquica, rompendo com o argumento consciencialista que coloca, por princípio, o inconsciente 'fora' do pensamento, tornando-o

⁹ Entende-se por negativa a definição que aponta os aspectos ausentes ou contrários de um dado objeto. Por exemplo, o inconsciente é o não consciente.

¹⁰ Optamos por trabalhar com a obra freudiana tomando como texto inicial 'Estudos sobre Histeria'. Apesar da enorme riqueza do 'Projeto para uma Psicologia Científica' julgamos que tal texto não aborda a questão do inconsciente como conceito psicológico, estando mais vinculado às influências neurológicas de Freud.

¹¹ Essa argumentação já traz em si uma primeira confusão: um pressuposto conceitual - a descontinuidade dos processos conscientes (não acessíveis a uma observação direta) - é apresentado como um dado observável - as lacunas nos relatos dos pacientes.

inabordável. A proposta freudiana resume-se, pois, em abordar os processos inconscientes, buscando estabelecer as leis às quais obedecem e, como consequência, torná-los passíveis de decodificação.

Se o primeiro movimento freudiano em direção a uma conceitualização positiva do inconsciente é a ruptura da equivalência entre psíquico e consciente, o segundo movimento constitui-se na criação de um método próprio de abordagem dos processos psíquicos: a livre associação. Baseado na idéia de determinismo psíquico - a suposição de que todos os fenômenos mentais, até mesmo os fenômenos aparentemente mais obscuros e arbitrários, têm significação e estão dispostos em ordem lógica - o analista propõe preencher o que é omitido no relato, mediante deduções plausíveis. Ou seja, ele se propõe a traduzir em material consciente a seqüência dos processos psíquicos que não vêm à luz, seguindo as pistas deixadas pelas rupturas lógicas.

Nesse momento de sua argumentação - após os dois movimentos citados no parágrafo anterior - o inconsciente pode ser apresentado como um sistema constitutivo do aparelho psíquico, tal como o consciente, e, dessa forma, uma concepção positiva para o conceito é proposta. A consciência passa a representar a função de um sistema particular e não mais a totalidade do psíquico, pois, além da vontade consciente, *uma outra intenção funciona e determina o que foi dito*. A hipótese implícita é de que somos movidos e impulsionados por algo que nos escapa, que se situa num 'outro lugar'.

A concepção clássica de inconsciente proposta por Freud parece apresentar a hipótese de sua existência, hipótese conceitual, numa linguagem que possibilita tomá-lo como uma suposta 'descoberta'- baseada na observação clínica de pacientes - de um novo sistema psíquico. Desse modo, todos os problemas decorrentes de uma extensão da

linguagem e das propriedades dos objetos físicos para se referir a objetos mentais têm lugar na psicanálise, pois é sobre a ‘descoberta’ do inconsciente que se assenta todo o edifício teórico freudiano.

1. Construção do Conceito de Inconsciente

1.1. 1895: primeiras ‘descobertas’

Tomaremos como referência desse período os ‘*Estudos sobre Histeria*’, obra conjunta de Freud e Breuer, na qual aparece pela primeira vez - em nota de rodapé - o termo ‘inconsciente’. Estaremos nos debruçando especificamente sobre o caso de Frau Emmy von N., ao qual pertence a nota de rodapé supracitada.

Ao apresentar o caso de histeria de Frau Emmy von N.¹², Freud introduz a noção de ligação falsa para descrever um expediente de uso comum entre neuróticos. Quando a verdadeira determinação do sintoma foge à percepção consciente destes pacientes, eles oferecem uma nova explicação - ligação falsa - que dá a sensação de terem consciência plena de seus atos e motivações¹³. “*Por exemplo, Bernheim sugeriu a um paciente que depois de despertar devia pôr ambos os polegares na boca. Ele assim o fez e desculpou-se do gesto dizendo que sua língua estava doendo desde o dia anterior, quando a mordera num acesso epileptiforme*”.¹⁴ O emprego deste experimento no texto freudiano visa, diferentemente da proposta de Bernheim, demonstrar a existência de lacunas no

¹² Trata-se de uma mulher de quarenta anos que apresenta sintomas variados, dentre os quais destacam-se tiques, agitação motora e delírios.

¹³ Freud refere-se aqui às sugestões pós-hipnóticas estudadas por Bernheim. Enquanto este último utilizava tais procedimentos para explicitar os sintomas histéricos e as diferenciações nos níveis de consciência e memória do paciente, Freud utiliza este mesmo experimento para demonstrar a incompletude dos processos psíquicos conscientes e, em decorrência, a existência de processos inconscientes.

¹⁴ FREUD, S. Op Cit (1893-1895), p.111 – nota de rodapé.

conhecimento consciente, como atestado pelo desconhecimento do paciente quanto ao verdadeiro fator motivacional de seu comportamento. No caso de pacientes histéricos não submetidos a sugestões pós-hipnóticas esta ligação falsa estaria vinculada a estados de espírito (ansiedade ou pesar, p.ex.), sendo produzida artificialmente pelo próprio paciente - como uma tendência a encontrar ligações causais entre conteúdos conscientes. O procedimento hipnótico tem como proposta restituir a coerência narrativa do paciente por meio das explicações obtidas nesse estado (hipnose), explicações estas que podem trazer à luz o elemento faltante na cadeia de pensamentos do paciente.

Apesar de as lacunas na narrativa da paciente servirem como justificativa para a suposição de descontinuidade da cadeia de pensamentos conscientes, o termo 'inconsciente' aparece numa situação diversa, não relacionado com as conexões falsas, mas sim com uma *percepção inconsciente (sic)*. Retomemos o caso: Frau Emmy fica surpresa ao constatar que não tem câimbras no pescoço há longo tempo, mas logo no dia seguinte apresenta o sintoma. Freud interpreta os *pressentimentos (sic)* que aparecem de forma negativa na fala da paciente como um estado “*que já estava em elaboração na ocasião*”¹⁵ e que foi percebido inconscientemente. “*Em cada uma das ocasiões o que já se achava presente como um produto acabado no inconsciente, estava começando a revelar-se indistintamente*”.¹⁶

Se nesse texto surgem noções tais como *percepção inconsciente* ou *inconscientemente* - em que o termo tem uso adjetivo ou adverbial - o inconsciente é também apresentado como substantivo, indicando um lugar psíquico. O afastamento da linguagem ordinária traz em

¹⁵ FREUD, S. *Op Cit* (1893-1895), p. 120 – nota de rodapé.

¹⁶ FREUD, S. *Op Cit* (1893-1895), p.121 – nota de rodapé.

seu bojo um problema: **substantivação induz substancialização**, pois a passagem de um uso corriqueiro do termo inconsciente para um uso substantivo leva à pressuposição de que se trata de algo com existência¹⁷ independente do agente ao qual se vincula. Como consequência, o inconsciente surge como uma nova entidade, disposta entre os objetos do mundo, possibilitando ao leitor usos lingüísticos tais como *meu inconsciente*, *no inconsciente*, *de inconsciente para inconsciente*, etc. Soma-se a isso o fato de que em algumas passagens uma linguagem espacializante se mostra, dando margem a uma leitura equivocada dos fenômenos psíquicos, apresentados como tendo propriedades específicas de objetos físicos. Como podemos ver, a extensão de uma linguagem e/ou de propriedades referentes a objetos físicos para se referir ao inconsciente tem sua semente plantada muito cedo na obra de Freud.

Se em 1895, a abordagem freudiana visava a determinação dos sintomas histéricos e apenas de forma muito rara o inconsciente aparecia em seu uso substantivo, após 1900, em '*A Interpretação dos Sonhos*', o inconsciente é apresentado como sistema psíquico e o uso substantivo do termo se faz freqüente.

1.2. 1900: desejos inconscientes

Em 1900¹⁸, a abordagem freudiana do tema dos sonhos apóia-se na noção de inconsciente, tomando-o como pressuposto necessário para a equivalência entre o procedimento psicanalítico de interpretação dos sonhos e o método para solucionar

¹⁷ De forma irônica, Wittgenstein aponta: "Imagine uma linguagem na qual, em vez de dizer 'não encontrei ninguém no quarto', se dissesse 'não encontrei Sr. Ninguém no quarto'". WITTGENSTEIN, L. *Los Cuadernos Azul y Marron*. Madrid: Tecnos, 1968, p. 69.

¹⁸ Estaremos nos debruçando sobre o texto '*A Interpretação dos Sonhos*' (1900), ESB, vols. IV e V.

sintomas histéricos, de modo a propor uma identidade entre sonho e sintoma. Tal como os sintomas, os sonhos são processos psíquicos que possuem significação e cuja força motivadora é um desejo a buscar realização. Embora não seja reconhecido como desejo, por parte do sonhador, e, freqüentemente, seja considerado absurdo, o sonho é *“um processo com um significado e que pode ser inserido na cadeia de experiências psíquicas daquele que sonhou”*.¹⁹ E, como todo acontecimento psíquico, é sobredeterminado.

A importância de pressupor a noção de inconsciente reside na hipótese, necessária à argumentação freudiana, de que os impulsos impregnados de desejo continuam a existir mesmo quando não conseguem expressão. Ou seja, o valor e o significado ocultos do sonho ou do sintoma são mantidos **no** inconsciente e podem retornar à cadeia discursiva do paciente. Com tal argumentação, pode se dar desenvolvimento à idéia de uma técnica própria à psicanálise para abordagem dos fenômenos psíquicos: a associação livre. Antes de nos determos nessa prática, cabe-nos apontar que o argumento de permanência dos conteúdos psíquicos no inconsciente envolve a psicanálise simultaneamente em dois problemas: por um lado, a substancialização dos processos psíquicos - efeito da suposta permanência dos mesmos; por outro, uma apresentação espacial da noção de interioridade - consequência da hipótese do inconsciente como lugar psíquico.

A técnica de interpretação psicanalítica consiste em libertar o sujeito de idéias intencionais desconhecidas, ou seja, inconscientes, tornando-as conscientes. Para tanto é pedido ao paciente que fale tudo o que lhe vier à mente, evitando qualquer tipo de censura, de modo a verbalizar os pensamentos involuntários que irrompem no curso de uma narrativa. O analista acredita que devido ao determinismo psíquico - a suposição de que

¹⁹ FREUD, S. *Op Cit* (1900), p. 544.

todos os fenômenos mentais têm significação e estão dispostos em ordem lógica - o curso das idéias involuntárias tome seu lugar na rede de conexões causais. Desse modo, reduz-se o aparente contra-senso presente na narrativa²⁰. Apesar de a técnica de associação livre tomar como necessária uma contextualização dada pelo paciente a sua narrativa - aspecto que privilegia o sujeito em detrimento dos fenômenos - o embasamento teórico dado à mesma recorre a uma linguagem que elide a diferença entre objetos físicos e objetos mentais, estendendo aos últimos as propriedades de existência, permanência e extensão, características dos primeiros. Como conseqüência, é possível pensar o psíquico como uma realidade independente e o inconsciente como um lugar no qual ocorrem processos que o agente desconhece.

A continuação da argumentação freudiana - a hipótese de um aparelho psíquico composto de diversas instâncias ou sistemas que segue um sentido ou direção²¹ - é ainda mais problemática. Nessa hipótese três pontos se destacam como passíveis de produzir confusão: (1) o modelo neurológico do aparelho psíquico; (2) a direção ou sentido da atividade psíquica ao percorrer o aparelho; e (3) a inclusão de um sistema de memória.

Embora, segundo as palavras de Freud, não seja necessário supor uma localização anatômica para o aparelho psíquico, o fato de recorrer a um modelo da neurologia para representar as funções psíquicas - o arco reflexo - traz para o seio da psicanálise uma concepção do mental como efeito de relações materiais entre estruturas. Esta apresentação

²⁰ Podemos perceber que estamos diante do mesmo tipo de argumento presente em 'Estudos sobre Histeria' (1893-1895), para se referir às ligações falsas.

²¹ Cf. figura 1, p. 26.

de um modelo neurológico em termos psicológicos²² acompanha o desenrolar do capítulo VII, dedicado à exposição dos fundamentos teóricos da interpretação dos sonhos. Como consequência, uma certa materialidade das estruturas mentais faz-se presente nesse modelo de aparelho psíquico, gerando uma espacialização própria.

*“Permanecerei no campo psicológico e proporei simplesmente seguir a sugestão de que devemos representar o instrumento que executa nossas funções mentais como semelhante a um microscópio composto, a um aparelho fotográfico ou a algo desse tipo. Nessa base, a localização psíquica corresponderá a um ponto do aparelho em que surge uma das etapas preliminares de uma imagem”.*²³

O argumento freudiano - que parece convincente por apresentar a idéia do ponto de incidência de um fecho de luz como uma forma ‘incorpórea’ de localização - não deixa clara a problemática decorrente do desdobramento espacial desse modelo, pois o próprio fato de supor uma direção para o aparelho psíquico implica na materialidade das instâncias ou sistemas. A hipótese de uma direção ou sentido do aparelho psíquico, no qual ocorrem *passagens* ou *transformações*, induz a uma atribuição de permanência e substância aos fenômenos psíquicos - traço de memória ou catexia - por conferir aos mesmos uma materialidade passível de mudança.

²² Cf. MacINTYRE, A.C. *The Unconscious: a conceptual analysis*. New Jersey: Humanities Press, 1958, p. 22.

²³ FREUD, S. *Op Cit* (1900), p. 572.

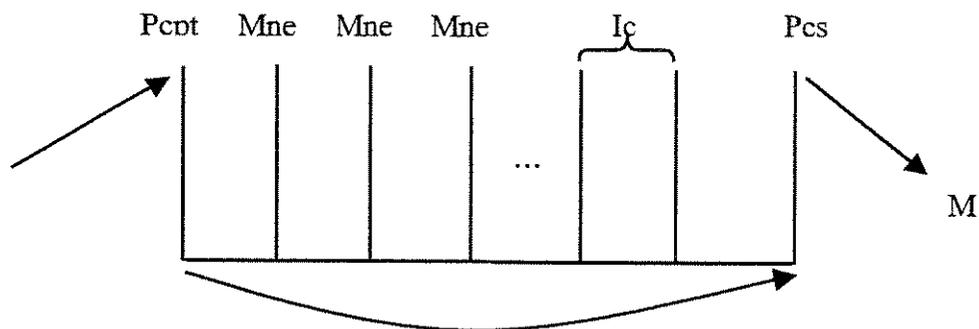


Figura 1: modelo de aparelho psíquico proposto por Freud no capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* (p. 577). Nessa figura, o aparelho mostra-se em seu funcionamento de vigília

Retomemos a apresentação freudiana de seu modelo. O aparelho psíquico é composto por diversas instâncias ou sistemas que seguem uma **relação temporal**. *“Falando de modo estrito, não há necessidade da hipótese de que os sistemas psíquicos sejam realmente dispostos numa ordem espacial. Seria suficiente que fosse estabelecida uma ordem fixa pelo fato de, num determinado processo psíquico, a excitação passar através dos sistemas numa seqüência temporal especial”*.²⁴ É a argumentação em torno da ‘seqüência temporal especial’ - a pressuposição de uma ordem fixa - que nos chama a atenção, pois, seguindo a hipótese freudiana, a atividade psíquica percorre o aparelho de um modo determinado, deixando marcas de inscrição. O inconsciente é apresentado como o ‘lugar’ no qual se ordena o material psíquico, sendo este conteúdo organizado segundo relações temporais que se inscrevem de forma espacializada. Ou seja, o tempo é representado no espaço por meio dos traços de inscrição no aparelho psíquico.

Se no momento da investigação analítica o espacial determina o temporal - pela associação livre o paciente rememora eventos recentes, antes de reconhecer a base infantil

²⁴ FREUD, S. *Op Cit* (1900), p. 573.

de seus desejos²⁵ - na apresentação gráfica do aparelho psíquico a lógica é inversa - as vivências temporais são espacializadas segundo a ordenação das inscrições psíquicas, gerando um modelo com desdobramento espaço-temporal. No aparelho proposto por Freud, a atividade psíquica inicia-se por estímulos - extremidade sensória - e tende à descarga - extremidade motora.

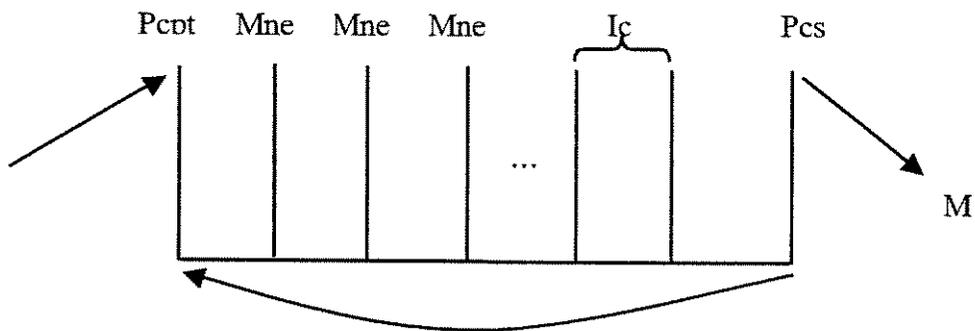


Figura 2: A seta na parte inferior da figura indica o movimento ‘regressivo’ do aparelho psíquico durante o processo onírico.

Nos sonhos, o sentido ou direção do aparelho psíquico é invertido. A excitação dirige-se no sentido da extremidade sensória e atinge o sistema perceptivo, caracterizando um movimento regressivo. Enquanto no estado de vigília, este movimento regressivo nunca se estende além das imagens mnemônicas, no sonho ocorre uma revivescência alucinatória. Dessa forma, “(...) *uma idéia é novamente transformada na imagem sensorial de que*

²⁵ “Se eu quisesse apresentar um quadro diagramático da nossa modalidade de operação, talvez pudesse dizer que nós mesmos empreendemos a abertura de camadas internas, que avançam radialmente, ao passo que o paciente cuida da extensão periférica do trabalho”. Freud, S. *Op Cit* (1893-1895), p. 349. Outra analogia pertinente é a da cebola e suas camadas.

originalmente se derivou".²⁶ A possibilidade de que a atividade psíquica percorra esse aparelho em ambos os sentidos - progressivo/atividade de vigília e regressivo/estado de sonho - não elimina o caráter ordenado das inscrições psíquicas, pois, qualquer que seja a direção, serão seguidos os mesmos passos, apenas invertendo a ordem (A-B-C ou C-B-A, não havendo, por exemplo, possibilidade de uma seqüência A-C-B). A hipótese de *transformação* de uma idéia em imagem sensorial baseia-se no ordenamento seqüencial do aparelho psíquico: no entanto, é preciso também atribuir permanência e substância a esses fenômenos para acreditar que haja *passagem* dos conteúdos psíquicos pelos sistemas²⁷.

A inclusão de um sistema de memória no aparelho psíquico proposto por Freud - diferencial em relação ao modelo neurológico do arco reflexo - parece ampliar ainda mais a substancialização que acompanha suas formulações, pois neste os rastros de memória são apresentados como modificações permanentes dos elementos do sistema. A hipótese freudiana propõe um sistema que recebe os estímulos, e uma segunda instância que transforma as excitações recebidas em traços permanentes²⁸. O que fica retido é mais do que o conteúdo das percepções, pois estas mesmas percepções acham-se ligadas em nossa memória de acordo com a simultaneidade da ocorrência - associação. "(...) *nossas lembranças - sem excetuar aquelas que se acham mais profundamente gravadas em nossas mentes - são, em si próprias, inconscientes. Elas podem ser tornadas conscientes, mas não*

²⁶ FREUD, S. *Op Cit* (1900), p. 579.

²⁷ Encontramos aqui prefigurada a problemática em torno da transcrição ou tradução dos conteúdos psíquicos.

²⁸ Vale a pena tomar o texto freudiano para ilustrar o quanto a linguagem utilizada estende expressões referentes ao mundo físico para o campo dos conceitos: "*Suporemos que um sistema na própria frente do aparelho recebe os estímulos perceptivos, mas que, por trás do primeiro, encontra-se um segundo sistema que transforma as excitações passageiras do primeiro sistema em traços permanentes*". [grifos nossos] FREUD, S. *Op Cit* (1900), p. 574. Além da linguagem, uma outra questão a ser respondida seria: o que possibilita a permanência desses traços? Já não haveria a idéia de espacialização/substancialização ao supor *traços impressos* em uma instância psíquica?

*pode haver dúvida de que podem produzir todos os seus efeitos enquanto se acham numa condição inconsciente”.*²⁹

A afirmação do parágrafo anterior traz como suposição implícita a idéia de que os desejos inconscientes continuam a existir e gerar efeitos no aparelho psíquico, fazendo supor que os desejos inconscientes estão sempre em estado de alerta para encontrar um caminho de acesso à expressão. Desse modo, a possibilidade de um desejo consciente gerar um sonho só existe caso este desejo venha a despertar um desejo inconsciente e consiga reforço quantitativo deste.

Para finalizar, podemos supor que a concepção dinâmica de funcionamento do aparelho psíquico permite a Freud não apenas aproximar os sonhos do campo da psicopatologia, como já vinha fazendo em sua argumentação, mas apresentar uma hipótese com uma roupagem tão rica em detalhes que torna difícil não tomá-la como um aparelho com suporte neurológico.

Ao observarmos de perto as diversas argumentações apresentadas nesta obra percebemos um uso lingüístico que não permite a distinção entre uma relação conceitual e uma relação empírica, gerando uma confusão sistemática entre hipótese e descoberta. A nova forma de Freud apresentar o campo dos sonhos e da psicopatologia é sem dúvida impressionante e fecunda, mas cabe-nos aqui apontar que a tendência freudiana de tomar o mundo físico como modelo do mundo mental transforma essa nova forma interpretativa numa mitologia criadora de entidades psíquicas, dentre as quais se destaca ‘o inconsciente’.

²⁹ [grifo nosso]. FREUD, S. *Op Cit* (1900), p.575/576.

1.3. 1915: teoria sistêmica

Se em 1900 o inconsciente pode ser apresentado como um sistema componente do aparelho psíquico, apenas na obra de 1915, 'O Inconsciente', Freud tentará justificar a criação de tal conceito - sistema Ics - e expor ao leitor o caráter necessário dessa hipótese para as finalidades do trabalho científico. Alcançamos, pois, o ponto culminante da primeira teoria do aparelho psíquico, a teoria sistêmica.

*“Nosso direito de supor a existência de algo mental inconsciente, e de empregar tal suposição visando às finalidades do trabalho científico, tem sido vastamente contestado. A isso podemos responder que nossa suposição a respeito do inconsciente é necessária e legítima, e que dispomos de numerosas provas de sua existência. Ela é necessária porque os dados da consciência apresentam um número muito grande de lacunas; tanto nas pessoas sadias como nas doentes ocorrem com freqüência atos psíquicos que só podem ser explicados pela pressuposição de outros atos, para os quais não obstante, a consciência não oferece qualquer prova”. (...) “Todos esses atos conscientes permanecerão desligados e ininteligíveis se insistirmos em sustentar que todo ato mental que ocorre conosco, necessariamente deve também ser experimentado por nós através da consciência; por outro lado, esses atos se enquadrarão numa ligação demonstrável, se interpolarmos entre eles os atos inconscientes (...)”.*³⁰

A argumentação freudiana apresentada no parágrafo anterior interessa aos nossos propósitos por se apoiar em dois pontos controversos: (1) por um lado, **o ideal de trabalho científico que**, como apontamos no início deste capítulo, **toma a física como modelo de ciência** e se propõe a apresentar evidências, desconsiderando a diferença existente entre objetos físicos e objetos psíquicos. No argumento freudiano as ‘numerosas provas’ da

³⁰ FREUD, S. O Inconsciente (1915), ESB, vol. XIV, p. 192.

existência do inconsciente apóiam-se na interpretação dada às lacunas, que funcionam simultaneamente como pressupostos conceituais e dados observáveis. Ou seja, a suposta validade empírica do conceito de inconsciente é dada por meio da apresentação das lacunas no relato dos pacientes. No entanto, estas mesmas lacunas são indicadores da descontinuidade dos processos inconscientes - o que é uma hipótese de leitura destes fenômenos - e, concomitantemente, são provas da existência desta descontinuidade, como dados empíricos observáveis. (2) Por outro lado, **a exposição do inconsciente como hipótese necessária**, única forma de ver uma dada experiência, argumento que retira esta suposição do campo das convenções conceituais³¹. Retomemos a argumentação freudiana:

“Podemos ir além e afirmar, em apoio da existência de um estado psíquico inconsciente, que, em um dado momento qualquer, o conteúdo da consciência é muito pequeno, de modo que a maior parte do que chamamos conhecimento inconsciente deve permanecer, por consideráveis períodos de tempo, num estado de latência, isto é, deve estar psiquicamente inconsciente. Quando todas as nossas lembranças latentes são levadas em consideração, fica totalmente incompreensível que a existência do inconsciente possa ser negada”.³² (...) “Na verdade, somos forçados a dizer de alguns desses estados latentes que o único aspecto em que diferem dos conscientes é precisamente na ausência de consciência. Assim, não hesitaremos em tratá-los como objetos de pesquisa psicológica, e em manipulá-los na mais íntima conexão com atos mentais conscientes”. (...) “A suposição de um inconsciente é, além disso, uma suposição perfeitamente legítima, visto que ao

³¹ Wittgenstein critica a exclusividade das hipóteses freudianas. Tomemos, por exemplo, os sonhos: este autor não discorda da possibilidade de que alguns sonhos sejam realizações de desejo. Sua crítica recai sobre a suposição freudiana de que **todos** os sonhos são realizações de desejo, não deixando espaço para outras leituras. A apresentação de uma dada hipótese como única passível de gerar efeitos de compreensão sobre um dado campo é o que permite a Freud afirmar o inconsciente como hipótese necessária. Cf. WITTGENSTEIN, L. Lectures and Conversations on Aesthetics, Psychology and Religious Belief. Berkeley: Univ. California Press, 1967, p. 47.

³² FREUD, S. *Op Cit* (1915), p. 192/193.

postulá-la não nos estamos afastando um só passo de nosso habitual e geralmente aceito modo de pensar".³³

A fim de justificar o conceito de inconsciente, Freud propõe uma outra hipótese: a concepção de estado de latência, conteúdo temporariamente inacessível à consciência e que continua *existindo em outro lugar*. Ou seja, o conceito de inconsciente toma como apoio um outro conceito - estado de latência - constituindo uma rede interdependente, na qual cada conceito é entendido em função dos outros. Uma das conseqüências dessa forma de apresentação é que estas hipóteses conceituais, que nada mais são do que uma nova forma de ver as coisas, acabam por se tornar imperativas, pois qualquer dado obtém um sentido 'evidente' quando lido de acordo com a teoria que lhe dá suporte.

Esta trama conceitual construída por Freud tem como traço comum desconsiderar as diferenças gramaticais entre conceitos e experiência, pois mantém o mundo físico como modelo do mundo mental. O estado de latência, como conceito psíquico, não deveria ter características dos objetos físicos. No entanto, as idéias latentes são apresentadas como substâncias que continuariam a existir, mesmo quando não temos consciência delas, e que poderiam ser 'manipuladas'³⁴ como outros atos mentais. Na continuação do argumento, Freud propõe não se afastar de seu '*habitual e geralmente aceito modo de pensar*' - leia-se empírico - e tomar os processos inconscientes como objeto de pesquisa. Como conseqüência, o inconsciente é descrito em uma linguagem que aproxima continuamente a

³³ FREUD, S. *Op Cit* (1915), p. 194.

³⁴ Freud faz uso desse termo ao situar os processos inconscientes como objetos de pesquisa psicológica. Cf. FREUD, S. *Op Cit* (1915), p. 194.

hipótese de sua existência de uma suposta descoberta das leis de seu funcionamento, tomando-o como uma entidade³⁵.

Como já consideramos em outro trecho deste mesmo capítulo, o ideal cientificista ao qual Freud se atém acaba por produzir, por um lado, uma busca por evidências e, por outro, a exigência de explicações sobre o inconsciente e suas leis, pois uma descrição do funcionamento inconsciente não seria suficiente para constituir uma *ciência* do comportamento humano - que deveria apresentar uma explicação causal para as ações individuais. No entanto, as explicações apresentadas pela teoria psicanalítica podem ser tomadas como 'causas vindas do interior'³⁶, ou seja, razões formuladas pelo analista e/ou paciente para justificar o comportamento deste último. Apesar de coerentes, essas 'causas' não predizem o comportamento humano, apenas tornam inteligível a ação realizada³⁷.

A confusão se apresenta quando, em seus argumentos, Freud busca confirmar conjecturas causais mediante a concordância do paciente, ignorando que, nesta situação, não há experimento em jogo, mas revelação *a posteriori* das motivações. Dessa forma, os processos inconscientes ocupam na teoria uma dupla função: tanto são apresentados como propósitos - estaríamos no campo das intenções e das motivações - quanto como causas - estaríamos supostamente no campo científico de determinação do comportamento humano.

³⁵ Ao acompanhar o texto freudiano percebemos que o tópico V - As Características Especiais do Sistema Ics - se constitui na apresentação das leis deste sistema em comparação com o funcionamento do Pcs e Cs. O caráter hipotético destas construções é elidido em prol de uma explicação funcional das diversas instâncias psíquicas.

³⁶ Cf. WITTGENSTEIN, L. *Op Cit* (1967).

³⁷ A confusão entre razão e causa é exaustivamente explorada pela crítica baseada em Wittgenstein. Como exemplos interessantes, cf. BOUVERESSE, J. Wittgenstein Reads Freud: the myth of the unconscious. Princeton: Princeton Univ. Press, 1995, cap. IV e CIOFFI, F. Wittgenstein on Freud and Frazer. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1998.

O que não fica claro para o leitor - e talvez para o próprio Freud - é a diferença entre explicação causal e descrição posterior.

Supomos que a criação de uma nova terminologia por meio do uso substantivo do termo inconsciente é também devedora do ideal de ciência freudiano, pois se faz necessário substituir uma descrição - para a qual o uso adjetivo ou adverbial seria suficiente - por uma explicação, para a qual foi criada uma nova denominação - o inconsciente como sistema psíquico. Ou seja, a linguagem usual é modificada na tentativa de construir uma nova ciência, mas tal modificação, no caso específico da psicanálise freudiana, traz como efeito o uso de uma gramática própria ao mundo físico para se referir a fenômenos psíquicos.

Desdobrando o argumento freudiano, poderíamos dizer que a hipótese de um uso sistêmico do termo 'inconsciente' apóia-se sobre três pontos básicos: (1) o reconhecimento da existência de processos mentais inconscientes - que Freud vincula às lacunas no relato individual, (2) a refutação da equivalência entre psíquico e consciente - associada às ligações falsas, como desconhecimento consciente das motivações individuais - e, (3) *por inferência*, a revelação de um sistema psíquico desconhecido do sujeito. Ao examinarmos com atenção estes pontos, percebemos que dois pressupostos teóricos são tomados como se fossem dados da experiência e a conclusão se faz aparentemente simples: existem processos mentais inconscientes constitutivos de um sistema com características próprias.

Cabe destacar que a proposta freudiana de supor um aparelho psíquico composto por sistemas tem fundamental importância argumentativa em sua obra por determinar as características diferenciais dos diversos processos psíquicos, já que cada sistema está

submetido a leis³⁸ próprias de funcionamento. Desse modo, as diferenças entre os processos psíquicos não seriam meramente conceituais, mas seriam ‘explicadas’ pela pertença a um sistema específico. Para que o sentido sistêmico do termo inconsciente seja diferenciado do uso descritivo é necessário ter claro que, no primeiro caso, implica a inclusão de processos psíquicos em uma instância particular possuidora de características específicas. Ou seja, uma idéia inconsciente topograficamente localizada no Pré-consciente pode aceder à consciência a qualquer momento - trata-se de uma idéia latente. Já um processo psíquico topograficamente localizado no inconsciente está submetido a suas leis e é incapaz de tradução consciente - é um processo submetido ao recalque³⁹.

A relação entre topografia e espacialização precisa ser melhor esclarecida. Embora na teoria psicanalítica, topografia psíquica não tenha qualquer tipo de relação com localização anatômica - pois a primeira refere-se a “*regiões do mecanismo mental, onde quer que estejam situadas no corpo*”⁴⁰ - a espacialização faz-se presente por meio da idéia de *regiões*, pressuposta na concepção de existência latente. Para Freud, como já destacamos anteriormente, uma idéia latente está localizada em outro sistema que não a consciência; ou seja, tem existência em outro *lugar*. A justificativa de tal hipótese reside na crença freudiana de que um relato sempre atende a um referencial de coerência narrativa, cujas lacunas são subtrações de sentido. Desse modo, o sentido discursivo pode ser reencontrado

³⁸ De modo extremamente resumido, podemos tomar o conceito de lei na teoria freudiana como mais um empréstimo à ciência física. Ou seja, ao usar este termo, Freud se refere a uma relação constante e necessária entre fenômenos de uma dada ordem. Veremos posteriormente como o termo ‘lei’ em Lacan tem outro sentido. Cf. capítulo 3, nota 39, p. 97.

³⁹ Toda a problemática em torno de uma transcrição ou tradução dos conteúdos no aparelho psíquico baseia-se na suposição de permanência dos traços psíquicos. Caso Freud se desvinculasse desse pressuposto, tal problema estaria por princípio resolvido. Cf. FREUD, S. *Op Cit* (1915), p. 201

⁴⁰ FREUD, S. *Op Cit* (1915), p. 201.

se identificarmos os elementos faltantes para a lógica narrativa, elementos que se encontram ocultos em outro sistema psíquico (o inconsciente).

Outro aspecto relevante na associação entre topografia e espacialização é a linguagem utilizada. Além de uma descrição das características dos fenômenos psíquicos - no qual o uso adjetivo do termo 'inconsciente' seria suficiente - é apresentada uma explicação dessas características segundo sua localização sistêmica - quando o inconsciente aparece em seu caráter substantivo. Desse modo, duas formas distintas de abordar os fenômenos psíquicos são colocadas lado a lado, gerando uma confusão entre a formação de um conceito e a suposta explicação sobre o funcionamento de objetos pertencentes a um sistema. *Per si*, a hipótese de uma topografia psíquica supõe uma identidade entre realidade mental e física, por fazer uso de referenciais espaciais para dar conta de um conceito psíquico.

Essa instância psíquica exposta por Freud⁴¹ tem características especiais às quais ficam submetidos os processos do **sistema inconsciente** - isenção de contradição mútua, atemporalidade, mobilidade dos investimentos e substituição da realidade externa pela psíquica. A fim de reconhecer os argumentos que confundem realidade física e psíquica, tomaremos para análise essas características seguindo três eixos fundamentais: temporalidade, intencionalidade e substancialização.

A atemporalidade dos processos inconscientes baseia-se na idéia de uma isenção de contradição mútua. Ou seja, houve em algum momento da história do sujeito a inscrição de traços de memória que, por não terem referência entre si e por não terem qualquer

⁴¹A própria constituição do sistema inconsciente é apresentada em uma linguagem problemática, pois, seu núcleo é composto de impulsos carregados de desejo que buscam descarregar catexias. Já de início podemos argumentar que pensar as idéias como traços de memória aos quais se agregam catexias pode levar a supor substâncias que se agrupam - tais como elementos químicos - a outras. E, em decorrência, supor o inconsciente como um reino de entidades (idéias) às quais se vincula energia psíquica.

referência ao tempo, tornaram-se inalteráveis⁴². Poderíamos supor que a idéia de inscrição psíquica, além de induzir a uma substancialização dos traços de memória, permite dizer que a temporalidade do inconsciente freudiano está associada ao tempo verbal do pretérito perfeito. Refere-se a uma ação já ocorrida que não pode mais ser modificada, que já foi inscrita. Ou seja, a atemporalidade diz respeito à relação entre os processos e destes com o 'mundo externo', mas a idéia de inscrição psíquica insere uma referência ao tempo já vivido.

A substancialização surge tanto em decorrência do modo como a temporalidade é encarada - inscrição prévia - quanto pelo argumento da mobilidade das catexias. Como apontamos anteriormente, só por meio de uma confusão entre objetos psíquicos e objetos físicos se torna possível pensar em idéias às quais se agregam energias ou supor um sistema psíquico composto por impulsos carregados de desejos. A substancialização talvez seja o ponto mais freqüentemente presente na linguagem freudiana.

Já a intencionalidade do inconsciente pode ser suposta ao longo da obra freudiana, principalmente quando se utilizam expressões tais como '*os impulsos inconscientes buscam satisfação*', '*o inconsciente pressiona*', etc. Tais expressões dão margem a pensar a intencionalidade inconsciente como um processo independente do agente e que opera em um lugar distinto da consciência. Desse modo, a intenção inconsciente pode ser apresentada como negação da realidade externa e concomitante produção de uma realidade psíquica que prefere o auto-engano das fantasias à 'verdade' objetiva. Embora a teoria freudiana não apresente ingenuamente as fantasias como auto-engano subjetivo, a hipótese de uma

⁴² Nesse sentido, é ilustrativo o exemplo freudiano que aproxima o campo das memórias inconscientes das escavações arqueológicas. Cf. p. 44-46.

duplicação da realidade entre realidade externa e realidade psíquica possibilita tomar as formações sintomáticas como manifestações externas de processos inconscientes internos. Apesar de a intencionalidade do inconsciente apresentar-se de forma menos freqüente do que sua substancialização, sua presença na obra freudiana constitui-se em ponto extremamente problemático para a teoria.

Como podemos ver, a construção freudiana do conceito de inconsciente traz em seus pressupostos certa equivalência entre objetos psíquicos e físicos, bem como utiliza uma linguagem que dá margem a uma série de mal-entendidos. Desse modo, produz-se a ilusão de que se está descobrindo algo oculto sob as lacunas do relato do paciente⁴³, quando em verdade, se está propondo um novo conceito, uma nova regra de usos do termo 'inconsciente', ancorada em uma rede conceitual específica. Como consequência, a diferença entre os processos psíquicos, que deveria ser entendida como diferença conceitual, é aqui erroneamente apresentada como diferença empírica.

A seguir veremos a segunda tópica, que se constitui em ponto de dificuldade para nossa pesquisa, pois altera radicalmente a construção do conceito.

1.4. 1920: a segunda tópica

A relevância da segunda tópica - e as modificações introduzidas pela mesma na obra freudiana - é tema de diversas discussões, que apontam tanto para uma solução de continuidade entre a primeira e a segunda tópicos, quanto marcam uma ruptura 'abissal'.

⁴³ O mal-entendido e/ou a ilusão da 'descoberta' do inconsciente se propaga entre diversos autores e obras. Como exemplo, tomamos uma citação extremamente difundida: "*Se fosse possível concentrar numa palavra a descoberta freudiana, essa palavra seria incontestavelmente a de inconsciente.*" In LAPLANCHE e PONTALIS. Vocabulário de Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 307.

Monzani⁴⁴ apresenta três posições dos estudiosos do pensamento de Freud em relação às modificações introduzidas pela segunda tópica. Quais sejam: (1) Autores que buscam “*ver na segunda tópica mais um alargamento da teoria operado em função das novas descobertas fornecidas pela prática clínica*”.⁴⁵ (2) Autores que buscam ver nas duas tópicas dois instrumentos distintos e ambos igualmente válidos, sendo a primeira tópica apropriada para abordar os fenômenos oníricos e a segunda tópica para dar conta dos fenômenos envolvidos nos conflitos neuróticos; (3) Autores que acreditam que a segunda tópica é superior qualitativamente à primeira e constitui-se num progresso da teoria freudiana, podendo-se abandonar o uso das construções teóricas da primeira tópica.

Apesar da relevância de tal discussão, não pretendemos aqui nos deter e argumentar em prol de qualquer uma dessas posições, mas tão somente descrever as modificações de uso do termo ‘inconsciente’ que se colocam na produção freudiana de 1920 em diante, de modo a justificar o eixo argumentativo de nosso trabalho, qual seja, a importância *princeps* desse conceito na teoria psicanalítica.

Após 1920, o conceito de inconsciente, que até então dependia da noção de desejo, sofre uma mudança em decorrência da perda do lugar central do desejo na argumentação freudiana. Como exemplo, temos a própria teoria dos sonhos: a afirmação freudiana datada de 1900 - ‘os sonhos são realizações de desejo’ - não abarca os sonhos de pacientes com neurose traumática⁴⁶. Esses pacientes produzem sonhos que são exceção à ‘regra’ freudiana, pois tentam desenvolver uma preparação para o trauma, por meio do afeto de angústia revivido nas situações oníricas, de modo a dominar as excitações invasivas. A

⁴⁴ MONZANI, L.R. Freud: o movimento de um pensamento. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989.

⁴⁵ MONZANI, L.R. *Op Cit* (1989), p. 234.

⁴⁶ Cf. FREUD, S. Além do Princípio do Prazer (1920).

compulsão à repetição, que surge nesse texto para dar conta das vivências oníricas traumáticas, justifica essa produção particular e é apresentada como logicamente independente da noção de desejo.

É justamente a noção de compulsão à repetição que, ao ser pensada em relação à transferência e à reação negativa ao tratamento, dará início ao questionamento freudiano em torno do modelo de aparelho psíquico proposto anteriormente a 1920. Pois se diante da resistência do paciente, não reconhecida por ele como tal, nos perguntarmos: ‘o que resiste?’; ou, melhor dito, ‘de onde vem a resistência ao tratamento?’, nos depararemos com uma contradição em relação às postulações freudianas da primeira tópica, já que neste primeiro modelo o inconsciente não resiste, mas pressiona no sentido de uma expressão ou descarga. Nesse sentido, o paciente não pode desconhecer a resistência, a não ser que se suponha que (1) a resistência procede dos mesmos extratos do aparelho psíquico que realizaram a repressão anteriormente e (2) o eu tem uma parte inconsciente. Estas questões, apontadas aqui de forma muito superficial, motivam a revisão do modelo anterior de aparelho psíquico e a proposta freudiana de substituir a oposição *Inconsciente/Consciente* por *eu coerente/recalcado*.

A teoria sistêmica - que supunha um aparelho psíquico composto de inconsciente, pré-consciente e consciente, tendo como modelo o arco-reflexo - é, portanto, alterada, de modo a surgirem novas instâncias: ego, superego e id. Como consequência, o termo ‘inconsciente’ volta a seu uso adjetivo ou adverbial. Essa alteração, que poderia nos parecer como a extinção do conceito, no sentido de denotar uma substância, deve ser vista com maior profundidade.

Em 1926, Freud defende que: “a única antítese digna de confiança é entre o consciente e o inconsciente”⁴⁷ (notemos o uso substantivo dos termos). No entanto, nesse momento ele trabalha com uma hipótese de aparelho psíquico que já não supõe a divisão entre consciente e inconsciente como instâncias. Então, por que manter tal tese? A antítese consciente/inconsciente, apresentada nesse momento, refere-se aos mesmos objetos da primeira tópica? Nossa resposta à última indagação é negativa. Acreditamos que a noção de inconsciente presente na segunda tópica seja tão distinta da utilizada anteriormente que inviabilizaria neste trabalho uma análise detalhada do conceito na obra produzida de 1920 em diante.

Mas, continuamos a supor e acreditamos poder defender que, apesar das mudanças implicadas pela segunda tópica, o inconsciente mantém uma concepção positiva na obra freudiana - não se trata mais de uma instância psíquica, mas também não é apenas o oposto da consciência - que serve como marca diferencial em relação a outras teorias do psiquismo humano. Por exemplo, em 1938, lemos:

“Enquanto que a psicanálise da consciência nunca foi além das seqüências rompidas que eram obviamente dependentes de algo mais, a outra visão, que sustenta que o psíquico é inconsciente em si mesmo, capacitou a Psicologia a assumir seu lugar entre as ciências naturais como uma ciência. Os processos em que está interessada são, em si próprios, tão incognoscíveis quanto aqueles de que tratam as outras ciências, a Química ou a Física, por exemplo; mas é possível estabelecer as leis a que obedecem e seguir suas relações mútuas e interdependentes ininterruptas através de longos trechos(...)”⁴⁸

⁴⁷ FREUD, S. A Questão da Análise Leiga (1926), ESB, vol. XX, p.225.

⁴⁸ FREUD, S. Esboço de Psicanálise (1938), ESB, vol. XXIII, p. 183.

Duas coisas seriam interessantes se reter nesta citação: (1) a suposição freudiana de que a psicanálise, ao levar em conta a existência de processos inconscientes, tem a possibilidade de ocupar um lugar diferenciado em relação a outras psicologias; e (2) a crença de que a cientificidade da psicanálise está ancorada no estabelecimento das leis e relações dos processos inconscientes. Como podemos perceber, não foi necessário o uso substantivo do termo 'inconsciente' para defender sua extrema importância na teoria analítica.

Neste trabalho nos propomos defender a tese de que, devido ao lugar fundamental que o conceito de inconsciente ocupa na construção da teoria psicanalítica, o modo como esse conceito é abordado traz implicações diversas para a teoria e a intervenção clínica, justificando a relevância de um estudo crítico sobre o inconsciente que coloque sob suspeita a crença largamente difundida de seu sentido unívoco no campo psicanalítico.

2. Implicações Clínicas do Conceito de Inconsciente

Como dissemos no parágrafo anterior, a diversidade na abordagem do conceito de inconsciente implica em práticas clínicas diferenciadas. Neste tópico, veremos como a concepção freudiana de inconsciente produz uma clínica particular que reproduz alguns dos impasses presentes em sua teorização metapsicológica.

Após aventar a hipótese da existência de processos inconscientes, Freud cria uma técnica de investigação desses processos. A originalidade da proposta freudiana consiste, inicialmente, em opor um tratamento mediante a palavra - seja de distúrbios psíquicos ou corporais - a meios curativos físico-químicos. O sintoma, esteja ele situado na *psique* - pensamentos obsessivos - ou no corpo - sintomas histéricos -, pode ser abordado e 'dissolvido' por meio da palavra, tal como é utilizada na psicanálise.

A utilização psicanalítica da palavra consiste no que se denomina de ‘associação livre’, procedimento em que o analista pede ao paciente que se deixe levar pelo que diz, mesmo que pareça sem importância, irrelevante ou sem sentido, de modo a verbalizar os pensamentos involuntários que irrompem com frequência no curso de uma narrativa. As idéias normalmente afastadas pelo paciente, sob qualquer desculpa, são consideradas como derivados de manifestações psíquicas recalcadas. Ao dar forma discursiva a essas idéias, o paciente, com a ajuda do analista, reconstrói a seqüência lógica de sua narrativa. Dito de outro modo, baseado nas associações do paciente torna-se possível chegar ao material recalcado inconsciente, por meio de deduções plausíveis, de modo que a técnica psicanalítica freudiana passa a funcionar como uma chave interpretativa para a resolução de conflitos neuróticos.

Cabe destacar que não se trata de uma prática introspectiva, mas de um relato induzido que rompe as barreiras do funcionamento consciente, devido a sua articulação com a livre associação. A narrativa do paciente se constitui de acordo com a descrição dos conteúdos que emergem quando o paciente volta a sua atenção sobre as próprias vivências buscando inseri-las numa ordem de sentido. É necessário que essa descrição seja feita para um outro.

O analista deve ouvir o relato de forma não preconceituosa, sem ligar-se a qualquer tema específico; ou seja, deve dedicar uma atenção livremente flutuante ao que ouve. A regra de abstinência à qual o analista se adequa consiste em abster-se de sugerir e em suspender qualquer juízo moral quanto ao relato do paciente; logo não se trata de indução de uma dada forma de ver seu relato, mas questionamento da ordem já dada e indicação dos elementos faltantes para uma compreensão coerente e linear dos fatos. Ao interpretar, o analista permite ao paciente descobrir a significação verdadeira de seu conflito e, dessa

forma, encontrar uma solução. Cabe aqui esclarecer que, na teoria freudiana, não se trata de uma nova perspectiva para ver os fatos, mas de reencontrar a ‘verdadeira’ forma sob a qual os fatos foram escritos e, então, lê-los.

Para esclarecer esse aspecto da psicoterapia, tomaremos duas analogias presentes na obra freudiana que nos parecem ilustrativas das críticas que desenvolvemos nesse capítulo: (1) a semelhança entre o mecanismo de repressão e a censura política a livros já editados⁴⁹ e (2) a similaridade entre o trabalho do analista e a escavação arqueológica⁵⁰.

A primeira dessas analogias consiste em comparar a ação da censura na produção onírica com a censura política que não impede a livre circulação dos livros, mas mutila passagens consideradas ofensivas. Dessa forma, o texto continuaria a circular, mas o leitor não mais teria acesso a diversas passagens, perdendo a capacidade de entender ao que se refere tal texto. Ou, seguindo uma outra estratégia, a censura poderia vir a criar sentidos adicionais, palavras modificadas, a fim de mascarar a intenção inicial do autor. Essa analogia tem como função no texto freudiano explorar a idéia de que os delírios e sonhos, mesmo os mais desconexos, tem uma significação oculta sob suas distorções, mas um dos seus possíveis efeitos é a suposição de que se conseguíssemos retirar as tarjas negras e pudéssemos ter acesso às supressões e/ou alterações, nos encontraríamos diante do texto original.

Sigamos essa analogia em relação à interpretação dos sonhos: poderíamos supor a narrativa inicial do paciente como a versão censurada, fragmentada e com alterações de sentido do texto original que, após a interpretação feita pelo analista, seria apresentado em

⁴⁹ Cf. FREUD, S. *Op Cit* (1900), p. 565 e *Análise Terminável e Interminável* (1937a), ESB, vol. XXIII, p.269.

⁵⁰ Cf. FREUD, S. *Construções em Análise* (1937b), ESB, vol. XXIII, p. 293/294.

sua versão completa, sem distorções ou lacunas. Mas este não é o argumento freudiano. Para Freud a censura psíquica agiria no próprio momento de construção do sonho, não sendo um efeito posterior do mecanismo de repressão sobre um sonho já formado. Desse modo, não poderíamos considerar a possibilidade de que o conteúdo manifesto fosse igual ao conteúdo latente mais as supressões ou distorções. No entanto, a abordagem freudiana do trabalho analítico aponta para uma outra possibilidade, pois leva a considerar a idéia do sintoma como estando articulado a uma representação, cujo sentido existiu, mas que por ser incompatível com a consciência do sujeito, sofreu a ação do recalque. Tomada nessa perspectiva, a função do analista consistiria em interpretar o conteúdo manifesto, de modo a alcançar o material reprimido, sendo este último tomado como anterior ao trabalho de interpretação.

A segunda analogia nos parece interessante por apresentar uma correlação entre o objeto psíquico *“cuja história primitiva o analista está buscando recuperar”*⁵¹ e o objeto arqueológico, destruído pelo saque ou pelo fogo. Na comparação entre esses objetos, Freud aponta uma diferença que lhe parece fundamental: os objetos psíquicos não sofrem a ação do tempo, mantendo preservados os elementos essenciais necessários ao trabalho do analista. Este tem por função trazer à luz o que está oculto. Poderíamos argumentar que tal referência tem maior proximidade com a questão do método de investigação do que com a natureza do objeto, mas nos parece que tal método - escavação, descoberta e reconstrução - pressupõe certa materialidade dos conteúdos inconscientes, pois só é possível presumir que o trabalho analítico descobre a verdade oculta sob as deformações de conteúdo, se acreditarmos em um conteúdo ‘soterrado’, já existente e prévio à técnica de associação

⁵¹ FREUD, S. *Op Cit* (1937b), p. 294.

livre. Essa proposta clínica nos parece estar diretamente relacionada ao conceito de inconsciente, tal como aparece na obra freudiana, no qual o sistema inconsciente é articulado ao aparelho de memória, como suposição de conteúdos arquivados, cujo sentido foi dado no momento de sua inscrição como 'traço' no aparelho psíquico.

No decorrer deste capítulo já tivemos oportunidade de discutir a atribuição de materialidade suposta aos conteúdos psíquicos, bem como a hipótese de realismo do inconsciente. Neste tópico o que nos interessa argumentar são as implicações clínicas de uma dada forma de ver os fenômenos psíquicos. Presumimos que, como efeito do conceito de inconsciente, a clínica freudiana apresenta aspectos discordantes: se por um lado, confunde realidade psíquica e física - e como consequência, gera uma duplicação da realidade na narrativa e a suposição de um conteúdo preexistente à técnica do relato - por outro se desvincula de uma prática introspectiva. Se o papel do paciente é inovador por romper com a noção de introspecção, o papel do analista fundamenta-se numa proposta de descoberta da verdade oculta, no mínimo, polêmica.

A ambigüidade presente na prática freudiana parece-nos reproduzir de modo exemplar a problemática em jogo no conceito de inconsciente. No capítulo seguinte, veremos como a crítica politzeriana explora essa discordância e traz elementos argumentativos novos que nos permitirão precisar ainda mais os impasses presentes no conceito de inconsciente.

3. Algumas Considerações

A construção do conceito de inconsciente ao longo da obra freudiana segue um caminho que vai da diferenciação em relação a diversas teorias do psiquismo humano à criação de um sistema psíquico dotado de características próprias. Um primeiro ponto

chama nossa atenção: a confusão entre fenômenos mentais e fenômenos físicos na argumentação freudiana. Acreditamos que tal confusão seja decorrente da concepção freudiana de linguagem - cuja função básica é denotar o pensamento - e da tendência de tomar o mundo físico como modelo do mundo mental, projetando a realidade externa na realidade interna, que é apresentada, pois, como uma versão oculta da primeira. Como consequência, encontramos: (1) a substancialização no uso do conceito de inconsciente e (2) a articulação entre inconsciente e memória.

A ontologização dada ao conceito pode ser percebida pelo uso substantivo do termo 'inconsciente'. Outros aspectos corroboram e enfatizam a substancialização: as metáforas espaciais utilizadas para ilustrar seus argumentos, as discussões em torno da disposição espacial do aparelho psíquico, bem como a possibilidade de comunicação de inconsciente a inconsciente e a correlação entre psiquismo e anatomia, por vezes presente.

Já a articulação entre inconsciente e memória traz implicações diretas para a clínica psicanalítica. A técnica freudiana tem por função, devido a essa concepção de inconsciente, revelar/reencontrar os traços mnemônicos recalçados que dão sentido à lacuna do relato consciente, ou seja, baseada no conteúdo manifesto e suas lacunas, a psicoterapia visa *descobrir* o conteúdo original, latente. Dessa forma, a prática clínica fica limitada à busca de um significado já dado e desconhecido do sujeito, cujo encontro se dará por meio dos *arquivos* de memória.

Na apresentação da crítica politzeriana à teoria freudiana a ser feita no capítulo seguinte, buscaremos ampliar a discussão em torno dos impasses do conceito de inconsciente e das implicações clínicas de tal teoria.

Capítulo II

POLITZER E A PSICOLOGIA CONCRETA

A importância da crítica de Politzer à obra freudiana reside em sua pertinência e amplitude. Nesse capítulo pretendemos apresentar as contribuições politzerianas a uma nova forma de pensar a psicanálise que, embora interrompida precocemente, deixou marcas no desenvolvimento posterior da teoria¹. Sua crítica à doutrina de Freud surge dentro de uma proposta ampla: analisar os fundamentos da psicologia clássica e propor um novo modelo para a psicologia, nomeado de psicologia concreta². Trata-se de um trabalho crítico que vai além do nocional; trabalho de elaboração, de articulação, e, finalmente, de crítica da teoria.

Politzer inicia seu projeto com o lançamento do livro '*Critique des Fondements de la Psychologie*', primeira parte de uma obra programada em três volumes que teria como título '*Materiaux pour la Critique des Fondements de la Psychologie*', pretendendo analisar três escolas da psicologia: psicanálise, gestalt e behaviorismo. No entanto, este volume é não apenas o primeiro, mas o único, já que Politzer abandona seu projeto após ingressar no Partido Comunista Francês³, afastando-se definitivamente das pesquisas no campo da

¹ Diversos psicanalistas conheceram e deram crédito às críticas politzerianas, dentre os quais destacam-se Lacan, Laplanche e Leclaire. Em nossa dissertação, nos deteremos nos desenvolvimentos da psicanálise propostos por Lacan, autor que reconhece o valor crítico das observações de Politzer. No capítulo seguinte, procuraremos discutir o conceito lacaniano de inconsciente em sua relação com os pressupostos politzerianos que serão apresentados no atual capítulo.

² A psicologia concreta é o nome dado por Politzer a uma psicologia voltada para o drama humano e particular do agente historicamente situado.

³ Cf. ROUDINESCO, E. História da Psicanálise na França: a batalha dos cem anos - vol. 2: 1925-1985. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 78.

psicologia⁴. Apesar da interrupção de sua obra referente à psicologia, as marcas deixadas pelo pensamento politzeriano são inegáveis.

Durante o período em que construiu sua crítica, Politzer realizou uma apreciação teórica aguda e diferenciada, não se reduzindo a um exame que permanece no interior da psicologia clássica e “*se restringe a fazer a psicologia voltar-se sobre si mesma*”.⁵ Sua proposta consiste em atacar a ideologia central da psicologia tradicional, ou seja, seus pressupostos, por meio (1) do questionamento do estatuto científico e filosófico do objeto da psicologia, e (2) da crítica das abstrações, impessoalidade e rigidez desta ‘ciência’. Em seu trabalho, Politzer aponta a ineficiência da psicologia oficial e vaticina sua morte, ou seja, conclui pelo fim da psicologia que pretenda estudar os fenômenos psicológicos. Propõe, em seu lugar, uma ciência psicológica que tenha como objeto de estudo a pessoa em si, o drama pessoal de um agente situado historicamente.

Segundo Politzer, três passos se destacam na construção da psicologia clássica⁶: (1) **realização**, (2) **abstração** e (3) **formalismo**. Dito de forma mais explícita, ao **realizar** os processos psíquicos - no lugar de ações dramáticas e significativas - a psicologia clássica quebra as ligações entre esses fenômenos e os toma em si mesmos, desvinculados de seu contexto histórico; ou seja, **abstrai** e os estuda de acordo com as noções de classe - **formalismo**. Estes três elementos são a base da receita mínima para a construção de uma

⁴ Nesse sentido é interessante o artigo de Politzer, sob o pseudônimo de Th. W. Morris (1939) intitulado *La Fin de la Psychanalyse* (cf. POLITZER, G. *Écrits II*. Paris: Ed. Sociales, 1969, pags. 282 e segs.), no qual defende a necessidade de ações sobre o campo social, não apenas em âmbito psicológico. “(...) *as grandes massas, por exemplo, se encontram em presença de preocupações de uma objetividade diferente das relações entre o Ich e o Es*”. Tradução minha, cf. *Op Cit* (1969), p. 286.

⁵ POLITZER, G. *Crítica dos Fundamentos da Psicologia e da Psicanálise*. Piracicaba: UNIMEP, 1998, p. 41.

⁶ Sob o nome de psicologia clássica, Politzer relaciona uma série de pressupostos - compartilhados por diversas escolas de psicologia - que mantém a psicologia no campo das abstrações. Ao longo do texto, estes pressupostos serão explicitados e discutidos.

teoria psicológica tradicional, que, segundo Politzer, representa a ‘generalização ilegítima’ de uma dada forma de ver a experiência humana.

Em sua argumentação, este autor utiliza a psicanálise para demonstrar o fim iminente dos procedimentos psicológicos clássicos e anunciar as bases de uma nova psicologia. Mas cabe deixar claro que a ‘ciência’ criada por Freud não se constitui em um exemplar da psicologia concreta, já que na teoria freudiana há um antagonismo entre (1) o modelo clássico, presente nas construções metapsicológicas e (2) a tendência de orientação para o concreto. Tal contradição reflete-se na relação entre a teoria e a prática freudianas. Enquanto esta última tem uma orientação marcadamente concreta, a teoria retém os postulados⁷ da psicologia clássica.

Para que possamos perceber o alcance da crítica politzeriana, necessário se faz esclarecer os alicerces do ‘edifício’ da psicologia clássica. Este ‘edifício’ tem, em sua base, crenças e pressupostos⁸ - a serem apresentados a seguir - que impedem a criação de uma teoria concreta. Baseados nesses pressupostos, Politzer propõe submeter a exame a estrutura teórica criada por Freud, buscando averiguar os traços de psicologia concreta contidos na psicanálise.

⁷ É importante aqui destacar que ‘postulado’ é o termo utilizado por Politzer para ressaltar o ‘*a priori*’ das leituras psicológicas. Não se trata de interpretações sugeridas pela experiência, mas de pressupostos colocados como ‘lentes interpretativas’ dos fenômenos psíquicos.

⁸ Tomamos como referência o ensaio de Gabbi Jr. “*A Eterna Juventude da Psicologia: o caso da psicanálise*”, prefácio ao livro de Politzer (1998). Em sua análise do argumento politzeriano, Gabbi Jr. identifica e enumera os postulados da psicologia clássica.

(P1) *O psicológico é, em sua essência, algo elementar;*

(P2) *O fato psicológico é um dado perceptivo;*

(P3) *A vida interior é uma reprodução da vida exterior;*

(P4) *O psíquico resulta de processos;*

(P5) *O significado é anterior ao relato.*

O uso crítico que Politzer faz da psicanálise - visando demonstrar o fim dos procedimentos clássicos e anunciar as bases de uma nova psicologia - recorre ao impasse epistemológico do discurso freudiano que confunde sistematicamente argumentos conceituais com questões empíricas. Numa linguagem politzeriana, poderíamos dizer que Freud apresenta suas hipóteses com a retórica e os valores da psicologia clássica, empobrecendo o desdobramento das possibilidades teóricas da psicanálise advindas da clínica⁹. Ou seja, a experiência psicanalítica apresenta fatos individuais que o psicanalista interpreta, *na prática*, como atos psicológicos de um agente particular. No entanto, *ao teorizar*, busca 'explicar' os processos envolvidos e, em decorrência, cai na abstração e nas generalizações, afastando-se da orientação concreta.

Segundo a crítica politzeriana, o principal exemplo de construção teórica abstrata, embora baseado em questões clínicas concretas, é a noção *princeps* da psicanálise: o **inconsciente**. Pois, como *sistema*, o inconsciente reintroduz na teoria o 'mito do teatro

⁹ Politzer não deixa claro ao longo de seu texto *princeps* - Crítica dos Fundamentos da Psicologia e da Psicanálise - quais aspectos da clínica freudiana são concretos, apontando apenas uma tendência ou direcionamento inovador da mesma se comparada com a metapsicologia freudiana. No presente trabalho, nos propomos a pensar que o procedimento propriamente clínico - associação livre por parte do paciente e atenção flutuante do analista, bem como o uso do relato como critério objetivo de análise - é concreto, enquanto que as noções que sustentam esse procedimento - repressão, censura, saber inconsciente, etc. - trazem as marcas da psicologia clássica por colocar em primeiro plano processos impessoais, afastando-se do sujeito particular.

interno¹⁰; e, como *saber*, transforma a prática clínica na busca de um sentido oculto sob uma abstração¹¹. Ou seja, é, justamente, pelo conceito de inconsciente que dois dos pressupostos da psicologia clássica têm lugar na psicanálise, malgrado sua propensão em direção à psicologia concreta.

Analisaremos alguns pontos referenciais da crítica de Politzer, antes de abordar diretamente o conceito de inconsciente, nosso objeto de pesquisa.

1. A Definição de Fato Psicológico

Como já havíamos dito anteriormente, a proposta politzeriana visa questionar o modelo geral da psicologia e dar a esta um objeto específico e condizente com sua realidade de ‘ciência humana’. Um objeto que a diferencie de uma *metafísica* ou de uma *ciência fisiológica*, caminhos recorrentes na construção de uma psicologia científica. Segundo Politzer, “o objeto da psicologia é dado pelo conjunto dos fatos humanos, considerados em sua relação com o indivíduo humano, quer dizer na medida em que eles constituem a vida de um homem e a vida dos homens”.¹²

A importância de delimitar ‘fato psicológico’ deve-se aos efeitos que tal definição trará para a teoria a qual pertence, pois uma dada construção teórica baseia-se em pressupostos próprios para reconhecer ‘seu’ fato psicológico. A inclusão ou exclusão de determinados elementos na categoria ‘fato psicológico’ já traz as marcas de dada ‘forma de ver’ usada pela teoria. Ou seja, apenas é reconhecido como fato psicológico o elemento que

¹⁰ Nomearemos como ‘mito do teatro interno’ a suposição de que a vida interior é uma reprodução da vida exterior, tal como criticada por Politzer em (P3) - cf. p. 52.

¹¹ Esta duplicidade do inconsciente será discutida ao longo do capítulo.

¹² Tradução minha: “(...) *l’objet de la psychologie est donné par l’ensemble des faits humains, considérés dans leur rapport avec l’individu humain, c’est-à-dire en tant qu’ils constituent la vie d’un homme et la vie des hommes*”. POLITZER, G. *Où Va la Psychologie Concrete?* in *Op Cit* (1969), p. 164.

se enquadrar no campo de visão daquela 'lente interpretativa'. Por exemplo, não há como tomar um fenômeno inconsciente como fato psicológico se adotamos uma ótica consciencialista.

No caso específico da psicologia clássica, o fato psicológico aparece como efeito de processos que ocorrem no interior do indivíduo, cujo sentido pode ser inferido por meio da observação do psicólogo e/ou da introspecção do sujeito. O exemplo dado por Politzer é esclarecedor: *"meu filho chora porque o mandam deitar. Eis o acontecimento. Mas para a psicologia clássica só há nisso secreção lacrimal consecutiva a uma representação que contraria uma tendência profunda. Isso é tudo o que aconteceu"*.¹³ Ao desparticularizar o fato, a conclusão do psicólogo clássico faz-se necessariamente abstrata e de nada serve para a compreensão da ação humana, cujo autor é um indivíduo histórico. A idéia subjacente é a pressuposição de que os fatos complexos são agrupamentos de elementos mais simples, de modo que se torna possível compreender o comportamento humano mediante seus processos básicos. Já numa abordagem concreta, o fato psicológico, mesmo o mais elementar, é o segmento de um drama, um fragmento da vida individual. Não é nem um dado da percepção interna, nem da percepção externa, porque não é de percepção que se trata, mas de significação, ou seja, interpretação subjetiva. *"(...) tirar do fato psicológico o seu sujeito, que o subentende, é aniquilá-lo como psicológico"*.¹⁴

Para que fique bem clara a problemática envolvida nessa questão, faz-se necessário destacar a concepção politzeriana de fato psicológico. Para ele, o fato psicológico concreto tem duas características: (1) seus eventos são singulares no espaço e no tempo - são parte

¹³ POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 68.

¹⁴ POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 64.

de um todo - e (2) relacionam-se a indivíduos concretos. Por tomar como base a complexidade dos fenômenos, ou seja, a pressuposição de que o simples só surge como versão 'degenerada' do complexo, Politzer não se propõe a estudar os fenômenos elementares ou a essência do comportamento, mas o agente em suas relações com o meio. Nas palavras de Politzer, "*o fato psicológico é sempre um segmento da vida de um indivíduo particular. Qualquer outra maneira de o considerar destrói sua realidade*".¹⁵ Dessa forma, mesmo a mais ínfima tentativa de eliminar do fato psicológico sua determinação individual - efeito da relação sócio-histórica do agente com o meio - faz com que a psicologia volte ao seu posicionamento clássico, aproximando-se do campo da metafísica ou da fisiologia.

Como já dissemos, o modo com um fato psicológico é definido torna-se de fundamental importância para o posicionamento da psicologia, aproximando-a de uma abordagem concreta ou mantendo-a vinculada aos pressupostos da psicologia clássica. Obviamente, a presença de duas definições incompatíveis de fato psicológico na mesma teoria gera contradições, produzindo um campo tensional insolúvel. Parece ser esse o caso da psicanálise, pois toma como fato psicológico tanto comportamentos de um indivíduo concreto em sua unidade mínima de significação - sonhos, por exemplo - quanto processos e/ou operações (recalque, censura, etc.).¹⁶

Tomemos o trabalho de interpretação dos sonhos: Freud não busca realizar um estudo abstrato e formal dos elementos oníricos, mas encontrar um agente imerso em uma

¹⁵ Tradução minha: "(...) *le fait psychologique est toujours un segment de la vie de l'individu particulier. Tout autre manière de le considérer détruit sa réalité*". POLITZER, G. *Psychologie Mythologique et Psychologie Scientifique in Op Cit* (1969), p. 102/103.

¹⁶ Poderíamos acrescentar ao argumento politzeriano a discussão - já levantada no capítulo anterior - sobre a confusão entre empírico e conceitual presente na obra freudiana, pois é perceptível a elisão das diferenças categoriais em jogo no uso de uma gramática comum para se referir a objetos físicos e objetos psíquicos.

vida composta de acontecimentos particulares e situado historicamente. O que interessa é o sentido do sonho, como fato psicológico, explicitado pela fala do agente. Nessa perspectiva, a abordagem freudiana é concreta. A substituição da introspecção, fonte de descrições abstratas, pelo método da livre associação também possibilita uma abordagem concreta do fato psicológico, pois este se coloca como exterior ao ato de conhecimento que o aborda, rompendo com o engano introspeccionista do auto-conhecimento. *“O psicanalista não pede a seu sujeito que mude, por assim dizer, sua maneira de ser: pede apenas para ‘relaxar’ e falar. O sujeito não tem outra coisa com que se ocupar. O trabalho psicológico é reservado ao psicólogo e o sujeito não pode executá-lo”*.¹⁷ Cabe ao analista escutar o relato e buscar na fala do paciente a realidade contextual do drama humano individual, sem fazer uso da introspecção¹⁸, já que esta última é um método de abordagem da realidade interior. O método a ser utilizado, na clínica, é o do relato tomado como descrição e análise do drama humano.

No entanto, vemos em alguns momentos uma articulação teórica - mais especificamente no campo da metapsicologia - tomar operações impessoais como fatos psicológicos e relançar a psicanálise no campo das psicologias abstratas. Nessas construções argumentativas, Freud prima pelo uso de uma gramática referente a fenômenos físicos, ou seja, fenômenos que existem independentemente do sujeito, para teorizar sobre os fenômenos psíquicos - que são logicamente dependentes do sujeito -, de tal forma que mantém o leitor diante de conceitos simultaneamente abstratos e realistas. Embora Freud não seja ingênuo em supor que o fato psicológico é um processo biológico ou fisiológico ao

¹⁷ POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 86.

¹⁸ Abordaremos a introspecção em sua relação à psicanálise em um tópico específico neste mesmo capítulo.

qual se soma a consciência, ele inaugura, por meio do inconsciente, o campo dos fenômenos e processos abstratos - recalque, censura, pulsão, etc. - supostos pela teoria. Desse modo, o inconsciente apresenta-se como o construto metapsicológico, por excelência, que reintroduz os pressupostos da psicologia clássica¹⁹.

Como dissemos anteriormente, duas definições incompatíveis de fato psicológico estão colocadas lado a lado na psicanálise, produzindo uma tensão teórica: (1) por um lado, uma **definição concreta** - comportamentos humanos e sua significação para aquele agente particular e (2) por outro, uma **definição abstrata**, repleta de processos e operações (recalque, censura, etc.) que não fazem mais referência ao sujeito. Essa última aparece justamente nas construções metapsicológicas, sede da abstração clássica no campo da psicanálise; já o primeiro uso de fato psicológico é encontrado na teoria da clínica.

1.1. O Drama como Fato Psicológico Concreto

Para constituir a psicologia concreta como 'ciência nova', diferenciada da abordagem tradicional da psicologia, fez-se necessário definir fato psicológico de forma original e pertinente para o estudo e compreensão do homem particular, pois é de acordo com o 'olhar' lançado sobre a experiência humana que as diferentes teorias psicológicas definem seu posicionamento - clássico ou concreto. Se um dado 'olhar' sobre a experiência humana a toma como drama em si, constitui-se uma abordagem concreta; mas se o evento deve vir a ser esclarecido pelo seu desdobramento em processos elementares, temos aí o

¹⁹ A dimensão psicológica do inconsciente está claramente suposta no método freudiano de 'cura pela palavra', que exclui qualquer questionamento fisiológico e/ou introspectivo, mas a dimensão realista da teoria insere o inconsciente numa articulação conceitual compatível com os procedimentos da psicologia clássica. Ou seja, retornamos ao campo das abstrações.

modelo da psicologia clássica.²⁰ Na primeira acepção, trabalharíamos com uma definição específica de fato mental, na outra, acreditaríamos estar lidando com fenômenos mentais, como reprodução exteriorizada de uma causa interior.

A acepção politzeriana de fato psicológico implica na consideração da singularidade de um sujeito concreto em sua vida: *“O drama representa para nós o ponto que permite a passagem da mitologia dos processos em direção aos eventos reais da vida humana”*.²¹ Dessa forma, **fato psicológico é um segmento da vida do indivíduo particular**, cabendo à psicologia concreta investigar o drama²² em sua singularidade e temporalidade, ou seja, estudar o sujeito historicamente determinado. A crítica politzeriana debruça-se sobre a interpretação de sonhos proposta por Freud devido a seu duplo caráter: por um lado, Freud constrói o sentido do sonho, utilizando como elementos interpretativos, fragmentos da história individual do paciente - nesse sentido, a interpretação onírica freudiana atende ao uso dos termos psicológicos; por outro, ao dividir a experiência dramática em ato e interpretação humanos, gera uma distorção que já traz em seu bojo as marcas da abstração. Não há como concretamente separar o ato da significação, pois o ato já é significação de um sujeito, não existindo na ausência deste.

A crítica que Politzer faz ao uso freudiano de fato psicológico baseia-se nesse desdobramento entre ato e interpretação, pois, se as descrições clínicas freudianas

²⁰ *“(…) em lugar de encontrar na psicologia simplesmente uma organização superior do conhecimento prático do homem, estamos em presença de duas tradições diferentes: uma, a tradição dramática (...) outra a tradição animista. A primeira só se relaciona diretamente ao drama, enquanto que é a alma, e não o homem, que está no centro da segunda”*. Tradução minha. Cf. POLITZER, G. *Psychologie Mythologique et Psychologie Scientifique in Op Cit* (1969), p. 89/90.

²¹ Tradução minha: *“Le ‘drame’ représentait pour nous le point qui permettait le passage de la mythologie des processus vers les événements réels de la vie humaine”*. POLITZER, G. *Où va la Psychologie Concrete? in Op Cit* (1969), p. 153.

²² Politzer utiliza o termo drama em seu sentido teatral, diferenciado do sentido emotivo, ‘dramático’.

assemelham-se a construções literárias e se aproximam bastante de ações dramáticas, humanas, a estas descrições, Freud soma explicações metapsicológicas que apresentam o psicológico na linguagem clássica, ou seja, em termos de processos e fenômenos com existência própria. Desse modo, Freud institui um duplo da realidade vivenciada e constrói um paralelismo no qual o mundo interno surge como versão oculta do mundo externo. Como consequência, na psicanálise freudiana, o fato psicológico tanto pode ser tomado como a realidade mental constituída por fenômenos psíquicos, quanto como o drama de vida daquele agente particular.

O plano dramático, segundo Politzer, já constitui, por si só, um domínio significativo. *“Ainda que o drama constitua, em face da natureza, um domínio perfeitamente original, essa originalidade não é aquela de uma substância para a qual seria necessário inventar um estado civil metafísico inédito”*.²³ Não se trata de realizar o drama e criar uma categoria paralela à vida humana, tal como faz a psicanálise freudiana ao instituir sua metapsicologia. Trata-se de reconhecer que *“nossa experiência dramática é a vida no sentido humano da palavra, seus personagens são os homens agindo de tal ou qual maneira, suas cenas as mais particulares implicam ainda o homem em sua totalidade”*.²⁴

A concepção politzeriana de drama é bem clara, dirimindo qualquer dúvida quanto ao fato psicológico que possa servir de base para a construção de uma psicologia concreta. A psicanálise freudiana mantém uma duplicidade de definições do fato psicológico,

²³ Tradução minha: *“Bien que le drame constitue, en face de la nature, un domaine parfaitement original, cette originalité n'est pas celle d'une substance pour laquelle il faudrait inventer un état civil métaphysique inédit”*. POLITZER, G. *Psychologie Mythologique et Psychologie Scientifique in Op Cit* (1969), p.81.

²⁴ Tradução minha: *“Notre expérience dramatique était la vie au sens humain du mot; ses personnages étaient des hommes agissant de telle ou telle manière, ses scènes les plus partielles impliquaient encore l'homme dans sa totalité”*. POLITZER, G. *Psychologie Mythologique et Psychologie Scientifique in Op Cit* (1969), p. 85.

trazendo como consequência a manutenção em sua teoria de um dos pressupostos fundamentais da psicologia clássica: o mito de um teatro interno, cuja existência parece independe do sujeito.

2. O Mito do Teatro Interno

O mito do teatro interior - a suposição ou crença de que o homem é habitado por processos internos, passíveis de observação e consideração, que justificam o comportamento humano - é o ponto de apoio para a crítica politzeriana à abstração presente na psicologia clássica²⁵. Não se trata de uma abstração qualquer, mas de considerar os fenômenos psicológicos como independentes da ação humana.

O primeiro problema desse posicionamento está em 'realizar' a vida interior, crer em sua existência autônoma e sobre ela - a vida interna - criar uma teoria psicológica de processos psíquicos que toma como modelo o mundo externo. Ou, dito de outro modo, em utilizar a mesma gramática para conceitos com características diversas e incompatíveis de aplicação, produzindo como consequência uma confusão - recorrente na psicanálise - entre a interpretação de uma ação e sua explicação em termos de processos internos.

Relembremos que a abordagem clássica toma o fato psicológico como uma entidade em si que pode ser estudada de forma independente da pessoa de quem é uma manifestação. No caso específico do mito de um teatro interno, a abstração consiste em tomar o fato psicológico como uma entidade realizada *dentro* do psiquismo, de modo que o homem particular não é considerado em sua singularidade. Dessa forma, qualquer ato humano é

²⁵ "(...) compreender as significações humanas ou fazer hipóteses sobre os processos internos não é a mesma coisa". Tradução minha. Cf. POLITZER, G. *Psychologie Mythologique et Psychologie Scientifique* in *Op Cit* (1969), p. 89.

destituído de sua dimensão dramática e reduzido a uma manifestação exteriorizada de processos psíquicos internos ao agente, constitutivos da vida interior que não lhe é específica - a esse sujeito particular - mas comum aos homens. Sendo passível de generalização, esta teoria psicológica agrada aos 'ditames da ciência'.²⁶

Como estudamos anteriormente, Freud rompe com a definição clássica de fato psicológico²⁷ ao abandonar o referencial atomista ou orgânico de processos fisiológicos ou mecanismos para dar conta do sonho mediante uma interpretação de sentido. O sonho, para Freud, apresenta-se como um fato psicológico possuidor de um mecanismo próprio, em oposição à visão tradicional que considera os elementos do sonho de modo abstrato e formal. Na abordagem clássica encontramos uma dupla vertente de apropriação do sonho como fato psicológico: por um lado, a abstração consiste em destacar o sonho do sonhador, considerando-o não como feito pelo agente, mas como produzido por causas impessoais; por outro, a abordagem formal consiste em tomar os elementos do sonho como fazendo parte de uma classe mais geral e produzir conhecimento em torno dessas classes. Desse modo, o sonho é um processo que pode ser estudado ou compreendido de forma independente do sonhador.

Já a abordagem freudiana não separa o sonho da figura do sonhador, pois só por meio de uma estreita ligação entre sonho e agente é que algo da ordem do sentido pode ser

²⁶ Segundo Politzer, a psicologia clássica, ao fazer uso da abstração na definição de fato psicológico, constrói uma 'lente' que não possibilita a aquisição de novos conhecimentos, mas tão somente conforma os dados observados a sua velha forma de interpretar o mundo.

²⁷ Embora haja uma tensão entre as definições de fato psicológico apresentadas por Freud em sua teoria, os elementos escolhidos como objetos de estudo bem como a técnica de investigação desses objetos têm caráter inovador devido a seu estreito vínculo com a história individual do paciente, caracterizando uma abordagem concreta.

descoberto.²⁸ O interesse freudiano pelo sentido de qualquer formação do inconsciente constitui-se como ruptura do modo de pensar da psicologia clássica, situada em um ponto de vista formal²⁹, já que esta última não se interessa pelo sentido, mas pela função psíquica organizada - temos aí conceitos tais como sensações, lembranças, imagens, etc. No entanto, segundo Politzer, Freud expressa-se numa linguagem que falseia sua visão inovadora ao construir uma teoria que faz recorrência a conceitos abstratos e/ou realistas.

Poderíamos argumentar que, além de uma recorrência à abstração ou ao realismo, Freud também confunde questões conceituais com questões empíricas. Por exemplo, quando pressupõe que a alucinação seja anterior à percepção real e interroga-se como empiricamente se passa da primeira para a segunda³⁰. Soma-se a isso o uso freudiano de uma mesma gramática para referir-se a objetos psíquicos e objetos físicos, produzindo a extensão de características próprias ao mundo físico - como existência, permanência e extensão - a um suposto mundo psíquico. Como consequência, Freud permanece vinculado a preconceitos da psicologia clássica ou, dito de outro modo, a seu pressuposto mais característico: construir um mundo interno à imagem e semelhança do mundo externo.

Mesmo ao considerar esta ambigüidade na obra freudiana, Politzer defende que o uso de termos gerais nas explicações dos fenômenos psíquicos não invalida o fato de Freud eleger fenômenos psicológicos que apontam o caminho para uma abordagem concreta e que contemplam a singularidade do agente que apresenta tal fenômeno. Por exemplo: por tomar

²⁸ "Freud procura o sentido do sonho. Ele não se contenta com o estudo abstrato e formal de seus elementos (...) O que ele quer atingir pela interpretação não é o eu (moi) abstrato da psicologia, mas o sujeito da vida individual." POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 68.

²⁹ Para reafirmar o posicionamento concreto de Freud em diversos momentos de sua obra, lembremo-nos de sua teoria das neuroses, na qual o sujeito neurótico, submetido a uma história pessoal a ser resgatada, vem a primeiro plano - em detrimento de uma nosologia puramente descritiva e abstrata.

³⁰ Ou seja, ele procura descobrir empiricamente como se passa do processo primário para o processo secundário.

o sonho ou qualquer formação do inconsciente como intencional, pode-se buscar o sentido de uma dada intenção de um sujeito particular. Não se trata, portanto, de fazer abstração da intenção significativa dos sonhos. O que a teoria freudiana pretende é, mediante uma generalização teórica, apresentar o sentido individual da ação; ou seja, a *particularidade* de um agente concreto.

O problema reside na linguagem que Freud usa em suas justificativas teóricas para questões clínicas. No caso específico da suposta contemplação de um teatro interno, Freud faz referências lingüísticas que só podem ser válidas em uma construção teórica na qual o 'mundo interior' preexista ao relato do sujeito³¹ e tenha como modelo o mundo físico. Como consequência, a psicanálise acaba por produzir sua própria metafísica que, como toda metafísica, está além de qualquer verificação - *como obter um dado empírico que confirme a existência do inconsciente?* - e coloca a psicanálise fora do campo da psicologia concreta.

Politzer aponta que, malgrado os fatos psicológicos na psicanálise serem considerados, em alguns momentos, como 'coisas', o que tem interesse na abordagem freudiana, como ilustrativa de uma nova psicologia, é a possibilidade de uma pessoa estar ativa e não ser considerada como recipiente passivo de incidentes que deixam marcas em sua vida. Apesar de (1) sua ambivalência entre *psicologia concreta*, presente na clínica, e *psicologia abstrata*, presente nas construções teóricas, e (2) a manutenção do pressuposto do teatro interno, a psicanálise rompe com a introspecção como método de conhecimento subjetivo justamente por retirar o indivíduo da condição de espectador de suas próprias vivências.

³¹ Cf. a relação entre pensamento e linguagem na teoria freudiana, Capítulo 1, p. 13 e segs.

Para finalizar este tópico, cabe-nos apontar a tensão presente na teoria freudiana entre, por um lado, argumentações de caráter particular - abordagem clínica - e, por outro, conceitos genéricos - teoria metapsicológica. No entanto, vale ressaltar que, mesmo quando colocadas lado a lado ou submetidas a conceitos abstratos, as ‘argumentações particulares’ fazem o diferencial da produção freudiana em relação à psicologia clássica, pois ocupam um lugar argumentativo central nos seus textos. O rompimento da introspecção como método de conhecimento subjetivo de um suposto teatro interior é um indicativo da tendência concreta que acompanha a psicanálise. Vejamos de que forma isto acontece.

2.1. A Introspecção como Método de Investigação da Vida Interior

A introspecção constitui o método clássico de conhecimento psicológico, uma vez que defende a crença de que uma vida interior possa ser percebida pelo agente, quando este se coloca como observador dos próprios processos subjetivos. Tal acepção da introspecção permite tomar o discurso do agente como descrição de uma realidade interna, ‘um olhar para o interior de si mesmo’. Como consequência, a psicologia clássica faz a exigência - absurda, diga-se de passagem - que o objeto de sua ciência seja também o elaborador dessa ciência, ou seja, que o sujeito produza o ato psíquico - por exemplo, o sonho - e saiba de sua significação. Ao sujeito caberia ser, ao mesmo tempo, objeto de estudo e psicólogo³².

Ao tomar o discurso do agente como descrição de estados internos, a psicologia clássica produz um desdobramento entre **relato exterior** e **realidade interna**, que não apenas relança o relato no campo das abstrações, como também realiza a vida interior. “*Os dados da introspecção, que são os de uma realidade, sugerem depois hipóteses sobre a*

³² Cf. BECK, L.W. *The Actor and the Spectator*. Bristol: Thoemmes Press, 1998.

estrutura dessa realidade, e essas hipóteses são naturalmente realistas".³³ Para deixar clara a relação entre relato e realidade interna na psicologia clássica, Politzer exemplifica:

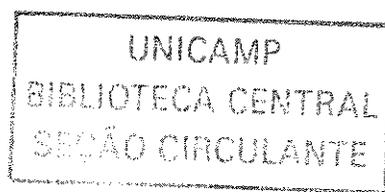
"Esqueci um nome que, na verdade, conheço bem; se me introspecto, direi que sinto um certo mal-estar ao mesmo tempo que uma forte tensão interior: o sentimento de saber sem fórmula verbal e sem imagem; nomes apontam na minha mente, mas afasto-os com uma certeza repleta de despeito, e a consciência dessa certeza, ao mesmo tempo que a da minha ignorância, deixa-me perplexo até o momento em que, de repente, sem poder saber o porquê, tenho uma sensação de alívio como se uma resistência cedesse subitamente e o nome procurado surge, afinal, acompanhado de um sentimento de alívio e de libertação".³⁴

Apesar de ter sido feita uma descrição minuciosa de todos os estados de 'espírito' do agente, efetivamente tem-se apenas uma abstração, já que o simples fato de falar da 'percepção de estados internos' implica em afastar o agente de sua vivência particular. O fato psicológico *per si*, o drama humano e particular estão ausentes, pois a introspecção mostra-se indissociável da abstração e do formalismo, fazendo com que a ênfase recaia sobre os estados internos - apresentados em uma linguagem que os assimila à realidade externa. Na psicologia concreta não se trata de captar entidades, mas de compreender o sentido de um comportamento.

A psicanálise mostra sua face concreta ao tentar compreender o sentido das ações humanas seguindo um método não introspectivo, a associação livre. Para Freud, a criação de um novo método investigativo fez-se necessária como consequência da inaptidão da introspecção em alcançar os conteúdos inconscientes, pois esta não contorna a censura

³³ POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 86/87.

³⁴ POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 84.



psíquica³⁵, um dos postulados centrais da teoria freudiana. O método psicanalítico deve, portanto, apoiar-se em outras premissas: o fato de Freud tomar as formações do inconsciente como dados psicológicos torna necessária uma mediação, realizada pela presença de um outro - o analista - a quem se dirige o relato do paciente. Não se trata de uma percepção imediata do fenômeno psíquico, pois os fatos inconscientes devem ser reconstruídos de acordo com uma elaboração que implica a história de um agente particular.

Ao propor a associação livre como método de investigação psíquica, Freud altera o ponto de vista abstrato pelo concreto e possibilita a criação de um método 'objetivo', cabendo ao relato o esclarecimento do sentido do ato psíquico produzido por aquele agente particular. Baseada nessa modificação de método introduzida por Freud no campo da psicologia é criada uma dissimetria entre paciente e analista. Enquanto no método da introspecção, o paciente é seu próprio analista e observador, o método de associação livre, baseado no relato do agente, leva-o a falar sem se preocupar com o sentido e o analista a interpretar 'objetivamente' os materiais apresentados. *“De fato, se substituirmos a introspecção pelo relato, o trabalho psicológico incidirá sobre dados 'objetivos'. O relato constitui um material objetivo que pode ser estudado de fora”*.³⁶

Embora Freud faça uso de um método de investigação psicológica diferenciado do método introspectivo, e, portanto, esteja no campo da psicologia concreta, a abordagem freudiana do relato, suporte da técnica de associação livre, é ambígua: por vezes, mostra-se

³⁵ O pressuposto freudiano da censura psíquica implica na existência de conteúdo não acessível à consciência do sujeito. Desse modo, a introspecção só seria útil para acessar o material consciente, sendo ineficaz para a abordagem dos fenômenos inconscientes.

³⁶ POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 85.

em sua dimensão concreta, como esclarecimento do sentido e contextualização da vivência particular daquele agente; no entanto, em outros momentos, mostra-se tributária de uma concepção realista da narrativa, que supõe um sentido prévio vinculado à representação. O pressuposto de que o relato tem um sentido convencional e anterior ao momento de sua enunciação é o tema de nosso próximo tópico.

3. O Significado como Preexistente ao Relato

Por que o efeito que o evento produziu na pessoa deve ser descrito como se o evento original, de algum modo, continuasse a existir? Propomo-nos aqui a questionar o pressuposto da psicologia clássica que toma a *anterioridade do significado em relação ao relato* como algo efetivo. A importância de refutar tal postulado deve-se ao realismo e à abstração implicados pelo mesmo.

A abstração, nesse caso, consiste no desconhecimento da individualidade do relato e sua significação; ou, melhor dito, na crença de que a presença de uma dada significação no aqui e agora do agente nada mais é do que a reprodução de uma significação geral que se manifesta na individualidade. Dessa forma, a significação individual, na perspectiva da psicologia clássica, consiste apenas no modo como um fato psicológico é vivenciado pelo agente - a ênfase recai sobre a vivência *específica* de um fenômeno psíquico *geral*.

Já o realismo surge em relação ao uso do desdobramento: a significação convencional é desdobrada para o interior do sujeito - aí vemos a crença no teatro interior - e substancializada. Chegamos, então, ao realismo ingênuo. Nas palavras de Politzer, “(...)

*são as significações convencionais que são realizadas, enquanto o realismo procede por desdobramentos e o que é desdobrado é a significação convencional”.*³⁷

Politzer esclarece³⁸: *“Há duas maneiras de utilizar o relato do sujeito. Podemos desarticulá-lo pela abstração e pelo formalismo para projetá-lo de uma maneira ou de outra na vida interior. É a atitude da psicologia clássica. Também podemos utilizar os dados psicológicos simplesmente como o contexto de um sentido que procuramos: reconhece-se aqui a atitude da psicanálise”.*³⁹ Ou seja, na teoria freudiana, o relato na análise não é considerado como a descrição de um estado interno, mas como a possibilidade de produzir uma significação esclarecedora do comportamento humano daquele indivíduo singular.

Ora, já sabemos que a psicanálise não cai no pressuposto clássico do mito do teatro interno ao utilizar na clínica o relato como método de investigação, embora mantenha tal pressuposto em sua teoria metapsicológica. A problemática psicanalítica dá-se em torno do realismo das representações, crença que implica na preexistência do significado em relação à narrativa. No caso da teoria do sonho, podemos ver claramente a presença do realismo, que aparece em uma dupla vertente. Por um lado, (1) como dissociação do relato significativo, criando um duplo ‘ontologizado’ e, por outro, (2) como suposição de um relato que não foi dado efetivamente pelo sujeito. Temos como exemplo, no primeiro caso,

³⁷ POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 94.

³⁸ Para Politzer, a teoria da clínica freudiana é **tendencialmente** concreta, o que não implica em afirmar que este seja um exercício pautado diretamente por pressupostos concretos, mas em destacar o uso de uma técnica que privilegia o agente em sua inserção sócio-histórica. Neste trabalho, ao discutirmos a relação entre o pressuposto da anterioridade do significado e a teoria da clínica, estaremos destacando, por um lado, alguns impasses da técnica freudiana, e, por outro, indicações para uma possível abordagem concreta da psicanálise - esta discussão não é diretamente desenvolvida por Politzer, mas tentaremos aqui considerar o que seria uma aplicabilidade de seus pressupostos à abordagem clínica da psicanálise freudiana.

³⁹ POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 101.

o *relato do sonho* e o *sonho em si*, revelado pela interpretação, e no segundo caso, o conteúdo latente tomado como texto. Em ambos os casos, a anterioridade da significação está colocada.

Numa abordagem psicanalítica concreta pode-se tomar qualquer formação inconsciente como fato psicológico capaz de se tornar coerente pela sua inserção no relato individualizado do agente que lhe daria seu contexto, alcançando o sentido. No entanto, não se trata de um sentido *verdadeiro* presente em outra realidade psicológica, oculta ao agente. Trata-se de contextualizar o sonho e alcançar sua significação individual *no mesmo momento* do relato. Dito de forma mais clara, para a psicologia concreta os dados psicológicos só podem ser reconhecidos no relato *como significação*. Não se trata, tal qual na psicologia clássica, de que a narrativa seja a descrição de uma realidade interna, mas de apontar o aspecto interpretativo do discurso, ótica de um agente historicamente situado. Ao adotar o postulado da anterioridade do significado, a psicanálise constitui a hipótese do saber inconsciente, pois é no inconsciente que residem os elementos que faltam ao relato para ser compatível com o comportamento vivido pelo agente - basta nos lembramos aqui da hipótese freudiana das 'ligações falsas' que, se substituídas pelas verdadeiras ligações causais, elucidam o sentido do comportamento neurótico.⁴⁰

Para demonstrar o engano de tal posicionamento - considerar a significação inconsciente como um elemento real - Politzer toma o exemplo do jogo de tênis e argumenta que não nos questionamos quanto à *localização real* das regras do jogo

⁴⁰ "Considerando que o inconsciente sempre leva ao fato o que falta a este para o postulado [anterioridade do significado] ser válido, faz com que o postulado passe a ser irrefutável e, por efeito de multiplicação, o próprio inconsciente se torna irrefutável". In POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 151.

enquanto jogamos. Tal exemplo apenas leva ao extremo a equivalência entre objetos mentais e físicos - que se apresenta no uso de uma mesma gramática para se referir ao mundo psíquico e ao mundo físico - fazendo-nos perceber o equívoco de analogias similares que produzem uma atribuição de características próprias aos objetos físicos aos dados psicológicos, realizando-os. No caso da livre associação do paciente, o que é frutífero para o trabalho clínico é a significação do relato no momento de sua expressão e não os fenômenos inconscientes presentes no relato e 'descobertos' após uma análise abstrata.

Enquanto a abordagem freudiana supõe o sonho como uma transposição que parte de um texto original, deformado pelos mecanismos oníricos, a abordagem concreta toma o sonho como um produto individual de um agente historicamente situado. Assim não faz mais sentido falar em conteúdo manifesto e conteúdo latente, mas tão somente em relato individualizado do sonho. *"O simbolismo só parece ser um disfarce quando se substitui a dialética que explica o sonho pelo seu relato e quando se realiza esse relato anteriormente ao próprio sonho".*⁴¹ Ao tomar consciência da lembrança motivadora do sonho, o agente não tem desvelada a entidade psicológica oculta sob o relato, mas tão somente obtém um esclarecimento adicional sobre a significação do sonho.

3.1. Conteúdo Manifesto e Conteúdo Latente

Na tentativa de situar o fato psicológico entre os segmentos da vida do sujeito particular e estabelecer sua significação, a psicanálise esclarece o relato imediato à luz dos dados subjetivos que lhes dão sentido e aproxima-se da abordagem concreta. No entanto, a psicanálise freudiana opõe o relato convencional ao relato individual e produz confusão ao

⁴¹ POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 147.

aproximar essa distinção entre relatos de uma outra diferenciação: relato superficial e relato profundo. Dito em termos freudianos, conteúdo manifesto e conteúdo latente. Ou seja, apesar de a psicanálise reconhecer a originalidade do significado das formações do inconsciente, ela supõe um sentido convencional e prévio para os mesmos.

Ao buscar a significação individual dos termos do relato, a psicanálise toma o sonho como um texto a ser decifrado. Trabalhará, então, com elementos e pontos de referência que contextualizem o sonho, pois é mediante o contexto que se tem acesso às significações, sejam estas individualizadas ou convencionais. As referências se relacionam a experiências pessoais que geram significações também pessoais. Dito de forma mais clara, o relato subjetivo, ancorado no método da livre associação, cria a possibilidade de se encontrar as chaves interpretativas das significações individuais. Desse modo, Freud mostra sua concordância com a psicologia concreta ao tomar como hipótese de trabalho a possibilidade de uma palavra, situada na rede de significações de um contexto individual, ter uma função significativa original.

Mas Freud, ao construir as noções de conteúdo manifesto e conteúdo latente, cai nas malhas da psicologia clássica por apresentar este último de forma substancializada, como pensamento anterior ao relato. A suposição de preexistência do conteúdo latente faz com que Freud recorra a uma topografia do aparelho mental composto de instâncias que funcionam como ‘lugares psíquicos’. Tal hipótese teórica implica realismo e abstração - pressupostos da psicologia clássica - bem como o uso de uma linguagem comum para se referir a objetos físicos e mentais⁴². No caso específico da noção de conteúdo latente, o

⁴² Para maiores detalhes quanto às críticas referentes à construção do aparelho psíquico freudiano, cf. Capítulo I, p. 24 e segs.

primeiro ato do realismo é a transformação do relato significativo num conjunto de realidades psicológicas. Dessa forma, ao realizar o desdobramento entre conteúdo latente e relato manifesto, a psicanálise freudiana assenta o plano das significações - obtidas por meio do relato - num outro plano - conteúdo latente, reino das entidades psíquicas.

A ilusão está em crer que o desdobramento do relato traz algo novo, um segundo relato mais profundo e prévio ao enunciado do agente. Tal engano decorre da passagem do relato manifesto - campo da significação - para o plano das entidades psicológicas e daí de volta para o campo da significação, gerando a ilusão de que as realidades significativas descritas permaneceram sempre presentes, em estado latente. Tomando como exemplo o sonho, poderíamos dizer, seguindo Freud, que o agente constituiria um relato diferente do sonhado se tivesse usado os signos adequados para representar suas intenções significativas⁴³. Assim, o relato do sonho, tal como dado pelo agente, em que as intenções significativas estão disfarçadas, deve ser substituído por outro, no qual estas aparecem com seus signos adequados. Ou, dito de outra forma, cabe ao analista refazer o percurso significativo do relato manifesto, de modo a alcançar o relato latente e já existente intencionalmente, atualizando-o no momento da análise.

Na articulação freudiana, a intencionalidade do sonhador tem existência como pensamento anterior e diferenciado do relato manifesto. Desse modo, é feita, na análise, uma comparação entre o texto do conteúdo manifesto e o do conteúdo latente. “(...) *o conteúdo latente não é senão o sonho tal como teria sido, se, em vez de ter sido sonhado, tivesse sido simplesmente ‘pensado’*. De fato, o conteúdo manifesto é simbólico, as

⁴³ Esta suposição se apóia na concepção freudiana de que a linguagem tem como função básica a denotação. Cf. capítulo 1, p. 13 e segs.

*intenções significativas não aparecem com seus signos adequados, enquanto o conteúdo latente é o mesmo texto, mas decifrado, quer dizer, dá as mesmas intenções significativas, mas com seus signos adequados”.*⁴⁴

Segundo Freud, a análise tem como finalidade refazer o trabalho do sonho em sentido inverso, do relato manifesto para o conteúdo latente. Essa concepção da análise acaba por atribuir ao sonho um pensamento convencional, anterior ao relato, que expressa o sentido do sonho e as intenções do sonhador por meio de signos adequados. Ou seja, o que justifica o fato de o conteúdo latente apresentar-se sob a forma de um relato lacunar e distorcido é a pressuposição de que o mesmo sofreu algum tipo de deformação.

Em decorrência da aplicação do postulado da anterioridade do significado convencional em sua teoria, o analista freudiano toma a compreensão da significação individual - ou seja, qualquer formação do inconsciente - como deformação ou derivação de um significado convencional. Dito de outra forma, a significação individual é tomada como um texto alterado, em relação a um texto completo, convencional e anterior ao relato do agente. O texto completo faria uso de signos adequados, enquanto o texto individual seria uma alteração destes mesmos signos; alteração que torna incompreensível para os outros e, até para o próprio agente, o sentido de sua produção - estamos aqui trabalhando com qualquer exemplo de formação do inconsciente, tal como definida por Freud.

Podemos notar que a tensão entre psicologia concreta e psicologia abstrata mantém-se na psicanálise, pois se a livre associação cria a possibilidade de enunciação, por parte do agente, de alterações de sentido, o analista, apoiado na metapsicologia freudiana, toma estas alterações como exemplares do grau de distorção presente na ‘fabricação’ de símbolos

⁴⁴ POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 145.

privados/sintomas, em oposição ao sentido convencional dado pela comunidade. No entanto, pensar o método psicanalítico como método interpretativo - buscar significações individuais sob as significações coletivas ou culturais - implica na possibilidade de ligar o fenômeno psíquico à vida particular do agente.

Uma abordagem propriamente concreta teria a possibilidade de analisar os elementos individuais que dão sentido ao relato sem recorrer a uma anterioridade do pensamento formador do sonho ou a uma realidade mantida oculta e separada do texto; para isso, bastaria tomar o relato individual como elemento de contextualização e significação de um dado comportamento. Em contraposição, a abordagem clássica consiste em dar uma interpretação estática da forma do sonho, ou seja, abandonar a significação e dar ao relato a dimensão de realidade.

Segundo Politzer é justamente a hipótese do inconsciente que, ao ser introduzida na teoria freudiana, traz para a psicanálise o argumento clássico em torno da preexistência do significado, empobrecendo os desdobramentos teóricos da teoria clínica.

4. O Inconsciente

Como já dissemos anteriormente, a crítica politzeriana à teoria psicanalítica centra-se sobre o conceito de inconsciente, devido a sua ligação com os pressupostos da psicologia clássica presentes na teoria freudiana, quais sejam: o mito do teatro interno e a preexistência do significado.

Detenhamo-nos primeiramente na construção freudiana do conceito. Inicialmente⁴⁵, o inconsciente é apresentado como sendo de ordem física, processos ‘neurológicos’ que o agente desconhece. Apenas posteriormente⁴⁶ Freud toma a questão do inconsciente psicológico e necessita, então, fundamentar e justificar o conceito perante um discurso que identifica o psiquismo com o consciente. Estamos então propriamente no campo da psicanálise. A fundamentação freudiana do conceito se dá mediante ‘suposições lógicas’ - campo conceitual - que levam à seguinte conclusão: *lacunas no relato são consequência da ocultação de um determinado conteúdo à consciência do sujeito*. Não se trata de uma constatação feita segundo dados observáveis, mas de uma hipótese teórica apresentada como ‘necessária’ para a continuação da investigação psicanalítica.

Ao longo de sua obra, Freud faz uso regular do conceito de inconsciente sem destacar seu caráter hipotético, de modo que a descrição feita do inconsciente se assemelha a uma constatação, quando em verdade se trata de uma suposição teórica. Desse modo, a existência desse sistema psíquico particular parece ser ‘validada’ pela apresentação de dados supostamente empíricos - associações do paciente em seu relato - cujas descrições tomam aparência de explicações para o enigma do comportamento humano. Como efeito dessa abordagem, facilmente pode-se pensar o inconsciente como a ‘descoberta’ freudiana, um sistema psíquico até então desconhecido pela ‘ciência’ e descoberto pela perspicácia de um gênio.

Para nossa crítica, cabe destacar os pressupostos que estão em jogo em tal construção teórica. Ao apresentar o inconsciente como um aparelho psíquico constituído

⁴⁵ Cf. FREUD, S. Projeto para uma Psicologia Científica (1895). ESB, vol. I.

⁴⁶ Cf. FREUD, S. Estudos sobre a Histeria (1896). ESB, vol. II.

por uma sucessão de sistemas, Freud afasta-se do homem, como objeto de estudo da psicanálise, e caminha em direção ao campo dos fenômenos impessoais. Lembremo-nos aqui que a hipótese do saber inconsciente - *o sujeito sabe, apesar de afirmar nada saber* - convoca o leitor a um olhar sobre o inconsciente e suas leis, desvinculando o sujeito de sua produção psíquica. A impessoalidade ou a apresentação em terceira pessoa é uma das características da psicologia clássica apresentadas por Politzer.

Um segundo ponto de extrema importância é a introdução, por intermédio do conceito de inconsciente, do postulado da anterioridade do significado. O argumento usado anteriormente - saber inconsciente - defende tal postulado ao supor que antes de relatar de forma manifesta o conteúdo, o agente já detenha o saber sobre este conteúdo. Conclui-se então que *sabe inconscientemente*, realizando o sentido anteriormente ao momento de sua emissão. Ou seja, a noção freudiana de conteúdo latente, como fragmento disponível de memória, é apresentada como transposição de lembranças latentes em relatos atuais. De tal modo que soma ao realismo das lembranças, o realismo do relato e duplica o último - *relato convencional ou manifesto e relato fragmentário ou sintomático*. O movimento argumentativo freudiano, ilustrativo do modo de pensar da psicologia clássica, consiste em tomar esse desdobramento do relato como duplicação ontológica e instituir dois mundos paralelos - o interno e o externo.

Em linguagem politzeriana, poderíamos dizer que a hipótese do inconsciente institui um relato que o agente não fez, ou seja, substitui o discurso individual por um texto que atende às necessidades lógicas da teoria psicanalítica. Desse modo, o inconsciente fica como lugar de relatos postulados, mas inexistentes do ponto de vista concreto. Como consequência, ao tomar as entidades psicológicas numa perspectiva realista constitui-se a

necessidade de se pensar onde estas entidades se localizam quando não estão presentes no discurso. Para Politzer, *“o inconsciente é inseparável dos procedimentos fundamentais da psicologia abstrata e (...) longe de constituir, na psicologia, um progresso, indica precisamente uma regressão: o abandono da inspiração concreta e a volta aos procedimentos clássicos”*.⁴⁷

Segundo Politzer, a noção de inconsciente aparece na psicanálise devido à lente interpretativa utilizada por Freud. Ou seja, é um *‘a priori’* teórico que surge como consequência da influência da psicologia clássica na construção da teoria. Ao mesmo tempo, este autor expõe o esforço freudiano em apresentar a noção de inconsciente como empírica e necessária, única justificativa para os fatos observados - lacunas de memória e relatos fragmentários. *“Pois se é certo que não existe dado psicológico verdadeiro além do relato efetivo, o inconsciente que resulta da realização de relatos que não aconteceram não pode corresponder a realidade alguma.”*⁴⁸ Por fazer uso de pressupostos característicos da psicologia clássica e, portanto, recair em argumentos realistas, a psicanálise freudiana toma como dados empíricos pressupostos conceituais: *“A ignorância do sentido do sonho pelo sonhador, a disponibilidade das lembranças, a desproporção entre a extensão aparente e a extensão real da memória pós-hipnótica não são propriamente provas do inconsciente; elas não impõem o inconsciente diretamente e só tornam legítima sua introdução graças ao realismo”*.⁴⁹

⁴⁷ POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 153.

⁴⁸ POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 157.

⁴⁹ POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 136. Poderíamos, seguindo Wittgenstein, dizer que são falsos problemas geradores de soluções igualmente falsas.

Para Politzer não se pode provar a existência do inconsciente por meio de um argumento que recorra ao realismo de suas representações, nem tampouco pela ação dessas representações, pois tal prova se apóia na substancialização atribuída ao conteúdo latente e, conseqüentemente, ao inconsciente. O argumento oferecido por Freud como base para a comprovação do inconsciente recorre à atribuição de uma causa 'real' - estados psíquicos não conscientes - a efeitos reais - fenômenos conscientes. O inconsciente só pode, então, ser provado se aderirmos à exigência realista da psicologia clássica, a qual considera que a idéia tem realidade antes da sua realização consciente. *"A existência desse pensamento que ultrapassa o conteúdo manifesto do sonho só nos é revelada pelo conteúdo latente e este só nos revela um 'pensamento' à medida que o realizamos. (...) Conseqüentemente, a ignorância só é uma prova do inconsciente quando considerada pela ótica do realismo".*⁵⁰

Aceitando a demonstração de que o inconsciente é um construto que traz as marcas da psicologia clássica, Politzer propõe sua 'exclusão'⁵¹ do campo da psicanálise, mas deixa bem claro que, ao condenar o inconsciente como medida de abstração, não postula a exclusividade da consciência. Ele apenas alerta que, no caminho em direção à construção de uma nova psicologia, a psicanálise tem um lugar privilegiado e *'limpar o terreno das impurezas clássicas'* é um modo de progredir.

Mas nem tudo é 'atraso' e aprisionamento à psicologia clássica no uso freudiano do conceito de inconsciente. Por se referir a fatos psicológicos desconhecidos do agente, a noção de inconsciente inviabiliza o uso da introspecção como modo de conhecimento do fenômeno psíquico. Em conseqüência, o homem não pode mais ser simultaneamente ator e

⁵⁰ POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 134.

⁵¹ "(...) *hasta demostrar, a respeito de um procedimento ou de uma noção, que implica a abstração para que a questão seja excluída da psicologia concreta*". POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p.156.

espectador de sua ação, já que desconhece a si mesmo. Com a hipótese do inconsciente a introspecção torna-se inadequada, porque insuficiente, para a exploração do psíquico. Nesse sentido, pode-se dizer que o inconsciente ‘anuncia’ a psicologia concreta.

5. Considerações sobre a Crítica Politzeriana à Psicanálise

Examinemos a opinião de Politzer: “*a psicanálise me parece excelente como ‘posição de espera’ (...) não há nenhuma razão para se deter no dogmatismo freudiano e se pode muito bem ultrapassá-lo ou fazer reservas, lá onde a necessidade se fizer sentir*”.⁵² O recorte feito por Politzer sobre a produção freudiana aponta para sua aposta na possibilidade de criação de uma nova psicologia, como ciência objetiva do homem particular e historicamente situado. Como vimos no início de nosso capítulo, Politzer abandona tal aposta após a entrada no Partido Comunista Francês⁵³, por desacreditar da possibilidade de criação de uma psicologia que atenda às inquietações do conjunto dos homens. A posição de espera - *enquanto não se constitui uma nova ciência* - é atribuída à psicanálise devido à ambigüidade presente em sua teoria a qual, por um lado, indica novos caminhos em direção à psicologia concreta, e simultaneamente, por outro lado, mantém seus alicerces no terreno da psicologia clássica.

Politzer faz uma crítica similar em relação à psicologia de Wundt⁵⁴ e defende que esta suprime ‘o velho sistema da alma’, mas mantém seus fenômenos como objetos de

⁵² POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 167.

⁵³ Prado Jr. nos fala da importância de um primeiro marxismo presente nos textos politzerianos anteriores a sua adesão ao Partido Comunista Francês, daí o recurso às referências históricas e sociais na abordagem do comportamento humano. Cf. Prado Jr, B. Georges Politzer: sessenta anos da Crítica dos Fundamentos da Psicologia in PRADO Jr. (org) Filosofia da Psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 1991, pags 11 e segs.

⁵⁴ WUNDT, Wilhelm (1832-1920) foi o fundador da psicologia como ciência experimental e criou o primeiro laboratório de psicologia na Universidade de Leipzig, Alemanha.

estudo. “E em lugar de oferecer uma psicologia verdadeiramente nova, eles não fazem senão rerepresentar a mesma coisa sob uma forma diferente”.⁵⁵ Em seu laboratório, Wundt nada mais faz do que expandir a confusão entre realidade externa e interna, entre fenômenos físicos e psíquicos. Diferentemente da psicologia de Wundt, a psicanálise não produz uma mera rerepresentação do velho sob uma roupagem moderna, pois quebra com alguns dos pressupostos da psicologia clássica e propõe mudanças na abordagem dos fenômenos psicológicos - por exemplo, a criação de um método não-introspectivo: a associação livre - embora mantenha, de forma sistemática, a confusão entre mundo físico e mundo mental, fazendo do último uma versão oculta do primeiro.

A crítica politzeriana em relação à psicanálise está baseada na distância entre a teoria presente na metapsicologia freudiana e a teoria embutida na prática clínica, pois enquanto a primeira parece receber maior influência da psicologia clássica, a segunda antecipa uma visão concreta do homem. Nas palavras de Politzer, “o antagonismo fundamental entre as duas formas da psicologia encontra-se, então, no seio da própria psicanálise, que parece dilacerada entre a psicologia antiga e a psicologia nova”.⁵⁶

Detenhamo-nos inicialmente nas críticas à teoria.

Para Politzer, a metapsicologia freudiana não é de inspiração propriamente concreta, pois não nos leva ao conhecimento sobre o agente particular. Ao apoiar-se na biologia e na fisiologia⁵⁷, a teoria freudiana não produz nenhum acréscimo à psicologia propriamente

⁵⁵ Tradução minha: “Et au lieu de donner une psychologie vraiment nouvelle, ils n’ont fait que resservir la même chose sous une forme différente”. POLITZER, G. *Psychologie Mythologique et Psychologie Scientifique in Op Cit* (1969), p. 60.

⁵⁶ POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 103.

⁵⁷ Freud toma como modelo explicativo ideal a mecânica biológica e energética, tentando justificar os processos psíquicos de acordo com noções tais como intensidades, catexias, descarga, etc. “A explicação de Freud de seus achados clínicos obviamente depende dos conceitos básicos de sua educação neurológica(...)”.

dita, em sua direção ao concreto. Em suas construções teóricas, Freud substitui o drama pessoal - utilizado para interpretar os sonhos - pelo drama impessoal das 'catexias' que sofrem deslocamento entre representações psíquicas. Desse modo, não se vê mais a participação de um agente concreto, mas um processo geral que subsiste aos fenômenos psíquicos. Em decorrência, a psicanálise se aproxima da psicologia clássica e constrói uma teoria abstrata e realista do homem, transformando-o numa estrutura própria aos manuais de psicologia⁵⁸. O alerta da psicologia concreta é claro: o homem como ser historicamente situado deve estar no início da abordagem concreta e não se constituir como um 'achado' ao final de uma pesquisa.

Quanto à teoria presente na prática psicanalítica, chama nossa atenção que a análise clínica freudiana não dependa diretamente dos conceitos da metapsicologia construída como suporte para a clínica⁵⁹. Ou seja, um sonho pode ser interpretado - bem como qualquer outra formação do inconsciente - tomando os elementos contextuais da vida particular do sonhador. Não é necessário falar de inconsciente, regressão ou deslocamento para dar a significação do fenômeno psíquico, embora estes conceitos sejam utilizados para delimitar o campo da técnica de associação livre e a generalização dos resultados obtidos⁶⁰. Este é um dos aspectos destacados por Politzer em sua crítica à psicanálise: a separação do

Tradução minha. Cf. AMACHER, P. Freud's Neurological Education and its Influence on Psychoanalytic Theorie. Psychological Issues, v. 4, n. 4, 1965, p. 81.

⁵⁸ Vemos aqui a fácil apropriação de conceitos psicanalíticos nos manuais de psicologia americana que chegam ao extremo de veicular a psicanálise em quadrinhos. Cf. OSBORNE, R. Freud para Principiantes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1993 - versão brasileira para um 'sucesso de vendagem' nos EUA.

⁵⁹ Nesse sentido, é instigante a discussão levantada por GABBI JR., em 'É Possível uma Clínica Psicanalítica sem Metapsicologia?' in Psicologia Clínica. Rio de Janeiro: PUC, Depto de Psicologia, vol. 12, n.1, 2000.

⁶⁰ Como dissemos na nota 9, Politzer não dá indicações claras quanto aos aspectos clínicos que ele considera concretos na psicanálise freudiana. Durante todo o trabalho, tomamos como suposição que ele esteja se referindo ao procedimento clínico propriamente dito - o método de abordagem do psiquismo humano -, em detrimento dos aspectos metapsicológicos que o justificam.

ato do agente concreto e sua transformação em elementos impessoais que parece visar muito mais à construção de uma teoria do que à compreensão do comportamento humano particular.

Para resumir, podemos dizer que, na teoria freudiana, fato e método são concretos, mas as explicações teóricas são abstratas. Freud explica o fato psicológico segundo as leis da psicologia clássica a fim de mostrar como a psicanálise opera uma ampliação do campo dos fenômenos psíquicos, por meio da inclusão do inconsciente. No entanto, esta ampliação que se propõe a examinar a tese básica de equivalência entre psíquico e consciente não pretende questionar os pressupostos clássicos em jogo. Nesse ponto temos que concordar com Politzer: *“fica claro que Freud nunca duvidou do edifício central da psicologia clássica”*.⁶¹

⁶¹ POLITZER, G. *Op Cit* (1998), p. 167.

Capítulo III

O INCONSCIENTE ESTRUTURADO COMO LINGUAGEM:

a 'solução'¹ lacaniana

Como estudamos no capítulo anterior, a crítica politzeriana aponta uma tensão no cerne da teoria psicanalítica entre a metapsicologia construída por Freud - portadora das marcas da psicologia clássica - e a teoria da clínica, reveladora de uma abordagem concreta. As indicações de Politzer quanto à utilização do conceito de inconsciente são claras: devido a sua pertença ao campo dos pressupostos clássicos, o inconsciente deveria ser excluído da psicanálise, a fim de que esta última caminhe em direção à psicologia concreta. A pertinência da crítica politzeriana, reconhecida por Lacan², fará com que ele tenha que lidar com um problema: ou abrir mão do conceito de inconsciente tal como explicitado na psicanálise de Freud ou elaborá-lo de uma forma que dispense conotações abstratas ou realistas.

A forma como Lacan vai lidar com este problema é variável de acordo com o período estudado, pois se nos textos anteriores a 1953, Lacan parece optar pela exclusão do conceito de inconsciente do campo da psicanálise - quando faz uso do termo apenas em

¹ Tomamos aqui 'solução' como 'meio de superar ou resolver uma dificuldade, um problema' para distinguir de 'aquilo com que se dá por encerrado um assunto'. Cf. HOLANDA, A.B. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

² Cf. LACAN, J. *Écrits*. Paris: Ed. du Seuil, 1966, p. 161. *Le Seminaire XVII: L'Envers de la Psychanalyse*. Paris: Ed. du Seuil, 1991, p. 71. Preface à une Thèse *in* *Autres Écrits*. Paris: Ed. du Seuil, 2001.

sentido adjetivo ou adverbial³ - após esta data, vemos este autor às voltas com uma nova conceituação de inconsciente, bem distinta da formalização freudiana. Acreditamos poder defender que as modificações introduzidas por Lacan no uso do conceito são consequência da tentativa de responder às críticas formuladas por Politzer. Nossa proposta consiste em investigar se a nova concepção de inconsciente evita a presença de pressupostos da psicologia clássica no campo da psicanálise, bem como desfaz a confusão gramatical entre objetos físicos e mentais presente nas argumentações freudianas. Para tanto, abordaremos de forma pormenorizada o período de 1953 a 1966, durante o qual Lacan opta pela manutenção do inconsciente como conceito fundamental da psicanálise e constrói seu famoso aforismo *'o inconsciente é estruturado como uma linguagem'*⁴.

1. Antes de 1953: a busca de novos conceitos

Como já dissemos anteriormente, em sua tese de doutorado⁵ Lacan utiliza o termo 'inconsciente' apenas de forma adjetiva ou adverbial, resguardando para o mesmo um papel secundário em sua argumentação. Para abordar o problema da paranóia - objeto de sua pesquisa - ele utiliza a noção de personalidade, buscando uma diferenciação entre o que é subjetivamente experimentado e aquilo que pode ser objetivamente constatado. A paranóia é apresentada como um distúrbio mental de síntese psíquica que pode ser compreendida, não como desregramento de uma personalidade, mas como o desenvolvimento lógico de

³ Em seguida estaremos abordando de forma sucinta a tese de Lacan *De la Psychose Paranoïaque dans ses Rapports avec la Personnalité* (1932), o texto *Les Complexes Familiaux dans la Formation de l'Individu* (1938) e *Formulações sobre a Causalidade Psíquica* (1946).

⁴ Optamos pelo chamado 'período simbólico' da obra lacaniana devido ao fato de ser especificamente nesse período que Lacan se deterá sobre a problemática do inconsciente, abandonando as tentativas anteriores de usar conceitos compatíveis com a proposta de uma psicanálise concreta, mas inexistentes ou sem grande importância na terminologia freudiana.

⁵ LACAN, J. *De la Psychose Paranoïaque dans ses Rapports avec la Personnalité*. Paris: Ed. du Seuil, 1975a.

uma existência histórica. Aqui se mostra a preocupação lacaniana, que bem poderia ser a de Politzer, em situar a significação do fato psíquico sob o prisma da existência social do sujeito. A vivência paranóica toma seu sentido quando confrontada com a história do paciente, constituída por suas reações às experiências individuais e ao ambiente familiar. O rompimento da síntese psíquica - quadro próprio da paranóia - é dado a ver por meio de delírios, cuja fixação e organização permanecem inexplicadas. A interpretação psiquiátrica clássica defende que o delírio tenha uma causa ocasional orgânica ou organopsíquica.

*“A análise da psicose está fundada até os dias de hoje sobre os sintomas do delírio; foram isolados os elementos: fenômenos ‘elementares’, conteúdos sistemáticos, constituição predisponente, a cada um dos quais uma das doutrinas reinantes quis reconhecer a preponderância nosológica, patogênica e prognóstica. O fracasso demonstrado por todas essas tentativas manifesta o valor de abstrações inadequadas dos elementos assim conhecidos”.*⁶

Lacan, descrente da psiquiatria meramente orgânica, desconsidera a explicação psiquiátrica e a apresenta em vocabulário politzeriano como abstração inadequada, propondo abordar o conteúdo do delírio segundo os acontecimentos singulares da história do sujeito, seus dramas particulares. *“A chave do problema nosológico, prognóstico e terapêutico da psicose paranóica deve ser procurada em uma análise psicológica concreta, que se aplique a todo o desenvolvimento da personalidade do sujeito, quer dizer aos eventos de sua história, aos progressos de sua consciência, a suas reações no meio*

⁶ Tradução minha: *“L’analyse de la psychose s’est fondée jusqu’à ce jour sur les symptômes du delire; elle y a isolé des éléments: phénomènes ‘élémentaires’, contenus systématiques, constitution prédisposante, à chacun desquels une des doctrines régnantes a voulu reconnaître la prépondérance nosologique, pathogénique et pronostique. L’échec démontré de toutes ces tentatives manifeste la valeur d’abstractions inadéquates des éléments ainsi conçus”.* LACAN, J. *Op Cit* (1975a), p. 345.

social”.⁷ No contexto da tese, a personalidade surge como um conceito que permite uma abordagem concreta da paranóia - não é necessário recorrer à noção de inconsciente, de processos psíquicos ou de interioridade para justificar os delírios - devido a seu vínculo com a gênese social do indivíduo⁸.

Em outro escrito representativo das teorizações lacanianas anteriores a 1953, *‘Les Complexes Familiaux dans la Formation de l’Individu’*⁹, o termo ‘inconsciente’ continua sendo usado de modo adjetivo ou adverbial. Lacan toma a família como objeto próprio a uma psicologia concreta devido a sua dupla relação - biológica e social - com o indivíduo. A especificidade humana estaria ligada ao desenvolvimento singular das relações sociais, cujas instâncias culturais dominam as naturais. Para abordar a estrutura cultural da família, Lacan faz uso dos métodos da psicologia concreta. Seu primeiro passo é criar um conceito que rompa com as ‘abstrações acadêmicas’ e possibilite uma abordagem concreta da família. Propõe o uso do termo ‘complexo’, em detrimento de ‘instinto’, que apontaria para as características biológicas do agrupamento familiar. O complexo é apresentado como uma definição que (1) implica o domínio dos fatores culturais e (2) assume um papel organizador do psiquismo. Com tal formulação, a questão em torno da consciência ou inconsciência do sujeito em relação ao complexo cai para segundo plano, já que este conceito representa o efeito identificatório das relações sócio-culturais vivenciadas pelo agente.

⁷ Tradução minha: “*La clef du problème nosologique, pronostique et thérapeutique de la psychose paranoïaque doit être cherchée dans une analyse psychologique concrète, qui s’applique à tout le développement de la personnalité du sujet, c’est-à-dire aux événements de son histoire, aux progrès de sa conscience, à ses réactions dans le milieu social*”. LACAN, J. *Op Cit* (1975a), p. 346.

⁸ Para maior aprofundamento da influência politzeriana na tese, cf. SIMANKE, R.T. *Metapsicologia Lacaniana*. São Paulo: Discurso Edit. Curitiba: Edit. UFPR, 2002. Especialmente o capítulo III - p. 151 e segs.

⁹ LACAN, J. *Les Complexes Familiaux dans la Formation de l’Individu in Op Cit* (2001).

Se em ambos os escritos anteriormente citados o inconsciente não surge como conceito fundamental para abordar o psiquismo humano, vemos no ensaio *'Formulações sobre a Causalidade Psíquica'*¹⁰ este evitamento do uso do termo chegar a seu ponto máximo. Ao retomar a apresentação do caso de psicose paranóica que foi objeto de sua tese, Lacan mais uma vez defende uma apreciação totalizante do quadro clínico da doente, de modo a compreender a paranóia como efeito de um desenvolvimento particular da personalidade em sua relação com o meio social. Desse modo, a idéia de uma causalidade psíquica se mostraria desvinculada de qualquer organogênese ou de uma psicogênese que atribua categorias psicológicas internas ao homem, sendo concebida por Lacan como efeito de formações imaginárias¹¹ que viriam a complementar o desamparo biológico do pequeno homem em seu nascimento, constituindo-o como humano. Nessa linha argumentativa, o conceito de imago¹² se apresenta como o objeto próprio de uma psicologia capaz de abordar o psiquismo - e mais especificamente a experiência da loucura - de forma concreta, já que o inconsciente é *"uma noção inerte e impensável"*.¹³

Na busca de fornecer à psicanálise conceitos que possibilitem uma orientação em direção ao concreto, Lacan parece inicialmente excluir o inconsciente como pedra angular da teoria freudiana, apresentando noções tais como a de personalidade, complexo ou imago para abordar o psiquismo do homem. No entanto, após encontro com a antropologia de

¹⁰ LACAN, J. *Formulations sur la Causalité Psychique in Op Cit* (1966).

¹¹ Nesse sentido é interessante uma citação de Merleau-Ponty feita por SIMANKE, R. *A Letra e o Sentido do "Retorno a Freud" de Lacan: a teoria como metáfora in SAFATLE, V. Um Limite Tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise. São Paulo: Editora UNESP, 2003. "Lacan tende a substituir a noção de 'inconsciente' pela de 'imaginário'. A imago, por exemplo, em vez de ser 'inconsciente', enterrada na profundidade, deve ser considerada uma formação 'imaginária', ou seja, projetada diante da consciência". (NR 4, p. 279)*

¹² Essa noção é fundamental e exemplarmente apresentada no texto *'Le Stade du Miroir comme Formateur de la Fonction du Je en Psychanalyse' in Op Cit* (1966), pags. 93 e segs.

¹³ LACAN, J. *Op Cit* (1966), p. 182. VB: p. 183.

Lévi-Strauss, o movimento lacaniano consistirá em manter o conceito, modificando-o. Em sua nova conceituação, o inconsciente surgirá desvinculado dos pressupostos da psicologia clássica expostos por Politzer.

2. O Encontro com Lévi-Strauss

A influência de Lévi-Strauss é extremamente importante para a utilização lacaniana do termo 'inconsciente', pois, após as considerações do antropólogo, este conceito pode ser apresentado em uma nova formalização que não contraria as indicações politzerianas para uma abordagem concreta. Tomaremos dois ensaios de Lévi-Strauss a fim de mostrar os elementos que seu pensamento oferece para a argumentação lacaniana: '*A Eficácia Simbólica*' (1949) e '*Introduction a l'Oeuvre de Marcel Mauss*' (1950).

Lévi-Strauss nomeia como 'eficácia simbólica' a construção de um mito, seja individual ou coletivo, que produz efeitos sobre o paciente. Ao tomar como modelo o trabalho realizado por um xamã da América do Sul - que reduz o sofrimento do paciente em situações de parto, por meio da criação de uma narrativa mítica - Lévi-Strauss reflete sobre o tratamento psicanalítico. Se no primeiro caso trata-se de uma narrativa composta de elementos da comunidade social e proferida pelo xamã, na qual estão inseridos tanto o paciente quanto o curandeiro, na cura psicanalítica, esta narrativa é individualizada e proferida pelo próprio sujeito¹⁴. Desse modo,

¹⁴ Em sua leitura de Lacan, Borch-Jacobsen acaba por produzir uma aproximação entre a teoria psicanalítica e o campo da antropologia ao apresentar os mitos individuais como sub-sistemas provocados por uma disfunção do mito coletivo em sua função simbólica. Cf. BORCH-JACOBSEN, M. *Lacan: le maître absolu*. Paris: Flammarion, 1995, p. 184. Nesse sentido, é interessante a comparação com o texto de Lacan 'Le Mythe Individuel du Nevrosé'. Cf. *Ornicar?* No. 17/18.

*“(…) a cura xamanística e a cura psicanalítica tornar-se-iam rigorosamente semelhantes; tratar-se-ia em ambos os casos de induzir uma transformação orgânica, que se constituiria essencialmente numa reorganização estrutural, que conduzisse o doente a viver intensamente um mito, ora recebido, ora produzido, e cuja estrutura seria, no nível do psiquismo inconsciente, análoga àquela da qual se quereria determinar a formação no nível do corpo. A eficácia simbólica consistiria precisamente nesta ‘propriedade indutora’ que possuiriam, uma em relação às outras, estruturas formalmente homólogas, que se podem edificar, com materiais diferentes, nos diferentes níveis do vivente: processos orgânicos, psiquismo inconsciente, pensamento refletido”.*¹⁵

A diferença entre os dois métodos estaria na origem do mito: (1) encontrado na psicanálise como tesouro individual¹⁶ ou (2) recebido da tradição coletiva, no caso do xamanismo.

Pensar a psicanálise como uma prática de eficácia simbólica permite ao analista tomar a palavra em seu sentido criador, de modo a reduzir a importância da realidade ou da verdade factual - a palavra vai além da função de denotar o mundo¹⁷. Mas, como Lévi-Strauss intuía, aproximar a narrativa do paciente em análise da construção de um mito pode ser polémico, já que os psicanalistas freudianos supõem a veracidade dos fatos, ou pelo

¹⁵ LÉVI-STRAUSS, C. A Eficácia Simbólica in Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 232/233.

¹⁶ No entanto, este ‘tesouro individual’ não pode estar fora de um sistema de troca social, pois perderia sua função de integração. Nesse sentido, Lévi-Strauss alerta para o risco de construção de uma mitologia psicanalítica que, ao reorganizar o universo do paciente de acordo com as interpretações psicanalíticas, desconsiderasse a integração de um sistema simbólico no outro, perdendo seu caráter de resolução de um conflito específico por sua contextualização. Cf. LÉVI-STRAUSS, C. O Feiticeiro e sua Magia in *Op Cit* (1996).

¹⁷ A concepção lacaniana de linguagem será abordada de forma sucinta ao final deste tópico.

menos, a existência de um dado de realidade¹⁸, segundo o qual o paciente constrói sua fantasia.

*“Não pomos os fatos em dúvida. O que é necessário indagar, é se o valor terapêutico da cura se deve ao caráter real das situações rememoradas, ou se o poder traumatizante destas situações não provém do fato de que, do momento em que se apresentam, o sujeito as experimenta imediatamente sob forma de mito vivido. Com isto, entendemos que o poder traumatizante de uma situação qualquer não pode resultar de seus caracteres intrínsecos, mas da aptidão de certos acontecimentos, que surgem num contexto psicológico, histórico e social apropriado para induzir uma cristalização afetiva, que se faz no molde de uma estrutura preexistente. Em relação ao acontecimento ou à particularidade histórica, essas estruturas - ou, mais exatamente, essas leis de estrutura - são verdadeiramente intemporais. No psicopata, toda a vida psíquica e todas as experiências ulteriores se organizam em função de uma estrutura exclusiva ou predominante, sob a ação catalítica do mito inicial; mas esta estrutura, e as outras que nele são relegadas a um lugar subalterno, se encontram também no homem normal, primitivo ou civilizado. O conjunto dessas estruturas formaria o que denominamos de inconsciente”.*¹⁹

A definição levi-straussiana de inconsciente, tal como apresentada acima, fornece a Lacan os elementos básicos - articulação entre ordem simbólica, linguagem e inconsciente - para uma nova abordagem do conceito na qual (1) não é necessária qualquer vinculação a uma realidade efetivamente vivida pelo paciente, (2) a construção narrativa do paciente permite organizar e contextualizar suas vivências numa perspectiva psicológica, histórica e social e (3) a temporalidade da narrativa não está associada à temporalidade dos eventos, de

¹⁸ Para Freud, uma frase que aparece em um sonho é sempre uma frase escutada anteriormente. Cf. FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos* (1900), ESB, vol. IV e V, pag. 544.

¹⁹ LÉVI-STRAUSS, C. *Op Cit* (1996), p.233/234.

modo que não se trata de uma significação prévia ocorrida no momento da vivência, mas da construção *a posteriori* do sentido no mito individual. O rompimento da articulação entre inconsciente e interioridade psíquica se dá a ver quando o antropólogo defende que, tomado nessa perspectiva,

*“o inconsciente deixa de ser o inefável refúgio das particularidades individuais, o depositário de uma história única, que faz de cada um de nós um ser insubstituível. Ele se reduz a um termo pelo qual nós designamos uma função: a função simbólica, especificamente humana, sem dúvida, mas que, em todos os homens, se exerce segundo as mesmas leis; que se reduz, de fato, ao conjunto destas leis”.*²⁰

A apresentação feita por Lévi-Strauss da obra de Marcel Mauss²¹ complementa a definição de inconsciente inspiradora da concepção lacaniana ao direcionar a discussão para uma contribuição contínua entre o social e o individual/psíquico, de tal forma que *“toda interpretação deve fazer coincidir a objetividade da análise histórica ou comparativa com a subjetividade da experiência vivida”*.²² O inconsciente surge, pois, como a noção na qual objetivo e subjetivo se encontram, de tal modo que pode fornecer o caráter comum dos fatos sociais e funcionar como elemento mediador entre o eu e o outro.

“De fato, não se trata de traduzir em símbolos um dado extrínseco, mas de reduzir a sua natureza de sistema simbólico as coisas que não escapam senão por se incomunicabilizar. Como a linguagem, o social é uma realidade autônoma (a

²⁰ LÉVI-STRAUSS, C. *Op Cit* (1996), p.234.

²¹ LÉVI-STRAUSS, C. Introduction a l’Oeuvre de Marcel Mauss in Mauss, M. *Sociologie et Anthropologie*. Paris: Presses Univ. de France, 1968.

²² Tradução minha: *“toute interprétation doit faire coïncider l’objectivité de l’analyse historique ou comparative avec la subjectivité de l’expérience vécue”*. LÉVI-STRAUSS, C. *Op Cit* (1968), p. XXVI.

*mesma, aliás); os símbolos são mais reais do que o que eles simbolizam, o significante precede e determina o significado”.*²³

Não se trata, portanto, de duas realidades distintas, em que uma seria mais profunda ou verdadeira, ou uma versão interior de uma realidade exterior. Se pensarmos a linguagem como instrumental, mera comunicação de conteúdo, a realidade será reduplicada entre realidade vivida e realidade narrada. Mas se tomarmos a linguagem em seu aspecto construtivo (simbólico), teremos a possibilidade de utilizá-la como dado objetivo, concreto, desvinculando o mental/psíquico de sua tradicional associação com a noção de interioridade. Ou seja, a própria concepção de linguagem, vinculada ao conceito de inconsciente, permitirá a Lacan uma nova abordagem.

Embora as definições do conceito de inconsciente variem ao longo da obra lacaniana, tomando roupagens que acompanham o desenrolar do pensamento do autor - da lógica significante ao universo da topologia, passando pela matematização dos discursos (para citar apenas alguns de seus movimentos) - parece-nos que um eixo condutor pode ser encontrado, apesar de sua enorme diversidade: **uma impossibilidade de reconhecimento da enunciação simbólica**. Qualquer que seja a definição de inconsciente forjada por Lacan em diversos momentos de sua obra, o conceito de inconsciente aparece em relação à perda de uma parte do dizível no ato da enunciação.

Antes de nos determos especificamente na discussão em torno do conceito de inconsciente proposto por Lacan, cabe-nos esclarecer de modo sucinto a concepção de

²³ Tradução minha: “*En fait, il ne s’agit pas de traduire en symboles une donné extrinsèque, mais de réduire à leur nature de système symbolique des choses qui n’y échappent que pour s’incommunicabiliser. Comme le langage, le social est une réalité autonome (la même, d’ailleurs); les symboles sont plus réels que ce qu’ils symbolisent, le signifiant précède et détermine le signifié*”. LÉVI-STRAUSS, C. *Op Cit* (1968), p. XXXII. [grifo nosso].

linguagem que embasa a teoria deste autor, devido a sua diferença em relação ao modelo freudiano²⁴. Como tentaremos comprovar ao longo do capítulo, Lacan não faz uso de uma mesma gramática para se referir a objetos mentais e objetos físicos, nem tampouco recorre a pressupostos clássicos - tal como expostos por Politzer - na construção de sua teoria em torno do conceito de inconsciente²⁵. Supomos que a recorrência de pressupostos clássicos na obra freudiana se deva a sua concepção de linguagem que pressupõe a denotação como função básica da palavra. Em Lacan, deparamo-nos com uma outra forma de pensar a linguagem que se apóia na lingüística estrutural de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson. O uso que Lacan faz desses autores vai muito além de uma mera rerepresentação, assemelhando-se mais a uma interpretação e apropriação do que ele julgava pertinente para ilustrar seu modo de conceber a psicanálise.

Dois pontos nos parecem interessantes de destacar: (1) Lacan não parece ter se detido sobre a obra freudiana que trata diretamente da linguagem²⁶, preferindo considerar os textos nos quais situações clínicas ou cotidianas são analisadas 'lingüisticamente', tais como '*Psicopatologia da Vida Cotidiana*'²⁷, '*Uma Criança é Espancada*'²⁸ ou '*O Caso Schreber*'²⁹; (2) as referências a Saussure e Jakobson são relativamente tardias - segundo

²⁴ Discutido por nós no Capítulo 1, p. 13 e segs.

²⁵ Gostaríamos de salientar que não estamos defendendo que a teoria lacaniana como um todo atenda às críticas politzerianas e/ou ofereça um modelo de psicanálise concreta. Apenas pretendemos investigar a construção do conceito de inconsciente à luz dos pressupostos clássicos apresentados por Politzer e discutidos por nós no capítulo anterior. Julgamos importante tal esclarecimento, pois nos parece que outros aspectos da teoria, as hipóteses estruturais de Lacan, por exemplo, facilmente seriam condenadas por Politzer como um formalismo que destitui o agente de sua condição primeira em relação ao comportamento humano.

²⁶ Cf. MACEY, D. Lacan in Contexts. Londres: Verso, 1988, p. 122.

²⁷ FREUD, S. *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901), ESB, vol. VI.

²⁸ FREUD, S. '*Uma Criança é Espancada*': uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919), ESB, vol. XVII.

²⁹ FREUD, S. *Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia* (1912), ESB, vol. XII.

Roudinesco³⁰ Lacan começou a ler Saussure em 1946, fazendo uma primeira referência à lingüística estrutural de Jakobson em 1950 - e parecem intermediadas pela apresentação da antropologia estrutural de Lévi-Strauss.

Ao levar em conta os pontos anteriores, torna-se mais fácil o exame das proposições lacanianas em torno da linguagem, pois não se trata da importação de um modelo anterior, seja freudiano ou estrutural. A teoria lacaniana do significante é uma criação que visa a construção de uma concepção da experiência analítica, tendo como base diversos autores, compatibilizados de acordo com os interesses de sua argumentação³¹. Para os fins aos quais nos propomos, discutiremos duas proposições lacanianas que nos parecem ilustrativas de sua concepção de linguagem: (1) a linguagem institui o outro; e (2) o significante remete a outro significante.

A primeira destas proposições institui a linguagem como um meio que permite o reconhecimento mútuo. Este modelo, que parece receber influência direta das considerações em torno da dialética do senhor e do escravo na luta de puro prestígio³², tem como propriedade essencial a implicação de um outro. *“(...) o psicanalista, por não desvincular a experiência da linguagem da situação que ela implica, a do interlocutor, toca no fato simples de que a linguagem, antes de significar alguma coisa, significa para alguém”*.³³ A linguagem não tem, portanto, valor informativo, mas refere-se a uma expressão do agente que visa o outro como interlocutor, ao qual é demandado o reconhecimento de sua subjetividade. Nesse sentido, não se trata do conteúdo dos

³⁰ Cf. ROUDINESCO, E. *História da Psicanálise na França: a batalha dos cem anos - vol. 2: 1925-1985*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 162.

³¹ Nesse sentido, Macey alerta que as referências lingüísticas, filosóficas e psicanalíticas utilizadas por Lacan para situar a linguagem nem sempre versam sobre o mesmo objeto. Cf. MACEY, D. *Op Cit* (1988), p. 126.

³² Cf. KOJÉVE, A. *Introduction to the Reading of Hegel*. New York: Basic Books, 1969.

³³ LACAN, J. *Op Cit* (1966), p. 82.

enunciados do agente, mas da atitude diante destes enunciados, o que sugere o caráter performativo presente nesta acepção de linguagem.³⁴

A segunda proposição - o significante remete a outro significante - está na base da teoria de linguagem proposta por Lacan ao tomar como modelo o signo lingüístico de Saussure. No entanto, a apresentação lacaniana do 'algoritmo fundador da lingüística moderna'³⁵ não segue o modelo saussuriano, mas promove uma inversão na qual o significante tem primazia em relação ao significado, rompendo com uma acepção de correspondência ou proporcionalidade entre os dois elementos. Ao contrário do signo, o significante implica o apagamento da coisa ao abolir suas qualidades, retendo apenas a contagem e a presença da diferença como tal. O significante é, então, apresentado como a estrutura mínima da cadeia significante na qual cada elemento é definido puramente em termos de diferença, relacionando-se com outros significantes por oposição e encadeamento. Nesse modelo, a significação é produzida pela relação entre significantes, não sendo nunca uma questão de referência à realidade. A unidade do signo saussureano, composta de significante e significado, é rompida, de modo que a proposta lacaniana recusa a tese naturalista de uma correspondência entre linguagem e mundo e desconsidera uma concepção funcionalista da linguagem, visando a comunicação. Como consequência, torna-se impossível defender que a função da linguagem seja denotar os objetos.

Ambas as proposições apresentadas anteriormente desconsideram a relação linguagem e mundo, destacando, de acordo com o momento, o deslizamento dos significantes a produzir significações ou o caráter performativo da palavra. Uma das

³⁴ Forrester aponta "o caráter surpreendentemente convergente das idéias de Austin e Lacan sobre a natureza dos atos de fala" Cf. FORRESTER, J. *Seduções da Psicanálise*. Campinas: Papirus, 1990, p. 96.

³⁵ Cf. LACAN, J. *Op Cit* (1966), p.497.

conseqüências do posicionamento lacaniano, no qual a linguagem não tem função meramente denotativa, é um modelo de subjetividade que só pode se constituir pela mediação do outro. Desse modo, a concepção de uma anterioridade do interno em relação ao externo fica invalidada, bem como a noção de um significado prévio ao momento de enunciação por parte do agente. Estes aspectos, que serão trabalhados de forma mais detida ao longo do capítulo, marcam uma diferença entre as concepções de linguagem e subjetividade presentes nas obras de Freud e Lacan.

As diferentes concepções de linguagem e subjetividade presentes nas obras destes autores nos parecem importantes por justificar algumas discrepâncias no uso do termo ‘inconsciente’, principalmente se tomarmos como base de investigação os pressupostos poltzerianos. Esta discussão que será conduzida ao longo deste capítulo visa, em última instância, a apresentação crítica da articulação entre inconsciente e linguagem proposta por Lacan.

3. Inconsciente e Linguagem: uma articulação necessária

O marco inicial do movimento lacaniano em direção à constituição de um conceito de inconsciente articulado com a linguagem data de 1953. Trata-se do Discurso de Roma³⁶, obra que tem o valor de manifesto de incitação a uma nova prática clínica, calcada em elementos concretos. A articulação entre psicanálise e linguagem - oferecida anteriormente por Lévi-Strauss - possibilita a Lacan apresentar sua nova concepção: “*O inconsciente é a parte do discurso concreto, como transindividual, que falta à disposição do sujeito para*

³⁶ Cf. LACAN, J. Fonction et Champ de la Parole et du Langage em *Psychanalyse in Op Cit* (1966).

restabelecer a continuidade de seu discurso consciente".³⁷ Com tal definição, Lacan afasta o conceito de inconsciente das noções de individualidade ou interioridade, pois o discurso escapa a qualquer uma dessas dimensões. Não se trata mais, portanto, de expor uma realidade interna com a linguagem e as dimensões da realidade física: "*O que ensinamos o sujeito a reconhecer como seu inconsciente é sua história (...)*".³⁸ Ao instigar os psicanalistas a trabalharem com o discurso do paciente, afastando-se do campo dos sentimentos, da contratransferência ou das suposições, Lacan tem como intenção constituir uma prática clínica que tome de forma objetiva a fala do paciente, de modo a aproximar a psicanálise da psicologia concreta.

A importância do relato do paciente na prática clínica lacaniana deve-se a sua relação com o objeto próprio a uma psicologia concreta: o homem situado historicamente. Após a argumentação de Lévi-Strauss, Lacan pode defender que a dimensão humana seria da ordem do símbolo, pois o simbólico se constitui ao sobrepor o reino da cultura ao reino da natureza, condição especificamente humana. É importante ressaltar que o símbolo não se apresenta como condição da existência de um universo de linguagem, mas como consequência deste. A construção da cultura se apóia sobre um princípio organizador arbitrário: imperativo em suas formas, mas inconsciente em sua estrutura. Basta apenas mais um passo para que defenda a hipótese de que a linguagem tem forma de lei³⁹.

³⁷ "*L'inconscient est cette partie du discours concret en tant que transindividuel, qui fait défaut à la disposition du sujet pour rétablir la continuité de son discours conscient*". LACAN, J. *Op Cit* (1966), p. 258. Versão Brasileira: p. 260.

³⁸ "*Ce que nous apprenons au sujet à reconnaître comme son inconscient, c'est son histoire.*" LACAN, J. *Op Cit* (1966), p. 261. VB: p.263.

³⁹ O conceito de lei é extremamente problemático, sendo aqui apresentado como princípio organizador da estrutura. Lacan parece referir-se ao modelo - tomado de empréstimo ao estruturalismo - de um conjunto mínimo de elementos que se organiza em torno de leis também mínimas. A estrutura não é definida senão em seu funcionamento. Desse modo, a linguagem tem valor de estrutura pelo caráter de oposição entre seus

Se uma primeira articulação com a linguagem permite a Lacan desvincular o inconsciente da noção de teatro privado, a constituição de uma relação entre lei, linguagem e simbólico possibilita pensar o homem como fruto de um sistema que o ultrapassa e o determina, sistema este que se apresenta em sua fala - cada sujeito é simultaneamente agente e objeto de sua narrativa. O inconsciente inscreve-se, dessa forma, como o desconhecimento pelo sujeito da dimensão significante, pois, se ao falar, o sujeito supõe ser mestre do que diz, a equívocidade discursiva permite que, em sua explicitação, esse discurso diga mais do que o agente pretende dizer. Como consequência, a fala apresenta-se como instrumento privilegiado da prática analítica ao exibir em seu desenrolar a estrutura simbólica que funda o humano e os princípios que o determinam. Não se trata, pois, de uma relação de compreensão entre paciente e analista, mas de uma relação ternária: *falante, discurso, analista*, na qual o discurso se apresenta como um critério objetivo⁴⁰.

Além de visar a objetividade da prática analítica, Lacan, em sua conceituação de inconsciente, busca situá-lo em um sistema de oposições - tomado de empréstimo à teoria saussuriana do signo lingüístico - que evita qualquer suposição de substancialidade do inconsciente.

“Por um lado, o inconsciente é, como acabo de defini-lo, alguma coisa de negativo, de idealmente inacessível. Por outro lado, é algo de quase real. Enfim, é algo que

elementos, trazendo para primeiro plano a noção de cadeia significante, que possibilitaria situar uma lógica - nomeada por Lacan de lógica significante - de desestratificação, antipredicatividade e minimalismo. O significante é, portanto, opositivo, relativo e negativo. Parece-nos também que a pretensão científica da psicanálise lacaniana encontra-se ancorada na própria noção de lingüística estrutural, considerada como ciência. Para maior aprofundamento, cf. MILNER, J-C. *Le Périple Structurel*. Paris: ed. du Seuil, 2002.

⁴⁰ Não se trata de uma realização do discurso como uma entidade terceira, exterior ao procedimento analítico, mas de tomar a materialidade da palavra como critério objetivo porque social. Tomemos como exemplo as frases ‘meu marido me bate’ e ‘eu apanho de meu marido’. Mesmo que consideremos que digam da mesma ‘realidade’, os significantes escolhidos e a disposição dos mesmos em cada frase marcam uma diferença. A suposição do analista é que esta diferença diz da representação subjetiva do paciente, podendo ser questionada por meio dos significantes enunciados.

*será realizado no simbólico ou, mais exatamente, que, graças ao progresso simbólico na análise, terá sido. Eu lhes mostrarei, segundo os textos de Freud, que a noção de inconsciente deve satisfazer esses três termos”.*⁴¹

Dentre os três termos em jogo - negatividade do inconsciente, seu caráter concreto e sua realização no simbólico - é justamente o último que abrirá caminho para a teorização lacaniana em torno da temporalidade. Ao apresentar o tempo verbal do inconsciente como sendo o futuro anterior, Lacan aponta para a dimensão de não realizado. Como consequência, a volta do recalcado pode ser apresentada como vinda do futuro e não do passado⁴². Dando continuidade à sua argumentação a favor da articulação entre inconsciente e linguagem, Lacan afirma:

*“Quando fala do inconsciente, Freud não nos diz que ele é estruturado de uma certa maneira, mas, ainda assim, diz ele isso, na medida em que as leis que propõe, as leis de composição desse inconsciente, coincidem exatamente com algumas das mais fundamentais leis de composição do discurso. Por outro lado, no modo de articulação que é próprio do inconsciente falta toda sorte de elementos que estão implicados em nosso discurso comum (...)”.*⁴³

⁴¹ *“D’une part, l’inconscient est, comme je viens de le définir, quelque chose de négatif, d’idéalement inaccessible. D’autre part, c’est quelque chose de quase réel. Enfin, c’est quelque chose qui sera réalisé dans le symbolique ou, plus exactement, qui, grace au progrès symbolique dans l’analyse, aura été. Je vous montrerais d’après les textes de Freud que la notion de l’inconscient doit satisfaire à ces trois termes”.* LACAN, J. Le Séminaire I: Les Écrits Techniques de Freud. Paris: Ed. du Seuil, 1975b, p. 250. VB: p. 185.

⁴² Apesar de Lacan, neste período (1953/56), passar rapidamente sobre esse ponto, veremos como o corte entre inconsciente e memória - tempo verbal do pretérito perfeito, por assim dizer - ocupará um lugar de destaque no desenrolar de sua concepção de inconsciente.

⁴³ *“Lorsqu’il nous parle de l’inconscient, Freud ne nous dit pas qu’il est structuré d’une certaine façon, mais il nous le dit pourtant, pour autant que les lois qu’il avance, les lois de composition de cet inconscient recourent exactement certaines des lois de composition les plus fondamentales du discours. D’autre part, au mode d’articulation qui est celui de l’inconscient, font défaut toutes sortes d’éléments qui sont impliqués dans notre discours commun...”.* LACAN, J. Le Séminaire V: les Formations de l’Inconscient. Paris: Ed. du Seuil, 1998, p. 66. VB: p. 70.

Vemos, nesse movimento retórico, Lacan fazer uma aproximação/apropriação das leis de funcionamento inconsciente, tais como postuladas por Freud, com as supostas leis⁴⁴ da linguagem.

Podemos assinalar que, cada vez mais, a teoria lacaniana relaciona inconsciente e linguagem de modo a realizar seu intento inicial: criar uma nova conceituação de inconsciente que permita a construção de uma psicanálise concreta. Esta articulação possibilita uma saída do impasse freudiano - com toda a problemática decorrente dessa concepção - de representação do inconsciente como uma instância interna ao sujeito. O recurso à linguagem permite conceber o inconsciente de modo dessubstancializado. A fim de ampliar seu campo argumentativo, Lacan recorre à lingüística estrutural de Saussure e Jakobson⁴⁵.

A articulação dos fenômenos analíticos com a linguagem⁴⁶, como estrutura, permite tomar a dimensão inconsciente, por um lado, no campo dos significantes e a consciência, por outro, no campo das significações. A separação entre significante e significado traz uma implicação extremamente importante tanto para a teoria, quanto para a clínica psicanalítica, pois os traços inconscientes não trazem uma significação já dada.

“(...) o significante é um sinal que remete a um outro sinal, que é como tal estruturado para significar a ausência de um outro sinal, em outros termos, para se

⁴⁴ Freud, ao falar de leis de funcionamento inconsciente, se refere aos processos primários - condensação e deslocamento - bem como a mobilidade das catexias e a atemporalidade do inconsciente. Já Lacan parece referir-se ao modelo estruturalista. Como afirmamos em nota anterior, consideraremos para fins deste trabalho o termo 'lei' como princípio organizador da estrutura.

⁴⁵ Não nos deteremos aqui nas contribuições particulares de cada um dos autores citados. Para maior aprofundamento do tema, recorrer a MILNER, J-C. *Op Cit* (2002).

⁴⁶ Para uma abordagem mais detalhada da argumentação lacaniana, cf. *L'Instance de la Lettre dans l'Inconsciente ou la Raison depuis Freud in Op Cit* (1966), p. 493 e segs.

opor a ele num par".⁴⁷ "A Bewusstsein é da ordem de lembranças conceituais. A noção de relação causal aparece ali pela primeira vez como tal. É o momento em que o significante, uma vez constituído, ordena-se secundariamente a alguma outra coisa, que é a aparição do significado".⁴⁸

Nessa perspectiva, a significação só se faz num momento posterior. Os traços inconscientes, por não terem uma significação prévia, surgem como desvinculados da idéia de uma memória inconsciente. Tal qual a noção de temporalidade retroativa, a concepção de significante possibilita tomar a fala do sujeito como construtora de sentido a cada momento de sua enunciação. Ao separar inconsciente e memória - dado gravado, significado já dado - a argumentação lacaniana não faz uso do pressuposto da anterioridade e da convencionalidade do significado.

"Se digo que tudo o que pertence à comunicação analítica tem estrutura de linguagem, isso não quer dizer que o inconsciente se exprima no discurso. A Traumdeutung, a Psicopatologia da vida cotidiana e o Chiste tornam isso transparente - nada dos rodeios de Freud é explicável, salvo que o fenômeno analítico como tal, seja ele qual for, é, não uma linguagem no sentido em que isso significaria ser um discurso - eu nunca disse que é um discurso - mas estruturado como uma linguagem. (...) Todo fenômeno analítico, todo fenômeno que participa do campo analítico, da descoberta analítica, daquilo com que lidamos no sintoma e na neurose, é estruturado como linguagem".⁴⁹

⁴⁷ "(...) le signifiant est un signe que renvoie à un autre signe, qui est comme tel structuré pour signifier l'absence d'un autre signe, em d'autres termes pour se opposer à lui dans um couple (...) Ce caractère du signifiant marque de façon essentielle tout ce qui est de l'ordre de l'inconscient.". LACAN, J. Le Seminaire III: Les psychoses. Paris: Ed. du Seuil, 1981, p. 188. VB: p.192.

⁴⁸ Tradução minha: "La Bewusstsein est de l'ordre de souvenirs conceptuels. La notion de relation causale apparaît por la première fois en tant que telle. C'est le moment où le signifiant, une fois constitué, s'ordonne secondairement à quelque chose d'autre, qui est l'apparition du signifié". LACAN, J. Op Cit (1981), p. 204.

⁴⁹ "Si je dis que tout ce qui appartient à la communication analytique a structure de langage, cela ne veut justement pas dire que l'inconscient s'exprime dans le discours. La Traumdeutung, la Psychologie de la vie quotidienne et le Mot d'esprit le rendent transparent - rien n'est explicable des détours de Freud si ce n'est

A correlação entre inconsciente e significante permite não apenas apontar a possibilidade de surgimento de novos sentidos, mas também colocar em primeiro plano a referência ao contexto concreto de articulação do paciente, já que não se trata de sentidos que estejam presentes ali, mas dos sentidos que poderão surgir pela oposição dos diferentes termos significantes. Ao considerar os significantes como elementos sem vínculo direto com o significado e que tomam seu valor em oposição a todos os outros elementos, produz-se uma alteração radical da questão da significação. A ação *nachträglich* do significante pode, portanto, ser relacionada com a temporalidade do inconsciente, já que esta, segundo Lacan, se organiza *a posteriori* em um tempo verbal - futuro anterior - que possibilita ressignificar o passado.

Desse modo, as formações do inconsciente podem ser apresentadas como efeitos de sentido segundo combinações significantes. Ou seja, a argumentação lacaniana permite tomar as combinações significantes como geradoras de sentido que escapam ao sujeito sem recorrer à suposta intencionalidade de uma instância psíquica.

“(...) no decorrer de um discurso intencional em que o sujeito se apresenta como querendo dizer alguma coisa, produz-se algo que ultrapassa seu querer, que se manifesta como um acidente, um paradoxo, ou até um escândalo”.⁵⁰ Mas, “nas

que le phénomène analytique comme tel, quel qu'il soit, est, non pas un langage au sens où ça voudrait dire que c'est un discours – je n'ai jamais dit que c'était un discours -, mais structuré comme un langage. (...) Tout phénomène analytique, tout phénomène que participe du champ analytique, de la découverte analytique, de ce à quoi nous avons affaire dans le symptôme et dans la névrose, est structuré comme un langage. Cela veut dire que c'est un phénomène qui présente toujours la duplicité essentielle du signifiant et du signifié. Cela veut dire que le signifiant y a sa cohérence et son caractère propres, qui le distinguent de tout autre espèce de signe”. LACAN, J. Le Séminaire III: les Psychoses. Paris: Ed. du Seuil, 1981, p. 187. VB: p. 191/192.

⁵⁰ *“(...) au cours d'un discours intentionnel où le sujet se présente comme voulant dire quelque chose, il se produit quelque chose qui dépasse son vouloir, qui se manifeste comme un accident, un paradoxe, voire un scandale”. LACAN, J. Op Cit (1998), p. 51. VB: p. 54.*

*condições em que se produz esse acidente, verifica-se que ele é registrado e valorizado na categoria do fenômeno significativo de engendramento de um sentido”.*⁵¹

O inconsciente não se constitui em depósito de memórias inconscientes, mas como tropeço significativa. É pelo valor de significação ou, dito de outra forma, pela atribuição de um sentido à falha discursiva, que o sujeito constitui o inconsciente. A articulação significativa é construída pelo sujeito no momento de sua enunciação, por meio da suposição de sentido construída sobre a equivocidade significativa. Não se trata, pois, de um significado já dado e oculto à consciência do paciente. Com tal argumento, o fato psíquico é apresentado como fato significativo, distinguindo-se de um fato físico.

Quatro anos⁵² depois da formulação do Discurso de Roma, Lacan parece manter sua ‘fidelidade’ a Politzer e a sua proposta de uma psicologia concreta, fazendo uso de argumentações próprias que relacionam inconsciente e linguagem. No entanto, na mesma lição, Lacan apresenta o inconsciente de um modo que poderia introduzir dubiedades. Ao trabalhar o exemplo ‘familiar’ - retirado de Freud - Lacan argumenta que a palavra ‘familiar’ não está presente na fala do agente, aparecendo em seu lugar um neologismo, que tem a forma de chiste. “(...) *devemos considerar que a palavra familiar foi para algum lugar, que teve um destino idêntico ao que foi reservado ao Signor de Signorelli, o qual,*

⁵¹ [grifo nosso]. “(...) *dans les conditions où cet accident se produit, il se trouve être enregistré et valorisé au rang de phénomène significatif d’engendrement d’un sens* “. LACAN, J. *Op Cit* (1998), p. 51.

⁵² A citação anterior de Lacan data de 20/11/57.

*como lhes expliquei da última vez, foi prosseguir seu circuitozinho circular em algum lugar da memória inconsciente”.*⁵³

Nessa argumentação, inconsciente e memória são articulados, possibilitando que o tomemos como um lugar - arquivo ou registro - e, em decorrência, o dotemos de dimensões espaciais.

Ao que parece temos aqui a manutenção de certos pressupostos da psicologia clássica, pois Lacan (1) apresenta o inconsciente como um lugar e (2) articula inconsciente e memória. Veremos que posteriormente a teoria lacaniana institui uma nova concepção de lugar, desvinculado de qualquer noção de espaço ou substância, e abandona a articulação entre inconsciente e memória de forma mais clara. No entanto, esse momento parece ser representativo do quão facilmente se é tentado a substancializar categorias teóricas e a fazer uso de uma mesma gramática para se referir à realidade física e à realidade psíquica, como versão interiorizada da primeira.

A preocupação com as categorias concretas retorna na lição seguinte quando, na argumentação lacaniana, a particularidade, a singularidade do sujeito, como objeto da psicanálise, toma o primeiro plano. “(...) *tudo o que é da ordem do inconsciente como estruturado pela linguagem coloca-nos diante do seguinte fenômeno: não é nem o gênero nem a classe, mas tão-somente o exemplo particular que nos permite apreender as propriedades mais significativas*”.⁵⁴ As características psicológicas - conceitualizações

⁵³ “(...) nous devons considérer que le mot familier est passé quelque *part*, qu’il a eu le même sort que celui qui était réservé au Signor de Signorelli, lequel, comme je vous l’ai expliqué la dernière fois, est allé poursuivre son petit circuit circulaire quelque part dans la *mémoire* inconsciente”. LACAN, J. *Op Cit* (1998), p. 53. VB: p. 56.

⁵⁴ “(...) tout ce qui est de l’ordre de l’inconscient en tant qu’il est structuré par le langage, nous met devant le phénomène suivant – ce n’est ni le genre, ni la classe, mais seulement l’exemple particulier qui nous permet de saisir les propriétés les plus significatives.” LACAN, J. *Op Cit* (1998), p. 65. VB: p. 69.

abstratas e representativas do mundo interior de um dado sujeito - são abolidas em prol do exemplo particular, presente nas formações discursivas. Não sejamos ingênuos a ponto de não perceber que esse exemplo particular é apresentado como representativo das propriedades estruturais da linguagem⁵⁵, mas, de qualquer modo, a idéia de um teatro interior e os vícios de linguagem que o fazem ser tomado como um espelho da realidade externa desaparece em sua argumentação. Na concepção lacaniana, o relato do paciente não restitui qualquer realidade 'subjéitiva', como reprodução exteriorizada de um mundo interior, mas produz uma significação mítica.

Como já dissemos anteriormente, a linguagem, em seus desdobramentos, serve primorosamente aos propósitos de construção de uma abordagem concreta, principalmente no que se refere a não reificação de seus conceitos. Por exemplo, ao abordar o fenômeno da metáfora como substituição significativa, a teoria lacaniana aponta a possibilidade de suposição de um lugar tomado numa nova acepção. Trata-se de uma substituição **posicional** que exige, como idéia, a cadeia significativa, ou seja, uma sucessão combinatória. Dessa forma, pode-se falar de lugar sem se referir a uma espacialização⁵⁶, pois o termo 'lugar' passa a ser usado para assinalar a *posição* de um dado significativo, em oposição a outros significantes, determinada por um código submetido aos princípios de linguagem, característicos de uma dada língua. A argumentação utilizada não induz a uma substancialização da noção de lugar, pois toma como modelo relações, algo sem dimensão física. Desvinculado da noção de espaço psíquico, o inconsciente apresenta-se como um

⁵⁵ E poderia, portanto, ser acusado por Politzer de recair nos enganos do formalismo.

⁵⁶ Veremos posteriormente como Lacan leva ao extremo essa formulação em sua teoria dos quatro discursos.

resto, um saber disjuncto do corpo de conhecimento consciente do sujeito, um ato de enunciação que implica simultaneamente perda e produção de sentido.

A autonomia da dimensão significante em relação ao campo do sentido inviabiliza a noção de intencionalidade inconsciente, pois não se trata de uma entidade que espera o momento para se manifestar ou que quer dizer algo específico, mas é o próprio exercício do significante que evoca a ordem do inconsciente. Ou seja, o equívoco de sentido presente em qualquer enunciação produz um desconhecimento discursivo do agente em relação a sua fala, uma impossibilidade de reconhecimento de sua enunciação simbólica. Poderíamos, seguindo Lacan, supor a noção de formação de inconsciente como o encontro da dimensão de sentido com a dimensão de valor⁵⁷, de tal modo que significação e significante tocam-se de modo particular, produzindo, por meio da equivocidade significante, uma nova significação. Como consequência, a impossibilidade de reconhecimento de sua enunciação aparece como efeito das operações significantes, não como entidade causal do comportamento humano. Há aqui uma diferença fundamental entre o pensamento lacaniano e o de Freud.

É justamente a autonomia da dimensão significante que dá à prática analítica lacaniana seu diferencial em relação ao modelo freudiano. O trabalho analítico, na perspectiva de Lacan, permite que o sujeito, ao falar, construa uma cadeia significante, um saber - ressaltemos aqui o termo 'construção' - sobre suas crenças particulares. No entanto, ocorre, de forma paralela à intencionalidade da significação de seu relato, a produção de equívocos de sentido. Diferentemente de Freud, não se trata da descoberta de uma verdade oculta, mas de uma construção significante que aponta a posição subjetiva de um dado

⁵⁷ Estamos nos referindo ao uso lacaniano da teoria do significante e do valor em Saussure.

paciente, posição suposta pela cadeia significante⁵⁸, por meio da qual o agente se representa. Dessa forma, mentir, enganar ou dizer a verdade, no contexto da prática clínica lacaniana, são formas de representação da subjetividade daquele sujeito particular. Não se trata de buscar uma intencionalidade, mas de ler os efeitos que uma dada estrutura discursiva implica em termos de posição subjetiva.

Mas falar de inconsciente sem fazer uso dos referenciais da psicologia clássica não é tarefa fácil, ainda mais quando temos como modelo a conceituação de inconsciente proposta por Freud e os vícios de linguagem que apresentam este conceito com a retórica espacializante. Na lição de 15 de janeiro de 1958 - *Seminário 5: Les Formations de l'Inconscient* - Lacan afirma: “*Ora, se existe uma coisa realmente surpreendente, é não se haver descoberto o inconsciente mais cedo, já que ele estava lá desde sempre e, aliás, continua estando. Sem dúvida, é porque foi preciso saber que estava no interior para perceber que esse lugar existia*”.⁵⁹ Neste curto parágrafo, a linguagem utilizada por Lacan pode nos fazer supor que haja certa confusão entre realidade psíquica e física, pois o inconsciente é colocado de modo suficientemente ambíguo para que caiamos no questionamento em torno da realidade e espacialidade do mesmo. No entanto, uma reflexão mais precisa sobre esta lição, nos conduz a teses, no mínimo, destoantes em relação aos pressupostos da psicologia clássica, já que o inconsciente é apresentado como ignorância situada, desconhecimento que traz a marca de sua presentificação.

⁵⁸ Em sua lógica oposicional, não identitária.

⁵⁹ [grifo nosso] “*Or, s’il y a une chose vraiment surprenante, c’est que l’on n’ait pas découvert l’inconscient plus tôt, puisqu’il était là depuis toujours, et d’ailleurs il l’est toujours. C’est sans doute qu’il a fallu le savoir à l’intérieur pour s’apercevoir que ce lieu existait*”. LACAN, J. *Op Cit* (1998), p. 176. VB: p. 182.

A conceituação do inconsciente como ignorância discursiva - dizer mais do que pretende e menos do que supõe - não mais nos permite perguntar sobre a localização do inconsciente quando este não está presente. O inconsciente só pode ser percebido pelos seus efeitos, efeitos de desconhecimento do sujeito em relação a seu discurso.⁶⁰ Na clínica, isso é facilmente apreendido: se a consciência nos dá o sentimento de eu (*moi*) no discurso, na situação analítica, o sujeito confronta-se com o desconhecimento sistemático na sua própria produção discursiva. Devido às intervenções do analista, o sujeito se reconhece mais além do conhecimento consciente, pois se articula em uma ordem simbólica, a cadeia significante. Ou seja, o que é articulado na cadeia significante não é articulável na dimensão de sujeito instituído pela palavra - o inconsciente é da ordem desse não articulável na fala do sujeito.

3.1. O Inconsciente é Estruturado como uma Linguagem

O famoso aforismo lacaniano '*o inconsciente é estruturado como uma linguagem*' surge tardiamente no ensino de Lacan, embora, desde 1953 possamos encontrar traços da articulação entre inconsciente e linguagem. Trata-se do famoso *Congresso de Bonneval*⁶¹, quando da polêmica de Laplanche e Leclaire em relação ao pensamento lacaniano. A

⁶⁰ Apesar de ao longo do capítulo diversas apresentações do termo 'inconsciente' se fazerem, parece-nos que, como dissemos anteriormente, o eixo condutor da conceitualização que Lacan dá ao termo é a dimensão de perda implicada em qualquer enunciação. Se seguirmos essa hipótese, perceberemos a coerência entre as diversas definições do termo.

⁶¹ No outono de 1960 Henri Ey propôs um debate entre filosofia, psicanálise e psiquiatria tendo como tema o inconsciente. Neste congresso Lacan não foi convidado a falar, mas tão somente a participar das discussões. O clima era fortemente político, pois representava para Lacan a possibilidade de demonstrar que o freudismo revisto e corrigido pela lingüística poderia vir a ganhar estatuto científico. Dois alunos se destacaram nesse congresso por apontar a cisão interna ao movimento lacaniano: Laplanche e Leclaire. Lacan não discutiu as teses apresentadas, só se manifestando a respeito seis anos depois, quando da publicação do texto '*Posição do Inconsciente*'. Cf. ROUDINESCO, E. *História da Psicanálise na França* - vol 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 328 e segs.

retomada de Lacan dos argumentos centrais desse mal-entendido, se assim pudermos nomeá-lo, se dará ao longo do *Seminário 17: L'Envers de la Psychanalyse*. No entanto, em 1964, ano de ensino do *Seminário 11: Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse*, Lacan preocupa-se em esclarecer as concepções que vem construindo até então. Trata-se do início de um movimento de diferenciação - explícita - em relação à produção freudiana. Enquanto anteriormente Lacan fazia questão de marcar sua obediência aos padrões freudianos, apresentando sua leitura da obra de Freud como a mais verdadeira, em 1964 Lacan - pós-excomunhão⁶² - anuncia sua diferença para com o mestre vienense. Essa diferença que se articula de forma clara na lição de 22/01/64 - nomeada como 'o inconsciente freudiano e o nosso' - não altera de forma significativa o conceito, apenas se mostra como discordante da aceção freudiana de inconsciente como instância psíquica articulada com a memória. Este tópico pretende apontar a ruptura que está em jogo nas articulações lacanianas durante o ano de 1964, destacando seu aspecto político, já que as argumentações continuam baseadas na relação com a linguagem.

Lacan, no início desse seminário - tal como fez no Discurso de Roma - enfatiza a dimensão da fala como instrumento necessário ao trabalho analítico. Em oposição a correntes da psicanálise que tomavam a palavra como tendo um significado meramente convencional, de tal modo que se deveria olhar pra algo além - as resistências, por exemplo - ele defende a necessidade de se tomar a palavra em sua dimensão significante. Nesse

⁶² Lacan nomeou como 'excomunhão' o texto que marcou sua saída da IPA, devido a fortes pressões institucionais que não reconheciam seu ensino e propunham excluí-lo de seu papel de analista didata. Para maiores detalhes, cf. ROUDINESCO, E. Jacques Lacan - esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 308-310. Ou o ensaio do próprio Lacan em 15/01/64, aula inaugural do Seminário 11.

contexto, o inconsciente apresenta-se no discurso como claudicação, hiância, algo da ordem do não-realizado.

*“Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente. Ali, alguma coisa quer se realizar - algo que aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade. O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo produzir-se, se apresenta como um achado”.*⁶³

Esta conceituação lacaniana de inconsciente, como dissemos anteriormente, não difere significativamente da proposta feita em 1953; ou seja, a linguagem continua sendo o ponto de articulação fundamental para se pensar o inconsciente de modo não substancializado.

A articulação entre inconsciente e linguagem, necessária ao propósito lacaniano de aproximar a psicanálise da psicologia concreta, possibilita abordar três pontos fundamentais da crítica politzeriana ao conceito freudiano, vinculados aos pressupostos de teatro interior e anterioridade do significado. No caso específico da teoria freudiana, tais pressupostos se encontram presentes no uso substantivo e espacial do conceito, na intencionalidade inconsciente e na temporalidade das memórias. A cada uma dessas questões Lacan responde de forma específica.

⁶³ *“Achoppement, défaillance, fêlure. Dans une phrase prononcée, écrite, quelque chose vient à trébucher. Freud est étonné par ces phénomènes, et c’est là qu’il va chercher l’inconscient. Là, quelque chose d’autre demande à se réaliser – qui apparaît comme intentionnel, certes, mais d’une étrange temporalité. Ce qui se produit dans cette béance, au sens plein du terme se produire, se présente como la trouvaille”.* LACAN, J. Le Séminaire XI: Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse. Paris: Ed. du Seuil, 1973, p. 27. VB: p.30.

De forma resumida, podemos dizer que nesse seminário: (1) a referência espacializante do inconsciente é ironizada, mostrando seu aspecto de construto fantasioso - em sua articulação com a linguagem, o inconsciente é desprovido de elementos que apontem para uma possível substancialidade ou realidade;⁶⁴ (2) a idéia freudiana de uma intencionalidade inconsciente, trazendo em seu bojo o mito do teatro interior, também se desfaz, uma vez que, ao articular inconsciente e linguagem, se desloca a questão de um inconsciente interno apresentado exteriormente no relato para um inconsciente constituído no próprio momento da enunciação - como consequência, evita a confusão entre realidade psíquica e realidade física; (3) quanto à questão da temporalidade inconsciente, a concepção lacaniana de inconsciente como situado no tempo verbal do futuro anterior, tempo a construir, aponta para a dimensão do não realizado. Desse modo, não é mais cabível supor um significado prévio recalcado, mas uma significação constituída no ato de enunciação do sujeito.

Como já dissemos, a argumentação lacaniana no '*Seminário 11*' mantém a concepção de inconsciente articulado com a linguagem, devedora da conceituação levi-straussiana: o inconsciente é da ordem do não-sabido e apresenta-se no discurso como falha. No entanto, o mal-entendido surgido no Colóquio de Bonneval, na apresentação de Laplanche e Leclaire, só será esclarecido de forma direta por Lacan no *Seminário 17: L'Envers de la Psychanalyse* (1969-1970). Antes de seguirmos diretamente a este ponto, gostaríamos de destacar a teorização dos discursos proposta neste seminário, pois tal formulação pode ser lida como constituindo um momento de inovação no ensino lacaniano.

⁶⁴ "A hiância do inconsciente poderíamos dizê-la pré-ontológica (...) é que ele não é nem ser, nem não-ser, mas é algo de não-realizado". Cf. LACAN, J. *Op Cit* (1973), p. 31/32. VB: 33/34.

A teoria dos discursos baseia-se numa lógica de quatro lugares⁶⁵ e quatro elementos⁶⁶ que variam de forma circular, dando a cada um dos discursos sua especificidade. De acordo com o elemento que ocupar o lugar de agente no matema⁶⁷, estaremos diante de um discurso diferenciado. Sem nos aprofundarmos nesse assunto - que escaparia à proposta de nosso trabalho - gostaríamos de salientar a inovação dessa 'lógica posicional'. Tal lógica nos possibilita pensar em posições discursivas sem substância. Ou seja, a mesma pessoa pode assumir posições discursivas diferenciadas de acordo com o momento - **estar** se representando em um dado discurso, diferentemente de **ser** um exemplar de uma estrutura clínica, histórica ou obsessiva, por exemplo.

O conceito de inconsciente é novamente trabalhado na aula de 14/01/70 - '*Seminário 17*' - quando Lacan se refere ao Colóquio de Bonneval e à polémica decorrente. A questão gira em torno da concepção de Laplanche⁶⁸ - **o inconsciente como condição de linguagem** - e o argumento lacaniano - **a linguagem como condição do inconsciente**. A diferença implicada em tais proposições é substancial, pois apresentar o inconsciente como condição de linguagem retoma dois dos pressupostos da psicologia clássica - o mito do teatro interno e a anterioridade do significado. Não apenas Laplanche propõe compreender o inconsciente no sentido tópico⁶⁹, reintroduzindo a questão da localização psíquica, quanto o apresenta como segunda estrutura, duplicando o conteúdo entre latente e manifesto - o inconsciente "*não consiste num sentido mais compreensivo que permitiria reconduzi-los ao*

⁶⁵ Agente, outro, produção e verdade.

⁶⁶ a (objeto), \$ (sujeito barrado), S1 (significante mestre) e S2 (saber).

⁶⁷ Lacan nomeia como matema as escritas de aspecto algébrico explicativas de conceitos-chave da teoria.

⁶⁸ De forma no mínimo curiosa, dadas as críticas politzerianas ao conceito de inconsciente, Laplanche recorre a Politzer para realizar sua leitura do inconsciente como sendo da ordem de um sentido.

⁶⁹ LAPLANCHE, J. O Inconsciente: um estudo psicanalítico in O Inconsciente: VI Colóquio de Bonneval. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969, p. 119.

*restante do texto, ele é, ao contrário, uma segunda estrutura na qual esses fenômenos lacunosos encontram sua unidade independentemente do restante do texto”.*⁷⁰

Ao abordar o assunto, Lacan apresenta o saber inconsciente como uma articulação lógica e discursiva presente na fala do sujeito e indo além de seu dizer intencional. De forma sutil, faz uma crítica à concepção freudiana: *“Freud, é preciso dizer, sustenta um discurso estranho, o mais contrário à coerência, à consistência de um discurso. O sujeito do discurso não se sabe como sujeito que sustenta o discurso. Que ele não saiba o que diz, ainda passa, sempre se o completou*. Mas o que diz Freud é que ele não sabe quem o diz”.*⁷¹ Lacan expõe a formulação freudiana do saber inconsciente em sua forma substantiva, destacando uma suposta intencionalidade do mesmo, como entidade possuidora de um saber que ultrapassa o sujeito falante, mas faz uma torção de modo a ‘esclarecer’ o pensamento de Freud - na verdade, aproxima-o de sua própria argumentação. *“Quer essa vivência, chamada mais ou menos adequadamente de pensamento, se produza ou não em algum lugar, produz-se ali algo que tem a ver com uma cadeia, exatamente como se fosse pensamento. Freud jamais disse coisa diferente quando falou do inconsciente”.*⁷²

Ao nos determos sobre esta citação, vemos que o termo ‘lugar’ perde, em primeira instância, sua importância [*se produza ou não em algum lugar*], para em seguida, ser

⁷⁰ LAPLANCHE, J. Op Cit (1969), p. 122.

⁷¹ [grifo nosso] *“Freud tient un discours étrange, il faut le dire, le plus contraire à la cohérence, à la consistance d’un discours. Le sujet du discours ne se sait pas en tant que sujet tenant le discours. Qu’il ne sache pas ce qu’il dit, passe encore, on y a toujours supplée. Mais ce que Freud dit, c’est qu’il ne sait pas qui le dit.”* LACAN, J. Le Séminaire XVII: L’Envers de la Psychanalyse. Paris: Ed. du Seuil, 1991, p. 80. VB: p.66. * *Supléer* significa tanto completar, quanto substituir ou suprir, indicando o preenchimento de lacunas.

⁷² *“Que ce vécu qu’on appelle plus ou moins proprement pensée se produise ou non quelque part, là se produit quelque chose qui tient à une chaîne, exactement comme si c’était de la pensée. Freud jamais n’a rien dit d’autre quand il parle de l’inconscient”.* LACAN, J. Op Cit (1991), p. 101. VB: p. 83.

desvinculado de uma referência espacializante. O inconsciente não é apresentado, portanto, como um lugar, mas como uma produção discursiva que escapa ao sujeito. Para ilustrar, Lacan relata sua experiência como analista de três pessoas de Togo, destacando a inexistência de ‘verdadeiras’ recordações de infância, já que estes pacientes reescreveram sua história infantil de acordo com referenciais adquiridos quando estavam na França. Ou seja, o vivido infantil foi reinterpretado segundo os padrões presentes. Não se trata de um vivido original e uma interpretação posterior, mas de um vivido - percebido como tal por meio do relato - significado retroativamente no momento de sua enunciação⁷³.

A importância desse seminário deve-se a uma nova conceituação de lugar que rompe radicalmente com qualquer referência espacializante. Essa ‘lógica posicional’ permite que tomemos a produção discursiva de um sujeito em sua particularidade, evitando a suposição de uma intencionalidade inconsciente que se manifesta no discurso. Quanto ao conceito de inconsciente, este se apresenta como efeito significante de uma dada posição discursiva, a ser reinterpretado no momento de sua enunciação.

4. As Estruturas Topológicas

Após o ‘*Seminário 17*’, a conceituação lacaniana aproxima-se progressivamente do campo da topologia⁷⁴, alcançando sua construção última no uso psicanalítico do nó borromeu.⁷⁵ O interesse lacaniano nas figuras topológicas se ancora na possibilidade de mostrar o que não pode ser formulado em palavras: diante dos impasses da linguagem,

⁷³ Cf. LACAN, J. *Op Cit* (1991), p. 104.

⁷⁴ O Seminário 9 - As Identificações - representa a primeira aproximação de Lacan à topologia.

⁷⁵ Para ter uma idéia das figuras topológicas utilizadas por Lacan cf. DARMON, M. *Ensaio sobre a Topologia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. GRANON-LAFONT, J. *A Topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

Lacan se apóia nas formulações matemáticas, sem, no entanto, afastar-se da solução estruturalista. “*É nesta medida que a topologia diz respeito à psicanálise. Ela é, com efeito, um estudo da estrutura desembaraçada de um objeto psíquico único substantivado*”.⁷⁶ Não pretendemos aqui nos deter nos ‘malabarismos topológicos’ de Lacan, não apenas devido às dificuldades inerentes à matéria, mas também pelo pouco uso da topologia nas formalizações em torno do conceito de inconsciente - este conceito parece ter perdido peso conceitual e importância teórica para explicar os diversos aspectos do psiquismo humano, sendo mais freqüentes as argumentações lacanianas em torno dos registros real, simbólico e imaginário. No presente trabalho, faremos apenas recortes dos seminários que tocam na problemática desse conceito.

A articulação entre inconsciente e significante, expressa por Lacan na década de 50 - tendo como modelo os textos de Lévi-Strauss - é reformulada de modo a destacar o caráter insuficiente da linguagem. Tendo construído ao longo de seus seminários novos conceitos, distintos da teoria freudiana - objeto *a* e os três registros: real, simbólico e imaginário⁷⁷ - Lacan soma à articulação inconsciente/linguagem a concepção de uma topologia, campo matemático que poderia dar à psicanálise seu almejado estatuto de ciência. Nesse novo movimento, o inconsciente é apresentado como sendo da ordem do real⁷⁸, mas tornado acessível mediante o equívoco fundamental do simbólico⁷⁹.

Se, nessa argumentação, supusermos que o real preexista ao simbólico, reinsermos na psicanálise laciana a concepção de um inconsciente como entidade que intenciona

⁷⁶ GRANON-LAFONT, J. *Op Cit* (1990), p. 18.

⁷⁷ De modo extremamente simplificado, podemos dizer que o Real é da ordem do impossível de representar; o Imaginário deve ser entendido a partir da imagem e o Simbólico, a partir da linguagem, da ordem significante.

⁷⁸ Cf. LACAN, J. *Le Seminaire XX: Encore*. Paris: Ed. du Seuil, 1975c, p. 172.

⁷⁹ Cf. LACAN, J. *Seminário XXII: RSI* (seminário inédito), aula de 10/12/74.

algo e habita o homem. Ou seja, a substancialização do inconsciente faz-se presente e com ela todas as outras confusões da psicologia clássica: realização, espacialização, preexistência de conteúdo e confusão entre vida interior e relato externo. A conceituação do inconsciente feita por Lacan remete - mesmo após as formulações topológicas - à enunciação de um falante que, por seus efeitos de linguagem, produz sentidos não supostos inicialmente no enunciado. Ou seja, o inconsciente apresenta-se como um resto, efeito de uma articulação de linguagem que ultrapassa a intenção do sujeito ao remeter a uma polifonia de sentidos possíveis. O sentido não está já dado, mas se constrói na enunciação do agente. Assim, Lacan relembra a incidência concreta do conceito e observa: “(...) *não há inconsciente senão do dito. Só podemos tratar do inconsciente a partir do dito, e do dito pelo analisando. Isto, é um dizer. Como dizer? Esta é a questão. Não se pode dizer de qualquer maneira, e este é o problema de quem habita a linguagem, quer dizer, todos nós.*”⁸⁰ Só há inconsciente se supusermos que ao enunciar o sujeito perde parte do que diz. O inconsciente apresenta-se, pois, como uma ordem lógica - sem significação prévia - de determinação da posição subjetiva⁸¹. Não se constitui em lugar. Ou seja, não se defende uma realidade do inconsciente, mas o inconsciente como real, como o que escapa a uma representação e, portanto, só pode aparecer como falha discursiva.

Como podemos notar, as diversas concepções de inconsciente apresentadas por Lacan ao longo de sua obra mantém certa consistência interna por meio da articulação com a linguagem. Mesmo no momento último de sua produção - quando sua crença na

⁸⁰ “(...) *il n’y a de l’inconscient que du dit. Nous ne pouvons traiter de l’inconscient qu’à partir du dit, et du dit de l’analysant. Ça, c’est un dire. Comment dire? C’est là la question. On ne peut pas dire n’importe comment, et c’est le problème de qui habite le langage, à savoir de nous tous*”. LACAN, J. *Op Cit* (1975c), p. 128. VB: p. 136.

⁸¹ Cf. LACAN, J. Seminário XXII – aula de 18/02/75.

linguagem como solução ‘cientificizante’ para a psicanálise já estava seriamente abalada - Lacan toma o relato do paciente como eixo norteador de sua *práxis*, possibilitando situar o inconsciente como conceito fundamental para o exercício da prática clínica e para a construção de uma possível ‘metapsicologia’ não substancializada da psicanálise.

5. Implicações Clínicas da Teoria Lacaniana

A prática clínica psicanalítica sofreu sérias alterações após as teorizações lacanianas⁸². Embora o método de livre associação tenha se mantido - como já havíamos visto no capítulo II, a livre associação não é uma prática introspectiva, pois se refere a um fluxo de pensamentos presentes na fala do paciente e não a uma descrição de estados internos⁸³ - a relação paciente/analista modifica-se. Como primeira mudança nos deparamos com uma análise baseada na técnica *significante*, na qual a linguagem perde seu caráter meramente denotativo e toma uma roupagem mais diversificada - surge não apenas a dimensão *significante* da mesma, mas sua função *performativa* destacada por meio das pontuações feitas pelo analista, que deve intervir de forma objetiva. Este é um ponto de extrema importância na proposta lacaniana - a objetividade da análise.

Segundo Lacan, uma abordagem objetiva e concreta da psicanálise só pode se realizar pelo respeito à dimensão da fala.⁸⁴ É por meio do discurso do paciente - em sua materialidade sonora - que o analista pode intervir. Como já dissemos, a regra analítica é conservada - *‘fale tudo o que lhe ocorrer’* - mas uma modificação surge na contrapartida do

⁸² A fim de tornar o percurso mais fácil para o leitor, estaremos tomando como contraste o tópico ‘Implicações Clínicas do Conceito de Inconsciente’ no capítulo I.

⁸³ Podendo, portanto, permanecer no campo da psicanálise proposta por Lacan sob influência da crítica de Politzer.

⁸⁴ “O único modo de abordar conforme à descoberta freudiana é o de por a questão no próprio registro em que o fenômeno nos aparece, isto é, no da fala.” LACAN, J. *Op Cit* (1981), p. 46. VB: p. 47.

analista. Enquanto Freud pressupunha um analista fazendo uso da ‘atenção flutuante’ ou funcionando como espelho, Lacan destaca a necessidade de o analista trabalhar na dimensão significante, ou seja, escutar o ‘equivoco’ de sentido presente na fala do paciente, e só então intervir. O que provoca o efeito de surpresa da intervenção do analista é justamente a ambigüidade da passagem de um sentido para outro por intermédio de um suporte significante. O paciente é atingido em outro ponto que não o lugar previamente determinado por sua narrativa consciente; ou seja, o relato do paciente, em seus termos significantes, é a base segundo a qual o analista intervém, apontando um outro plano de significação.

A intervenção analítica apóia-se na relação transferencial, cuja artificialidade é denunciada por Lacan, já que se constitui em um pacto baseado numa exigência impossível de ser cumprida: *‘dizer tudo o que vier à mente’*.

*“A experiência freudiana não é de forma alguma pré-conceitual. Não é uma experiência pura. É uma experiência realmente estruturada por algo de artificial que é a relação analítica, tal como é constituída pela confissão que o sujeito vem fazer ao médico, e pelo que o médico dela faz. É a partir desse modo operatório primeiro que tudo se elabora”.*⁸⁵

A artificialidade da relação analítica impõe uma dinâmica própria ao trabalho terapêutico, no qual há uma dissimetria entre paciente e analista, produzindo transferência. Embora o aspecto contratual estivesse em jogo desde a formulação freudiana - afinal, a regra fundamental foi criada por Freud - apenas após a entrada em cena de Lacan e sua

⁸⁵ *“L’expérience freudienne n’est nullement pré-conceptuelle. Ce n’est pas une expérience pure. C’est une expérience bel et bien structurée par quelque chose d’artificiel qui est la relation analytique, telle qu’elle est constituée par l’aveu que le sujet vient faire au médecin, et par ce que le médecin en fait. C’est à partir de ce mode opératoire premier que tout s’élabore.”* LACAN, J. *Op Cit* (1981), p. 16/17. VB: p. 17

teoria das funções da fala, esse modelo pôde ser devidamente explorado: em seu trabalho clínico, o analista recusa-se a abordar a fala do paciente em uma relação de compreensão do conteúdo, tal como uma simples conversa, a fim de buscar a equivocidade do discurso do paciente, ou seja, a dimensão material do significante. Desse modo, instaura uma relação de fala que, como toda fala, pede resposta, mas que, nesse caso, depara-se com o silêncio. Diante do silêncio do analista, o paciente reitera sua demanda à qual o analista interpreta em sua dimensão material, pois problematiza a equivocidade, ou seja, os modos do significante no advento do significado.

Nessa perspectiva, qualquer produção discursiva, ou seja, qualquer produção em palavras, produz dois planos: (1) o que se diz, formulado no discurso intencional - enunciado; e (2) o que se diz a mais, que escapa à intencionalidade consciente - enunciação. A prática lacaniana consiste em captar o que é dito para além do que se quer dizer, as enunciações subjetivas que aparecem no discurso corrente durante a sessão de análise. Não se trata de suposição ou *feeling*, mas de trabalhar com a materialidade da palavra, dando um caráter objetivo à *práxis* analítica. A intervenção do analista funciona como uma *direção de sentido* que pode não atingir nenhuma nova significação - diferentemente do referencial freudiano, a intervenção do analista lacaniano pode ser falha - pois essa *direção* ou *direcionamento* é justamente a distância entre um sentido já realizado e o pleno-sentido, ideal da fala humana.

Desse modo, o que está em jogo na situação analítica é o equívoco, já que essa pontuação nada mais é do que uma nova forma de escutar o significante em oposição à cadeia que o constitui e posiciona - o analista recusa-se a interpretar como sentido convencional aquilo que entende ser a criação discursiva do paciente. O trabalho do analista

consiste, pois, em afirmar que ‘aquilo’ (sintoma, ato falho, fala, etc.) **significa alguma coisa**, mas no sentido de que ‘aquilo’ **pode ser lido de inumeráveis maneiras**. Não se trata, portanto, de restituir uma realidade subjetiva, mas de produzi-la por meio de um processo de ‘bricolagem’ capaz de criar um mito individual. Cabe ao analista apontar as diversas leituras possíveis do jogo significante, e ao paciente libertar-se da prisão em uma significação já dada e, normalmente, causadora de sofrimento.

O interesse da análise gira em torno da articulação simbólica que o sujeito faz - de seu sintoma, de seu sofrimento, de sua vida de modo geral - durante o percurso de análise. Para Lacan, essa articulação simbólica dá-se por um remanejamento de sentido posterior à ocorrência do fato⁸⁶; ou seja, uma recordação ou nova impressão organiza-se em continuidade simbólica com a ‘história’ do sujeito particular. Dessa forma, o inconsciente é a construção simbólica que *“recobre com sua trama todo o vivido humano”*.⁸⁷ A temporalidade do inconsciente, portanto, não corresponde ao pretérito perfeito. No campo da prática analítica, a noção de retroação - *après-coup* ou *Nachträglichkeit* - instaura uma dimensão de passado que normalmente escapa ao pensamento. De modo geral, pensamos no passado como já vivido e imutável. A psicanálise lacaniana aponta a releitura feita dos fatos do passado segundo um posicionamento subjetivo atual. Desse modo, o valor da interpretação analítica dá-se pelo efeito de reordenamento subjetivo dos fatos vividos pelo paciente.

⁸⁶ “A continuidade de tudo o que um sujeito viveu desde seu nascimento nunca tende a surgir, e isso não nos interessa em absoluto. O que nos interessa são os pontos decisivos da articulação simbólica(...)”. Cf. LACAN, J. *Op Cit* (1981), p. 126/127. VB: p. 131.

⁸⁷ “recouvre de sa trame tout le vécu humain.” LACAN, J. *Op Cit* (1981), p. 127. VB: p. 132.

Como já dissemos, na clínica lacaniana - diferentemente da prática freudiana - o analista não intervém revelando uma verdade oculta, mas enunciando um 'mito' que produz efeitos de verdade. A interpretação do analista não é tomada, nessa perspectiva, como representativa de algo, de um conteúdo qualquer, mas como seqüência ou interrupção de discurso que produz sentido.

*“Para ser eficaz, nosso esforço, que é, como sabemos perfeitamente, uma colaboração reconstrutiva com aquele que está na posição do analisante, a quem permitimos, de certa maneira, que enverede por seu caminho, esse esforço que fazemos para extrair, sob a forma de pensamento imputado, o que foi efetivamente vivido por aquele que no caso bem merece o título de paciente, não nos deve fazer esquecer que a configuração subjetiva tem, pela ligação significante, uma objetividade perfeitamente localizável, que funda a própria possibilidade da ajuda que trazemos sob a forma da interpretação”.*⁸⁸

A intervenção do analista lacaniano, por se encontrar articulada com o discurso, permite desvincular a concepção de temporalidade da idéia de inscrição prévia, pois há sempre uma defasagem entre significante e significação no momento da enunciação: *“(…) com toda a cadeia significante abrindo diante de si o horizonte de sua própria conclusão e, ao mesmo tempo, sua retroação, uma vez que surja o termo significante que, por assim dizer, fecha o circuito da frase e faz com que o que se produz no nível do significado tenha*

⁸⁸ *“Pour être efficace, notre effort, qui est, nous le savons parfaitement, une collaboration reconstructive avec celui qui est dans la position de l’analysant auquel nous permettons, en quelque sorte, d’entrer dans sa carrière, cet effort que nous faisons pour extraire, sous la forme de pensée imputée, ce qui a été em effet vécu par celui qui mérite bien en l’occasion le titre de patient, ne doit pas nous faire oublier que la configuration subjective a, par la liaison signifiant, **une objectivité parfaitement repérable**, qui fonde la possibilité même de l’aide que nous apportons sous la forme de l’interprétation”.* LACAN, J. *Op Cit* (1991), p. 100/101. VB:

sempre uma função retroativa".⁸⁹ Ao tomar a temporalidade em sua dimensão *après-coup*, Lacan institui que a significação constitui-se no ato de fala do sujeito - não nos cabe, portanto, supor um lugar onde ficaria o significado prévio recalçado. Cai por terra a concepção espacializante do inconsciente, bem como a crença numa verdade oculta. Nesse sentido, a clínica lacaniana pode ser considerada uma prática concreta⁹⁰.

6. Algumas Considerações

Na apresentação feita no capítulo anterior - *Politzer e a Psicologia Concreta* - vimos que dois dos pressupostos da psicologia clássica são conservados no campo da psicanálise freudiana: (1) o mito do teatro interno, tratar os objetos internos como se fossem externos, e (2) a anterioridade do significado. Tomamos como hipótese de trabalho, no atual capítulo, que as críticas politzerianas à psicanálise freudiana fizeram eco em Lacan, a ponto deste autor abordar o inconsciente de forma a construir um conceito que não caísse nos pressupostos da psicologia clássica e, conseqüentemente, no campo das abstrações. A apresentação da obra lacaniana como continuação e ampliação dos postulados freudianos obscurece diferenças significativas em relação ao conceito de inconsciente e aos pressupostos 'concretos' da psicanálise - cabe-nos aqui apontar a impropriedade de tal aproximação.

⁸⁹ "toute chaîne signifiante ouvrant devant elle l'horizon de son propre achèvement et, en même temps, sa rétroaction, une fois qu'est venu le terme signifiant qui, si l'on peut dire, boucle la phrase, et fait que ce qui se produit au niveau du signifié a toujours une fonction rétroactive". LACAN, J. *Op Cit* (1998), p. 478. VB: p. 490.

⁹⁰ Acreditamos que a teoria lacaniana reproduz a dualidade denunciada por Politzer entre uma clínica de orientação concreta e uma metapsicologia abstrata. Como apontamos em nota anterior, alguns dos argumentos lacanianos poderiam ser lidos como fazendo uso do formalismo.

Ao construir seu famoso aforismo: *o inconsciente é estruturado como uma linguagem*, Lacan afasta o conceito de inconsciente das noções de individualidade ou interioridade, pois sendo a linguagem transindividual não há como se colocar nenhuma dessas dimensões. A intencionalidade inconsciente, trazendo em seu bojo o mito do teatro interior, também se desfaz, pois articular inconsciente e linguagem desloca a questão de um inconsciente interno presente exteriormente no relato para um inconsciente constituído no próprio momento da enunciação. O mesmo ocorre com a referência espacializante do inconsciente, pois a linguagem, por seu caráter de estrutura simbólica, evita os questionamentos em torno de sua substancialidade e realidade.

A questão da preexistência do significado é um pouco mais delicada, pois a vinculação entre inconsciente e memória aparece em alguns momentos da obra lacaniana, principalmente nas suas primeiras formulações. No entanto, na argumentação de Lacan, a memória é tomada como arquivo de traços sem significação. Desse modo, evita-se a questão da anterioridade do significado, pois a significação soma-se posteriormente aos traços de memória. Para dirimir qualquer dúvida, em 1964, Lacan desvincula claramente inconsciente de memória, evitando de forma radical qualquer aproximação no sentido de um conteúdo inconsciente gravado e já significado.

Outros aspectos que poderiam remeter a esse mesmo postulado também são abordados por Lacan de modo original. A temporalidade inconsciente é um dos aspectos mais interessantes na formulação lacaniana, pois a noção de *après-coup* insere a significação no momento final da enunciação, num movimento regressivo que re-situa os enunciados anteriores. Não se refere, assim, ao resgate do sentido oculto, mas à criação de significação no próprio momento do relato.

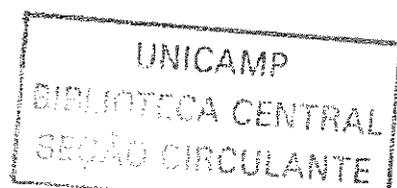
A argumentação em torno das questões de lugar - tomados na perspectiva de posição - alcança seu auge na teoria dos discursos (1970). Mais uma vez usando a dimensão da linguagem, Lacan defende que o lugar de um elemento qualquer é dado por oposição a todo outro elemento. Desse modo, trabalhamos com uma teoria de valores que desvincula lugar de espacialização. Pode-se então falar de inconsciente sem remeter a lugar psíquico e, na prática clínica, abordar a dimensão da posição subjetiva, dada pelo discurso. Recorre-se menos a entidades teóricas, e o sujeito pode ser colocado em primeiro plano, possibilitando uma abordagem concreta da prática analítica.

Dizer que a teorização lacaniana atende às expectativas de Politzer seria um exagero, mas acreditamos poder concluir que as modificações introduzidas em torno do conceito de inconsciente evitam algumas das armadilhas da psicologia clássica. Em nosso estudo, especificamente, buscamos investigar o conceito de inconsciente à luz dos pressupostos do teatro interno e da anterioridade do significado, postulados presentes na teoria freudiana. A 'solução' lacaniana consiste em deslocar a problemática para um outro campo: a linguagem, de modo que tais pressupostos não se encontram em suas argumentações em torno do conceito de inconsciente.

Conclusão

Nosso ponto de partida foi uma tese simples, porém muitas vezes desconsiderada nas discussões no campo da psicanálise: **o inconsciente não é um conceito unívoco**, prestando-se a diversos usos teóricos e variando consideravelmente em sua formulação de acordo com o autor estudado. No atual trabalho nos propusemos investigar as conceituações de inconsciente propostas por Freud - devido a seu caráter inaugural como esteio fundamental para a própria construção da teoria psicanalítica - e por Lacan - pela ampla modificação introduzida sobre o conceito freudiano ao articular inconsciente e linguagem. A comparação destas diferenças se deu à luz de um direcionamento particular: o uso de expressões e propriedades relativas a objetos físicos para se referir a objetos mentais.

Como estudamos ao longo deste trabalho, a confusão entre o campo conceitual e o campo empírico é freqüente na psicanálise de orientação freudiana, gerando impasses para a teoria e a clínica. Julgamos que esta extensão de expressões e propriedades dos objetos físicos para se referir a objetos mentais é facilitada pela concepção de linguagem veiculada por Freud, na qual a denotação surge como sua função básica. A fim de detalhar os pressupostos freudianos que o induzem a uma confusão entre empírico e conceitual, recorreremos à crítica politzeriana, mais especificamente à distinção entre psicologia clássica e psicologia concreta proposta por este autor.



Esta distinção, por meio da qual Politzer visa apresentar sua crítica à psicologia oficial e propor uma nova concepção de ciência, está apoiada na enumeração dos postulados constitutivos de uma forma abstrata de pensar a psicologia, quais sejam:

(P1) *O psicológico é, em sua essência, algo elementar;*

(P2) *O fato psicológico é um dado perceptivo;*

(P3) *A vida interior é uma reprodução da vida exterior;*

(P4) *O psíquico resulta de processos;*

(P5) *O significado é anterior ao relato.*

Segundo Politzer, estes pressupostos conduzem a uma dada forma de ver a experiência que desconsidera o homem concreto como objeto de estudo próprio da psicologia, fazendo com que a mesma perca sua especificidade e se aproxime do campo da fisiologia ou da metafísica. Ao estudar fenômenos abstratos que nada acrescentam à compreensão do comportamento humano, a psicologia perde sua aplicabilidade, permanecendo no campo das especulações estereis. Ainda segundo este autor, a teoria freudiana apresenta grande interesse por apontar novas possibilidades de abordagem dos fatos psicológicos, anunciando a psicologia concreta.

No entanto, na psicanálise esta tendência em direção ao concreto convive lado a lado com conceitos e pressupostos característicos da psicologia abstrata: um destes conceitos, cujo papel *princeps* na teoria é afirmado por Freud, é o inconsciente. Por meio desta noção, os pressupostos de anterioridade do significado e o mito do teatro interno, como versão oculta da realidade externa, têm lugar na psicanálise. A discussão em torno da construção do inconsciente na obra freudiana - de um uso adjetivo ou adverbial do mesmo à

substantivação proposta para denotar uma instância psíquica - bem como das hipóteses e metáforas utilizadas para justificar seu uso foi desenvolvida por nós tomando como apoio os pressupostos supracitados.

Estes mesmos pressupostos nos guiaram na discussão em torno da tensão entre a metapsicologia e a teoria da clínica, pois se, segundo Politzer, a primeira se mostra devedora das concepções clássicas, apresentando conceitos genéricos, a segunda anuncia as bases de uma nova psicologia ao fazer uso de argumentações de caráter particular. Esta dualidade entre metapsicologia e teoria da clínica possibilita uma discussão extremamente rica sobre a relação entre ambas, pois, em vários momentos, Politzer sugere outras formas de ler a experiência clínica sem recorrer aos argumentos freudianos. No entanto, não nos parece possível desvincular a prática clínica dos conceitos sobre os quais ela se apóia - mesmo que suponhamos uma outra teoria, que não a metapsicológica, como aporte para a técnica psicanalítica, é necessário averiguar que concepções são veiculadas, para que não caiamos no engano de supor uma experiência 'pura', concreta, por sua proximidade com o sujeito particular. A psicologia concreta constitui seu objeto de estudo, o homem particular; define como fato psicológico o segmento de uma vida histórica, o drama, e institui como método de abordagem o relato. Ou seja, implica em uma forma específica de conceber seu campo conceitual. O que nos interessa deixar claro é a impropriedade de se ler a crítica politzeriana como um desdobramento entre experiência, por um lado, e conceituação da experiência, por outro.

Em nosso trabalho, buscamos apontar os efeitos clínicos da concepção de inconsciente proposta por Freud, destacando a vinculação entre sua metapsicologia e determinadas suposições de método de investigação. Como exemplos, temos, por um lado,

o abandono por parte de Freud da introspecção, como meio de conhecimento subjetivo, em prol da técnica de associação livre - abandono justificado pelo conceito de censura psíquica. E, por outro, a suposição de que a técnica clínica teria por função revelar ou reencontrar traços mnemônicos recalcados, ancorada na articulação entre inconsciente, como sistema psíquico, e memória.

A nosso ver, a relação entre o conceito de inconsciente e a prática clínica mostra-se estreita, pois supomos que uma aparente independência entre estes campos apenas revela uma tensão que articula teorias contrastantes. Dito de outro modo, a dualidade entre teoria e clínica marca a divergência entre duas concepções *teóricas* que (1) tomam como objeto de estudo e fato psicológico conceitos diversos: há uma oposição entre conceber o psicológico indissociável do agente, por um lado, e o estudo de processos, por outro; e (2) consideram noções de subjetividade incompatíveis: subjetividade compartilhada *versus* quimismo mental.

Quanto à psicanálise lacaniana, encontramos diferenças consideráveis em sua comparação com a teoria de Freud. Julgamos que, devido ao fato de conhecer a crítica politzeriana à psicanálise freudiana e reconhecer sua pertinência, Lacan se lança no desafio de construir um conceito de inconsciente que evite os pressupostos da psicologia clássica. Sua 'solução', diante dos impasses da teoria freudiana apontados por Politzer, consiste em articular inconsciente e linguagem, de modo a romper com a representação do inconsciente como instância interna ao sujeito, dando ao mesmo uma roupagem concreta. Em nosso trabalho, mostramos as implicações desta articulação e seus desdobramentos em diversos momentos da trajetória lacaniana e acreditamos poder sustentar que, tal como apresentado

no período de 1953 a 1966, o conceito de inconsciente pode ser considerado um construto concreto.

No entanto, seria precipitado afirmar que Lacan tenha construído uma psicanálise concreta no sentido politzeriano, pois diversos outros conceitos e argumentos foram utilizados em sua teoria, alguns dos quais nos parecem suficientemente complicados para fazer supor que recaiam nas malhas da psicologia clássica por meio do formalismo e da abstração. Nosso trabalho consistiu em investigar especificamente o conceito de inconsciente - à luz das críticas politzerianas - nas obras de Freud e Lacan, destacando as diferenças teóricas e clínicas em jogo. Feito isto, caberia medir o efeito e o alcance das críticas politzerianas em relação a outros conceitos da psicanálise de orientação lacaniana, em especial aos que se articulam com o inconsciente. Nesse sentido, achamos relevante explicitar e questionar o conceito de letra que, como 'suporte material do significante', parece vir a revelar certa substancialização da linguagem.

Bibliografia

- ALEXANDRE, Laurent. **Freud et Politzer: le travail d'un rêve** in *Europe*, n. 539, março/1974.
- AMACHER, Peter. **Freud's Neurological Education and its Influence on Psychoanalytic Theorie**. *Psychological Issues*, v. 4, n. 4, 1965, p. 81.
- ARANTES, Paulo. **Um Hegel Errado, mas Vivo** in *IDE*. São Paulo, (21), 1991.
_____. **Hegel no Espelho do Dr. Lacan** in *IDE*. São Paulo, (22), 1992.
- ASSOUN, Paul Laurent. **Freud, a filosofia e os filósofos**. Rio de Janeiro: Fontes Alves, 1978.
- BECK, Lewis White. **The Actor and the Spectator: foundations of the theory of human action**. Bristol: Thoemmes Press, 1975.
- BERNHEIM, . **Hypnotisme et Suggestion**. Paris: Octave Doin e Fils Eds, 1910.
- BORCH-JACOBSEN, Mikkel. **Lacan: le maître absolu**. Paris: Flammarion, 1995.
- BOUVERESSE, Jacques. **Wittgenstein Reads Freud: the myth of the unconscious**. Princeton: Princeton Univ. Press, 1995.
- CANGUILHEM, Georges. **O Que é a Psicologia?** in *Impulso*, n. 26. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1999.
- CAZETO, Sidnei José. **A Constituição do Inconsciente em Práticas Clínicas na França do Século XIX**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2001.
- CHARRAUD, Nathalie. **Lacan et les Mathématiques**. Paris: Anthropos, 1997.
- CHEMAMA, Roland (org.). **Dictionnaire de la Psychanalyse**. Paris: Larousse, 1993.
- CIOFFI, Frank. **Wittgenstein on Freud and Frazer**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1998.
- DARMON, Marc. **Ensaio sobre a Topologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

DESCOMBES, Vincent. **L'Inconscient Malgré Lui**. Paris: Les Editions de Minuit, 1977.

Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

Dicionário de Psicanálise: Freud e Lacan, 1. Salvador: Ágalma, 1994.

DILMAN, Ilham. **Freud e a Mente**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

FORRESTER, John. **As Seduções da Psicanálise: Freud, Lacan e Derrida**. Campinas: Papirus: 1990.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas Psicológicas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.

FURLAN, Reinaldo. **Freud, Politzer, Merleau-Ponty** in *Psicologia USP*, v. 10, n. 2. São Paulo: Inst. Psicologia/USP, 1999.

GABBI JR., Osmyr. **Alice e a Metapsicologia: a psicanálise como teoria do contrasenso**. Cadernos, IFCH-UNICAMP, n. 23, 1992.

_____. **É Possível uma Clínica Psicanalítica sem Metapsicologia?** in *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro: PUC, Depto de Psicologia, vol. 12, n.1, 2000.

_____. **A Eterna Juventude da Psicologia: o caso da psicanálise** in *Crítica dos Fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1998.

_____. **Freud: Racionalidade, Sentido e Referência**. Campinas: CLE-UNICAMP, 1995.

_____. (org.) **Fundamentos da Psicanálise: pensamento, linguagem, realidade e angústia**. Campinas: UNICAMP/CLE, 1999.

_____. **Notas a Metapsicologia Lacaniana** in *Revista Natureza Humana*, n.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRANON-LAFONT, Jeanne. **La Topologie Ordinaire de Jacques Lacan**. Paris: Point Hors Ligne, 1985.

GRECO, Pierre. **Epistemologia da Psicologia**. Porto: Ed. Nova Crítica, 1976.

JAKOBSON, Roman. **Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia** in *Linguística e Comunicação*. SP: Cultrix, 1995.

- JOHNSTON, Paul. **Wittgenstein: rethinking the inner**. London: Routledge, 1993.
- JULIEN, Philippe. **O Retorno a Freud de Jacques Lacan: a aplicação ao espelho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- KIMMERLE, Gerd. **Denegação e Retorno: uma leitura metodológica de Para Além do Princípio de Prazer, de Freud**. Piracicaba: Ed.UNIMEP, 2000.
- KOJÈVE, Alexandre. **Introduction to the Reading of Hegel**. New York: Basic Books, 1969.
- LACAN, Jacques. **Autres Écrits**. Paris: Ed. du Seuil, 2001.
- _____. **De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité**. Paris: Seuil, 1975a.
- _____. **Écrits**. Paris: Seuil, 1966.
- _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. **Le Mythe Individuel du Nevrosé in Ornica?**, n. 17/18.
- _____. **Le Seminaire I: Les écrits techniques de Freud**. Paris: Seuil, 1975b.
- _____. **Le Seminaire II: Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse**. Paris: Seuil, 1978.
- _____. **Le Seminaire III: Les psychoses**. Paris: Seuil, 1981.
- _____. **Le Seminaire IV: La relation d'objet**. Paris: Seuil, 1994.
- _____. **Le Seminaire V: Les formations de l'inconscient**. Paris: Seuil, 1998.
- _____. **Le Seminaire VI: Le decir et son interpretation** (seminário inédito).
- _____. **Le Seminaire VII: L'éthique de la psychanalyse**. Paris: Seuil, 1986.
- _____. **Seminario IX: La identificación** (seminário inédito).
- _____. **Seminário X: A angústia** (seminário inédito).
- _____. **Le Seminaire XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse**. Paris: Seuil, 1973.
- _____. **Le Seminaire XVII: L'envers de la psychanalyse**. Paris: Seuil, 1991.
- _____. **Seminario XVIII: De um discurso que não seria do semblante** (seminário inédito).
- _____. **Le Seminaire XX: Encore**. Paris: Seuil, 1975c.
- _____. **Seminário XXII: RSI** (seminário inédito).
- LAPLANCHE, J. & LECLAIRE, S. **O Inconsciente: um estudo psicanalítico in O Inconsciente: VI Colóquio de Bonneval**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. **Vocabulaire de la Psychanalyse**. Paris: PUF, 1967.
- _____. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- LEGRANDE, Michel. **L'Inconscient et la Psychanalyse in La Revue Philosophique de Louvain**, v. 76, n. 31. Louvain: Univ. Catholique, 1978.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- _____. **Introduction a l'Oeuvre de Marcel Mauss** in MAUSS, Marcel. *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF, 1968.
- MACEY, David. **Lacan in Contexts**. Londres: Verso, 1988.
- MacINTYRE, A.C. **The Unconscious: a conceptual analysis**. New Jersey: Humanities Press, 1958.
- MILHAU, Jacques. **Georges Politzer ou le retour philosophique** in *La Pensée*, n. 205, 1979.
- MILNER, Jean-Claude. **A Obra Clara: Lacan, a ciência e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- _____. **Le Périphe Structural: figures et paradigmes**. Paris: Ed. du Seuil, 2002
- MONZANI, Luiz Roberto. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1989.
- OGILVIE, Bertrand. **Lacan: a formação do conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- OSBORNE, Richard. **Freud para Principiantes**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1993.
- PRADO JR., Bento (org.). **Filosofia da Psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. **Georges Politzer: sessenta anos da Crítica dos Fundamentos da Psicologia** in PRADO Jr. (org) *Filosofia da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- POLITZER, Georges. **Crítica dos Fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise**. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1998.
- _____. **Écrits 2: les fondements de la psychologie**. Paris: Editions Sociales, 1969.
- PORGE, Erik. **Jacques Lacan, un psychanalyste: parcours d'un enseignement**. Paris: Erès, 2000.
- _____. **Psicanálise e Tempo: o tempo lógico de Lacan**. Rio de Janeiro: Campo Matémico, 1994.
- QUINTANA, Mário. **A Vaca e o Hipogrifo**. São Paulo: Globo, 1995.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **História da Psicanálise na França: a batalha dos cem anos - vol. 2: 1925-1985**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

- _____. **Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ROUSTANG, François. **Lacan: do equívoco ao impasse.** Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- SAFATLE, Vladimir (org). **Um Limite Tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise.** São Paulo: Ed. UNESP, 2003.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1995.
- SCHNEIDERMAN, Stuart. **Jacques Lacan: a morte de um herói intelectual.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- SIMANKE, Richard Theisen. **Metapsicologia Lacaniana: os anos de formação.** São Paulo: Discurso Editorial. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.
- _____. **A Letra e o Sentido de um ‘Retorno a Freud’ de Lacan: a teoria como metáfora** in SAFATLE, V. *Um Limite Tenso.* São Paulo: UNESP, 2003, p. 278.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Lectures and Conversations on Aesthetics, Psychology and Religious Belief.** Berkeley: Univ. of California Press, 1967.
- _____. **Los Cuadernos Azul y Marron.** Madrid: Tecnos, 1968.
- ZAFIROPOULOS, Markos. **Lacan et les Sciences Sociales: le déclin du père (1938-1953).** Paris: PUF, 2001.